

Universidade Estadual de Campinas

MESTRADO EM LINGÜÍSTICA

**UM ESTUDO DE VARIAÇÃO DIALETAL
A ALTERNÂNCIA DE [ãw]~[õ] FINAL NO PORTUGUÊS FALADO
NA CIDADE DE CÁCERES - MT**

CAMPINAS – SP

2000

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
MESTRADO EM LINGÜÍSTICA

UM ESTUDO DE VARIAÇÃO DIALETAL
A ALTERNÂNCIA DE [ãw]~[õ] FINAL NO PORTUGUÊS FALADO
NA CIDADE DE CÁCERES - MT

MARIZA PEREIRA DA SILVA

Dissertação apresentada ao Curso de Lingüística, do Instituto de Estudos da Linguagem, da
Universidade Estadual de Campinas, como requisito
parcial para a obtenção do título de Mestre em
Lingüística, área de concentração Sociolingüística.

BANCA EXAMINADORA

Professora Dra. Tânia Maria Alkmim - orientadora
Professora Dra. Maria Luiza Braga - membro
Professor Dr. Angel Humberto Corbera Mori - membro
Professor Dr. Eduardo Roberto Junqueira Guimarães - suplente

CAMPINAS - SP
2000

**FICHA CATOLOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA IEL - UNICAMP**

Si38e Silva, Mariza Pereira da
Um Estudo de variação dialetal a alternância de [ãw]~[õ] final no
português falado na cidade de Cáceres – MT / Mariza Pereira da Silva
- - Campinas, SP [sn],2000.

Orientador: Tânia Maria Alkmim
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Lingüística – Pesquisa – Cáceres (MT). 2. Sociolingüística. 3
Fala. 1 Alkmin, Tânia Maria. II. Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Estudos da Linguagem. III. Tituto.

Mariza Pereira da Silva

Aprovada em / / /

BANCA EXAMINADORA

PROF^a Dr. Tânia Maria Alkmim – Orientadora

Prof^a Dr. Maria Luiza Braga

Prof. Dr. Angel Corbera Mori

Prof. Dr. Eduardo Roberto Junqueira Guimarães

DEDICATÓRIA

A meu Deus, porque tudo posso naquilo que me fortalece.

Ao meu filho Eduardo Miguel Silva e Silva, razão do meu viver e motivação para esta conquista e para tudo o mais...

Aos meus pais Manoel Paulo da Silva e Nídia América da Silva, mais do que em memória, porque são espaços jamais preenchidos.

AGRADEÇO

A Deus, acima de tudo e por tudo.

Ao meu filho Eduardo Miguel, pela aceitação forçada de um abandono justificado.

A minha família, que mesmo distante me incentivou e apoiou em todos os momentos dessa trajetória.

A minha sobrinha Herika Renally e minha secretária e afilhada Aparecida Lucinéia, pelo apoio dado, principalmente nas horas mais difíceis dessa caminhada.

À Profa. Tânia Maria Alkmim, pelas observações e sugestões feitas no decorrer da orientação deste trabalho, contribuindo para que eu o realizasse.

À Profa. Maria Luiza Braga, que de forma paciente e sempre tão solícita se dispôs a me ajudar, mostrando-me caminhos a serem seguidos, contribuindo assim para que eu alcançasse esta meta.

À Universidade do Estado de Mato Grosso, pela política de incentivo à qualificação de seus docentes.

À Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso, por ter concedido a minha liberação para qualificação profissional.

Ao Prof. Angel Humberto Corbera Mori, pelas valiosas observações e sugestões na qualificação, e pela amizade e apoio demonstrados no decorrer deste Mestrado.

Aos Profs. Eduardo Roberto Junqueira Guimarães e Eric Fernandes Hernandez, pelo importante trabalho no MINTER, permitindo-me conquistas como essa.

Aos professores: Maria Bernadete Abaurre, Eni Orlandi, Jairo Nunes, Mônica Zoppi, Rosa Attié, Maria Fausta Pereira de Castro, Suzi Lagazi e demais professores do IEL, que contribuíram de alguma forma para que eu alcançasse esta vitória.

Ao Prof. Gilvan Müller pelo estímulo aos estudos no campo da sociolinguística.

Aos meus amigos do MINTER e aos que fiz na UNICAMP no decorrer deste mestrado, pelo companheirismo em fases difíceis dessa jornada.

Aos meus amigos Rogério Añez e Angélica Rodrigues pelo apoio e contribuição em algumas etapas desse trabalho.

Aos funcionários da Biblioteca e Secretaria de Pós Graduação do IEL, pela gentileza e prontidão com que sempre me atenderam quando os solicitei.

Aos meus informantes anônimos, que tornaram possível a execução deste trabalho.

Aos meus alunos, que me estimularam sobremaneira tornando-se ponto focal para essa busca de qualificação profissional.

Enfim, àqueles que contribuíram de alguma maneira para essa realização pessoal e acima de tudo profissional.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	15
1.	A ALTERNÂNCIA [ãw] ~ [õ].....	19
1.1.	Variação e Mudança.....	21
1.2.	Proposta Laboviana de Análise Lingüística.....	23
1.3.	A Comunidade em Estudo	25
1.3.1.	Aspectos Históricos.....	25
1.3.2.	Aspectos Lingüísticos.....	28
2.	O FENÔMENO EM ESTUDO.....	31
2.1.	Hipótese Quanto à Origem.....	33
2.2.	Hipótese Quanto ao Estatuto Sincrônico.....	35
2.2.1.	Variação Estável ou Mudança em Progresso?.....	35
2.3.	Variação no Espaço Fônico.....	38
2.4.	Breve Histórico da Evolução Lingüística do /ão/ no Português Portugal/Brasil..	40
2.5.	Descrição Histórica e Etnográfica da Comunidade de Fala Cacerense.....	45
2.6.	Metodologia.....	49
2.6.1.	Amostragem.....	50
2.6.2.	Método de Análise Estatística	52
2.6.3.	Variável dependente.....	53
2.6.4.	Variáveis independentes.....	53
3.	ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	61
3.1.	Grupos de Fatores Seleccionados.....	62
3.1.1.	Grupos de fatores extralingüísticos.....	63
3.1.2.	Grupos de fatores lingüísticos.....	74
3.2.	Correlação entre Grupos de Fatores.....	75
3.3.	Grupos de Fatores não Seleccionados.....	92
	CONCLUSÃO.....	95
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	99
	ANEXOS.....	107

ABREVIATURAS E SIGLAS

OP	Observação participante
OCO	Ocorrência
P.R.	Peso relativo
CPC	Cacerenses pais cacerenses
CPÑC	Cacerenses pais não cacerenses
CM	Classe média
CMB	Classe média baixa
CB	Classe baixa
P	Padrão
ÑP	Não padrão
B. Centrais	Bairros centrais
B. Periféricos	Bairros Periféricos

LISTA DE SÍMBOLOS

[]	Representação de realização fonética
/../	Representação de fonemas
$x > y$	X origina y
$x < y$	X é originado por y
[ãw] ~ [õ]	[ãw] varia com [õ]
σ	Sílaba
R	Rima
N	Núcleo
V	Vogal
C	Consoante

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Traços da semivogal <i>u</i>	32
Quadro 2	Evolução das vogais nasais em posição final.....	42
Quadro 3	Descrição de uso das variantes padrão e não padrão em domínios públicos de bairros centrais e periféricos.....	47
Quadro 4	Descrição de uso das variantes padrão e não padrão na interação verbal familiar entre famílias de bairros centrais e periféricos, por geração.....	48
Quadro 5	Representação da combinação das células sociais sexo, classe e idade controladas no estudo.....	59

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Efeito do fator idade relativo ao uso da variante [ãw].....	64
Tabela 2	Efeito do fator estilo relativo ao uso da variante [ãw].....	67
Tabela 3	Efeito do fator origem relativo ao uso da variante [ãw].....	68
Tabela 4	Efeito do fator Sexo relativo ao uso da variante [ãw].....	70
Tabela 5	Efeito do fator classe social relativo ao uso da variante [ãw].....	71
Tabela 6	Efeito do fator setor residencial relativo ao uso da variante [ãw].....	73
Tabela 7	Efeito do fator ítems lexicais e não lexicais relativo ao uso da variante [ãw].....	75
Tabela 8	Efeito do fator tonicidade da sílaba sobre o uso da variante [ãw].....	76
Tabela 9	Distribuição do uso das variantes por estilo e idade.....	78
Tabela 10	Distribuição do uso das variantes por origem e idade.....	81
Tabela 11	Distribuição do uso das variantes por sexo e idade.....	84
Tabela 12	Distribuição do uso das variantes por idade e classe social.....	86
Tabela 13	Distribuição do uso das variantes por estilo e classe social.....	88
Tabela 14	Distribuição do uso das variantes por origem e classe social.....	90

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	[ãw] em Cáceres por idade.....	65
Gráfico 2	[ãw] em Cáceres por classe social.....	72
Gráfico 3	[ãw] em Cáceres por idade e estilo.....	80
Gráfico 4	[ãw] em Cáceres por idade e origem.....	82
Gráfico 5	[ãw] em Cáceres por idade e sexo.....	85
Gráfico 6	[ãw] em Cáceres por idade e classe social.....	87
Gráfico 7	[ãw] em Cáceres por estilo e classe social.....	89
Gráfico 8	[ãw] em Cáceres por origem e classe social.....	91

RESUMO

Este estudo, na sua amplitude, pauta-se em uma situação de heterogeneidade da língua, tratando em particular de um fenômeno fonético-fonológico da fala da comunidade de Cáceres-MT, a alternância do ditongo nasal final [ãw] pela vogal nasal [õ]. Na tentativa de explicar essa variação, no sentido de esclarecer a extensão e propagação da mudança lingüística, nos valem do modelo de análise da sociolingüística variacionista, e, através de um tratamento estatístico que subjaz ao modelo, com base em dados coletados da fala da comunidade, procuramos examinar as formas de realização do ditongo, baseando-nos na hipótese que os efeitos exercidos sobre a variação estariam correlacionados a fatores condicionantes lingüísticos e extralingüísticos. Em um estudo sincrônico da variação em foco, aliado a uma perspectiva histórica, procuramos não só averiguar a tendência que o fenômeno apresenta no momento atual, assim como determinar o que teria originado a variante não padrão [õ]. Os resultados apontam para uma variação sustentada por fatores de ordem social, uma vez que os estes foram os principais determinadores da alternância [ãw]~[õ]. Com relação à tendência que o processo de variação apresenta no momento sincrônico, os resultados nos indicam uma mudança em progresso. Sobre a origem da variante não padrão [õ], indícios nos levam a acreditar que se trata de uma variante arcaizante, provavelmente uma herança fonética proveniente dos colonizadores da comunidade – portugueses vindos do Norte de Portugal. Confirmam-se neste estudo a proposta da sociolingüística, no sentido que variáveis lingüísticas e não-lingüísticas operam em um conjunto de correlações que favorecem ou não o emprego de formas variantes.

PALAVRAS-CHAVE: Lingüística – Pesquisa - Cáceres (MT) - Sociolingüística - Fala

ABSTRACT

This study, is ruled in a situation of heterogeneity of the language, dealing in peculiar with a phonetic-phonological phenomenon of the speech community of Cáceres-MT, the alternation of the final nasal diphthong [ãw] for the nasal vowel [õ]. In the attempt to explain that variation, in the sense of explaining the extension and propagation of the linguistic change, we used the model of analysis of the variationist sociolinguistics, and, through a statistical treatment that subjected to the model, based on collected data of the community's speech, tried to examine the forms of accomplishment of the diphthong, basing on the hypothesis that the effects exercised about the variation would be correlated to conditionoing linguistic and extralinguistic factors. In a synchronous study of the variation in focus, allied to a historical perspective, we sought not only to discover the tendency that the phenomenon presents in the current moment, as well as determining what would have originated the no pattern variant [õ]. The results indicate a variation sustained by factors of social order, since the social factors were the main cause of the alternation [ãw]~[õ]. Regarding the tendency that the variation process presents in the synchronous moment, the results lead us to a change in progress. About the origin of the no pattern variant [õ], indications make us to believe that it is an archaistic variant, probably originating from phonetic inheritance of the community's settlers - Portuguese originated from the North of Portugal. It is confirmed in this study the proposal of the sociolinguistics in the sense that varied linguistics and extralinguistics operate in a group of correlations that favor or do not favor the use of variant forms.

KEY WORDS: Linguistic - Research - Cáceres (MT). Sociolinguistics. Speec

INTRODUÇÃO

A língua é aparentemente natural e ao mesmo tempo um todo complexo. Tentar explicar esse paradoxo tem sido tarefa incessante de lingüistas, ao longo dos anos, à medida que procuram mostrar fatos e analisar fenômenos da língua.

Este estudo tem como objetivo analisar um fenômeno acerca do uso da língua, observado na fala da comunidade de Cáceres – MT: a alternância de [ãw] ~ [õ] em final de vocábulo. Duas formas variantes co-existem no sistema lingüístico dessa comunidade, com uma forte tendência da variante [õ], estigmatizada pela maioria dos falantes, desaparecer, dando lugar à variante [ãw].

A princípio, duas hipóteses surgiram acerca do fenômeno a de ser esse um caso de monotongação do ditongo [ãw], que estava se desencadeando na comunidade de Cáceres, ou ser a variante [õ] uma herança da colonização portuguesa, ou seja, resquício da fala do colonizador dessa região.

Mediante o exposto, surgiu o interesse de saber a origem dessa variação, analisar as forças que atuam sobre ela, bem como saber o comportamento da forma estigmatizada [õ], sua inserção e propagação no sistema lingüístico da comunidade.

Neste sentido, optamos por um estudo sincrônico, com um enfoque diacrônico, que possa dar conta de esclarecer o fenômeno. Procuramos, portanto, situá-lo dentro de um quadro maior, dividido em duas partes: na primeira parte, em que procuramos mostrar a provável origem da variação lingüística que envolve a variante [õ], descrevemos a comunidade em foco, buscando relacionar o fenômeno com a história dessa comunidade; na segunda parte submetemos dados da fala da comunidade a um tratamento estatístico, usando o instrumental ou método quantitativo da Teoria da Variação.

Embora reconhecendo no fenômeno um caso de heterogeneidade lingüística que se situa no campo fonológico, não é interesse deste estudo realizar uma análise fonológica do fenômeno, ficando apenas nos limites de uma análise predominantemente sociolingüística.

Assim, procuramos, a partir de dados coletados da fala da comunidade, descrever, analisar e sistematizar o envelope de variação; observar indícios de mudança através de

gradação etária; além de fazer uma projeção histórica da variável no sistema sociolinguístico da comunidade.

Sendo este um trabalho de sociolinguística, subjaz um compromisso com o aspecto social da linguagem, entendendo que “as pressões sociais estão operando continuamente sobre a linguagem como uma força social imanente”. Deste modo, serão testados, neste estudo, além de fatores internos ou lingüísticos, também fatores externos ou extralingüísticos que incidem sobre as variantes, como influência à aplicação da regra de substituição, no sistema de fala da comunidade de focalizada.

Em conformidade com Labov (in Tarallo 1994), a concepção e o alcance do modelo sociolinguístico são ao mesmo tempo sincrônicos e diacrônicos. De forma que, tanto a variação (entendida como situação lingüística em determinado momento – sincronia) como a mudança (entendida como situação lingüística em vários momentos sincrônicos, avaliados longitudinalmente – diacronia) devem ser estudadas aqui.

Nesta perspectiva, um outro princípio irá nortear esta investigação: o do uniformitarismo, para o qual, conforme Tarallo (1994) “as forças que atuam no momento sincrônico presente são (ou deveriam ser) as mesmas que atuam no passado, e vice-versa”.

Através da busca de fatos históricos relativos à variante [õ], pretendemos esclarecer todo o processo de sua configuração. O interesse nos fatos históricos da variante, prende-se a um princípio da tradicional lingüística histórica, no sentido de que “A estrutura de uma língua somente será totalmente entendida à medida que se compreendam efetivamente os processos históricos de sua configuração”. (Tarallo, 1994).

Portanto, propomos, a exemplo de Tarallo (1994), fazer “uma viagem de ida e volta: do presente ao passado e de volta ao presente”. Esta viagem é importante, para entendermos melhor os aspectos relacionados às causas da mudança sonora em estudo, no sentido de saber como esta se implantou no sistema fonético-fonológico da comunidade, ao longo do tempo.

A partir desta análise, surgirá a verdadeira perspectiva sobre a variante não padrão [õ]. Será que esta variante, avaliada no momento sincrônico como estigma sociolinguístico da comunidade de Cáceres, sempre existiu no sistema de fala desta comunidade?

Para verificar essa hipótese, viajamos em direção ao passado, com o objetivo de colher dados históricos que pudessem esclarecer a atuação desta adversária no momento

sincrônico. E, baseando-nos em Silva (1991), Cunha (1986), Silva Neto (1960) e Vasconcelos (1959), em textos de épocas passadas, que abrangem determinados momentos históricos referidos nas obras desses autores, procuramos localizar a variante no tempo, acompanhar seu processo de evolução lingüística e, com o respaldo de dados históricos da região de Mato Grosso, compreender como essa variante se originou no sistema de fala da comunidade de Cáceres, mantendo-se até hoje.

De volta ao presente, procuramos explicar o processo de variação em foco, e, através de um estudo em *tempo aparente*, buscamos estabelecer a tendência que a variação apresenta no momento atual, ou seja, estabelecer os possíveis caminhos das variantes e esclarecer a extensão e propagação da troca lingüística.

A presente dissertação foi organizada em cinco seções. A seção 1 refere-se à introdução, enquanto prefácio do estudo realizado.

Na seção 2, que dedica-se à alternância [ãw] ~ [õ], apresentamos o fenômeno em estudo, situando-o no seu campo de atuação, a proposta de análise na qual irá se pautar o trabalho, seguida de uma abordagem histórica da comunidade, mostrando aspectos sociais e étnicos relacionados à origem do dialeto da comunidade, além dos aspectos lingüísticos relacionados à fala dessa comunidade.

Já na seção 3, apresentamos o fenômeno em estudo, as hipóteses quanto à sua origem e quanto ao estatuto sincrônico; localizamos o fenômeno enquanto variação fonológica, enumerando alguns estudos realizados no Brasil; expomos um histórico da evolução lingüística do ditongo decrescente nasal final [ãw] no sistema da língua portuguesa; apresentamos uma descrição histórica e etnográfica da comunidade; e, em seguida, expomos detalhadamente a metodologia adotada para o desenvolvimento do trabalho.

A seção 4, por sua vez, está voltada à análise quantitativa dos dados da fala da comunidade, ou seja, nela encontram-se os resultados apresentados na análise estatística dos dados.

E, finalmente, a seção 5 trata da conclusão e fechamento deste estudo, das questões relativas ao fenômeno em foco, visto como mudança lingüística. Nessa seção, apresentamos também sugestões para futuros trabalhos de pesquisa relacionados à sociolingüística, na região de Mato Grosso.

Na seqüência, encontram-se ainda Bibliografia, e Anexos contendo itens que nos auxiliaram no trabalho, como: dados de fala utilizados em operação do Varbrul, entrevistas e mapa da localização da área de estudo.

Esperamos, portanto, que os resultados dos procedimentos teóricos e metodológicos, sugeridos para descrever o fenômeno, venham a servir como contribuição para a compreensão dos mecanismos da mudança lingüística.

1. A ALTERNÂNCIA [ãw] ~ [õ]

A princípio, pensando o fenômeno como um caso de monotongação - mudança controlada pelo efeito fonético operando no segmento da palavra - nos veio a seguinte pergunta: Será que se trata de uma regra que está se implantando no sistema de fala da comunidade de Cáceres ou será uma regra que se implantou nessa comunidade desde o período de sua fundação, mas que está sendo rapidamente eliminada? Caso se trate de uma regra que está sendo implantada, que modelo estaria atuando quanto à implementação desse fenômeno no léxico, Neogramático ou Difusionista?

A discussão entre esses dois modelos explicativos da mudança sonora centra-se no papel do léxico, na ordem relativa aos efeitos lexical e fonético. Os lingüistas que defendem a posição Neogramática acreditam na **hipótese da regularidade** da mudança sonora, nos seguintes termos: “*a mudança opera mecanicamente segundo leis que não admitem exceção*”, recorrendo ao princípio da analogia (Bynon, 1977:24) para explicar as eventuais exceções que contradizem a regularidade sonora, acreditando ainda que em um processo de mudança o efeito fonético acontece primeiro do que o efeito lexical. Para eles a mudança se implementa de maneira “foneticamente gradual, mas lexicalmente abrupta”.

Já os que defendem os princípios da Difusão Lexical acreditam que primeiro vem o efeito lexical e depois o fonético, ou seja, a mudança é “foneticamente abrupta, porém lexicalmente gradual”. Através dessa maneira de ver a mudança, Wang (1969) parte do pressuposto de que a unidade básica da mudança é a palavra, visto que, de acordo com este modelo, a mudança se difunde através do léxico, podendo não atingir simultaneamente todas as palavras relevantes no processo. Conforme os princípios que regem a difusão lexical, as irregularidades e exceções que contradizem a regularidade sonora poderiam ser o resultado natural da atuação de duas mudanças sonoras regulares, e não da competição entre mudança sonora e analogia.

Enquanto os neogramáticos apostam na mudança que opera mecanicamente, sem deixar exceção, os difusionistas apostam na mudança que ocorre na palavra, e não em parte dela, podendo existir exceções à regra, visto que a mudança não afeta todas as palavras ao mesmo tempo.

Como uma tentativa de conciliação da disputa existente entre esses dois modelos, surge a controvérsia Neogramáticos X Difusionistas, envolvendo lingüistas como o americano William Labov (1981, 1994) e o lingüista brasileiro Oliveira (1991).

Na discussão em relação a esses modelos, Labov, que defende os princípios Neogramáticos, vê a mudança sonora como **foneticamente gradual**, mas **lexicalmente abrupta**, procedendo através de etapas imperceptíveis e afetando todos os itens lexicais relevantes. Para ele, a unidade básica de mudança é o **som** (o segmento).

Já Oliveira, que defende os princípios difusionistas, vê a mudança sonora como **foneticamente abrupta**, mas **lexicalmente gradual**, no sentido dela se espalhar através de alterações perceptíveis, sem atingir todas as palavras relevantes ao mesmo tempo. Para este autor, a palavra está em primeiro lugar, é a palavra que dita sua própria história independentemente de acontecimentos fonético-fonológicos que ocorram no sistema.

Porém, na tentativa de conciliar os modelos, Labov (1981) mostra, através de estudos sobre mudança sonora em progresso na cidade de Filadélfia, a necessidade de se distinguirem no sistema dois tipos de mudança: as de nível baixo (alçamento, rebaixamento, anteriorização, posteriorização, etc.), que se implementam via regras Neogramáticas, e as de nível mais alto (mudanças fonológicas abstratas), que se implementam via Difusão Lexical.

Contudo, negando qualquer possibilidade de mudança por regras Neogramáticas, Oliveira, contradizendo a posição de Labov, defende que *“Há mudanças sonoras que não se encaixam no modelo Neogramático”*, como também *“Há mudanças sonoras que são consideradas, por algum critério teórico, de natureza Neogramática, quando reexaminadas, demonstram ter condicionamento lexical”*, acrescentando ainda que *“Há mudanças sonoras que não apresentam condicionamento lexical no presente (isto é, são regulares), mas que no passado tiveram condicionamento lexical”*. Por fim, ele admite que a mudança do tipo $X \rightarrow Y/Z$ pode no final atingir regularidade, desde que Z ofereça um ambiente fonético natural para Y, isto é, no momento em que a mudança conseguir completar seu curso afetando todos os itens relevantes.

A discussão entre os dois modelos prossegue, à medida que renovam-se os interesses pelos aspectos relacionados às causas da mudança sonora. Todavia, como os

indícios deste estudo nos encaminham para outra direção, entendemos que não é relevante, neste âmbito, prosseguirmos tal discussão.

1.1. Variação e Mudança

Em toda comunidade de fala são freqüentes as formas lingüísticas em variação ou variantes lingüísticas.

Compreender o mecanismo pelo qual as línguas evoluem e mudam e o processo que levou à grande diversidade lingüística no mundo atual, é ainda uma das grandes inquietações dos lingüistas, que, através de estudos minuciosos das mudanças que se processam nas comunidades de fala, procuram respostas para essas inquietações.

A concepção de língua, enquanto organismo vivo que se desenvolve e se transforma, aponta em direção a seu caráter heterogêneo e conseqüentemente aos conceitos de variação e mudança lingüística.

Nesta perspectiva, a língua está sujeita à variação e/ou à mudança ao longo do tempo, entendendo que nem toda variação indica mudança, mas que toda mudança pressupõe variação.

Em estudos de evolução da língua, várias são as formas de defini-la. Saussure (1973), por exemplo, a vê pelo fato de não constituir uma função do falante, como o produto que o indivíduo registra passivamente, e, ao distinguir *langue/parole*, estabelece que a língua é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, e que esta é uma coisa de tal modo distinta que um homem privado do uso da fala a conserva, contanto que compreenda os signos que ouve. Para este autor, a linguagem tem um caráter individual e um caráter social, que não podem ser concebidos isoladamente. Ao caráter individual corresponde a fala (*parole*), e ao caráter social corresponde a língua (*langue*).

Já para Labov (1972), o aspecto insólito da divisão estabelecida por Saussure entre língua e fala está em que a primeira – social – nunca poderia ser pesquisada nas suas manifestações reais, visto que se estaria diante da fala; por outro lado, a fala vista como individual poderia ser surpreendida apenas no contexto social. A isto Labov chamou de

paradoxo saussuriano, mas admite que no modelo de concepção estruturalista da linguagem, defendido por Saussure, esteja presente a relação língua e sociedade, que, para Labov, foi sutilmente abandonada pela escola gerativo-transformacional, defendida por Chomsky nos anos 1960.

Os fatores sociais da linguagem, defendidos pelo estruturalismo saussuriano desde o início do século XX e reforçados pelo pós-estruturalismo da sociolinguística, se contrapõem aos fatores psicológicos da linguagem, defendidos pelo gerativismo chomskyano.

Para Chomsky (1965), o objeto dos estudos linguísticos é a competência linguística do falante-ouvinte ideal, pertencente a uma comunidade linguisticamente homogênea. Nesta concepção, o caráter da heterogeneidade linguística, defendido por Labov, não existe, tampouco a relação da língua com o social, uma vez que os gerativistas concebem a competência - o sistema subjacente - como o objeto da ciência linguística, excluindo qualquer possibilidade de na sua constituição serem incorporados aspectos sociais ou culturais, relegando-os ao plano da performance. Dessa forma, as variações linguísticas são vistas pelos gerativistas como irregulares e estranhas à constituição do objeto da linguística; enquanto que as variações condicionadas socialmente são vistas como *mistura de dialetos* ou *variação livre* no interior do sistema.

Reagindo, portanto, à concepção chomskyana que eliminava o componente social no modelo gerativo, porém, sem negar a validade do postulado teórico deste modelo, William Labov, baseado em modelos do passado e também em outros mais recentes, sugere uma nova visão acerca da língua, procurando enfatizar alguns dos aspectos negligenciados pelos gerativistas e por alguns predecessores desta teoria. Desta forma Labov cria a “Teoria da Variação”.

Esta teoria tem como principal objeto de descrição a fala dos membros de uma comunidade linguística, no seu aspecto sócio-cultural. Segundo Tarallo (1994), nesse modelo Labov volta a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade de sistematização da variação existente e própria da língua falada.

Por operar com números e dar um tratamento estatístico aos dados, esta metodologia de análise linguística é também denominada de Sociolinguística Quantitativa. Nela, procura-se descobrir padrões de uso, ou regularidades da fala que dizem respeito mais à

freqüência relativa de ocorrências de estruturas do que à gramaticalidade dessas estruturas. De tal forma que a freqüência relativa de operação de uma regra integra a sua descrição estrutural.

No nível sociolinguístico, em que está imanente a relação língua e sociedade, não se pode entender um processo de variação ou mudança lingüística fora da vida social da comunidade onde este processo ocorre, visto que uma variação, assim como pode estar condicionada por traços lingüísticos, pode estar condicionada também por traços sociais, ou ainda por ambos, segundo Hora (1997). Sendo assim, nesta perspectiva sociolinguística é de se esperar que o estudo de uma comunidade de fala, em particular, venha a reforçar o ponto de vista geral sobre o papel da interação social na mudança lingüística.

Com base no exposto, nos propomos a realizar aqui um estudo de investigação de variação e mudança lingüística, através de dados reais da comunidade de Cáceres-MT.

Dentre as variações lingüísticas existentes na cidade de Cáceres, o ponto focal deste estudo é a variação do segmento /ão/. Nesta comunidade, palavras como *educação*, *comunicação*, por exemplo, podem ser realizadas de duas maneiras: [edukasãw] e [edukasõ], [kõmunikasãw] e [kõmunikasõ]. Existem, portanto, na comunidade de fala cacerense duas variantes do segmento /ão/ em confronto:

1. (ão) = [ãw] - comunicação > [kõmunikasãw]
2. (ão) = [õ] - comunicação > [kõmunikasõ]

Apresentado o fenômeno variável que será investigado, a discussão ocorrerá no sentido de saber se está havendo competição entre as variantes; se o fenômeno aponta para um caso de variação estável; ou se há indício de mudança em progresso, culminando no desaparecimento de uma das variantes.

1.2. Proposta Laboviana de Análise Lingüística

Constitui uma das nossas preocupações neste estudo, o modelo de análise lingüística apropriado para norteá-lo. Portanto, discutiremos nesta seção a proposta de análise sugerida, nos anos 1960, pelo sociolinguista americano William Labov.

Com o avanço dos estudos na área da Sociolinguística, Labov procurou desenvolver um modelo teórico-metodológico – Teoria da Variação - que pudesse comprovar a validade de uma análise da estrutura e evolução da língua que evidencie seu uso, suas várias realizações em uma comunidade de fala. Neste sentido, leva-se em consideração não apenas a língua em si mesma, mas suas manifestações no cotidiano de uma determinada comunidade - a língua em relação ao social. É nesse modelo teórico-metodológico que o presente trabalho se inscreve.

A contribuição dada por Labov à sociolinguística, através de um tratamento mais rigoroso dado aos dados de fala de uma comunidade, fez dele o precursor de um novo modelo de análise sociolinguística coerente e eficaz para a descrição da língua em uso.

Este novo modelo de análise sociolinguística proposto por Labov e desenvolvido posteriormente por Cedergren e Sankoff, denominado “Teoria da variação linguística”, é também conhecido como “Sociolinguística quantitativa”, dado ao tratamento estatístico com que são submetidos os dados de análise.

Com vista em regra variável, esta nova orientação considera uma amostra de fala de uma determinada comunidade e, com base nesta amostra ou corpus, os variacionistas procuram, através de estudos quantitativos, descobrir padrões de uso da língua ou regularidades de ocorrências entre as variantes linguísticas e os traços de dimensões, tanto linguísticas como extralinguísticas, que caracterizam o contexto em que a variação ocorre.

Tendo como principal objeto de descrição a fala dos indivíduos de uma comunidade linguística, isto é, informantes especificamente escolhidos, através de métodos etnográficos ou sociológicos, para representar a comunidade a que pertencem, este estudo envolve a entrada do analista nesta comunidade. Neste âmbito, ele deve tornar possível a observação do uso da língua em seu contexto sócio-cultural, com o objetivo de garantir o acesso à fala mais espontânea possível do informante, membro da comunidade linguística.

O objetivo da proposta de Labov é estender o conceito de regra gramatical ao de regra variável, em que a frequência relativa prevista de operação de uma regra é parte integrante de sua descrição estrutural.

Para Labov (1969), o que se pretende com a regra variável é atender a um nível de adequação superior a tudo que permite o uso do conceito de variação livre, visto que toda variação é condicionada por traços linguísticos e/ou sociais.

O programa estatístico subjacente às regras faz parte de um conjunto de procedimentos disponível para correlacionar variáveis dependentes e independentes (Chambers, 1995:31).

Esse modelo variacionista de análise lingüística proposto por Labov para elucidar problemas relativos às mudanças lingüísticas, associado aos julgamentos intuitivos usados em outros paradigmas, tem dado certo e resolvido muitas das dificuldades analíticas.

Geralmente, os métodos de pesquisa de campo, nesta linha, se pautam nos trabalhos de Labov (1966), que resultam de técnicas anteriormente utilizadas pelos dialetologistas.

Como nossa preocupação neste trabalho era encontrar um modelo que pudesse oferecer meios para um tratamento eficaz da variação [ãw] ~ [õ] que se instaura na fala da comunidade cacerense, acreditamos que a escolha desta proposta é pertinente, na medida em que ela nos oferece os requisitos exigidos para a resolução do problema. Portanto, é com base nesta proposta que irá se centrar nosso estudo.

1.3 A Comunidade em Estudo

1.3.1. Aspectos históricos

Cáceres é uma cidade do interior de Mato Grosso, com aproximadamente 74.470 habitantes (dados fornecidos pelo IBGE local). Está localizada à margem esquerda do Rio Paraguai, a sudoeste do Estado, a 220 km da capital, Cuiabá, e faz fronteira com a Bolívia.

Fundado por portugueses vindos da região Norte de Portugal, em 1778, este município esteve por muito tempo sob o comando dos portugueses, uma vez que eram eles que detinham o poder econômico na região, tornando-se grandes proprietários de fazendas, como a Fazenda Jacobina, a Descalvados, entre outras que moviam a economia do município.

A proximidade com a Fazenda Jacobina, grande propriedade que funcionava como esteio econômico da região, e a sua localização geográfica - às margens do Rio Paraguai, fez com que Cáceres se desenvolvesse, tendo essa fazenda como a célula mãe do seu

desenvolvimento, visto que ela funcionava como mola propulsora de sua economia, e o Rio, responsável por uma das mais belas paisagens ecológicas do mundo - o Pantanal Mato-grossense, como a porta para este desenvolvimento, além de ponto atrativo para o desenvolvimento do turismo na região.

Com uma população acentuadamente rural, até alguns anos após sua fundação, que data de 1888, segundo Oliveira Viana (in Mendes 1973: 39), este município hoje conta com alguns pontos de desenvolvimento agropastoris, mas mantêm um comércio ativo, podendo dizer que Cáceres é um município imanentemente urbano.

Atualmente, já não se pode dizer que a força principal que move economicamente a cidade é o turismo, e sim seu comércio, que cresce a cada dia, movido pelo fluxo de estudantes que se instala na cidade, atraídos pelos cursos oferecidos pela Universidade que essa cidade sedea – Universidade do Estado de Mato Grosso.

Contando com uma alta taxa de desemprego, Cáceres só tem a oferecer, como meio de trabalho aos seus habitantes, ocupações no setor comercial e de serviço, uma vez que nesta cidade não existem indústrias.

A fundação desse município se deu a partir de um posto de fiscalização denominado Registro (posto para fiscalizar o escoamento do ouro extraído do Vale do Guaporé), construído por seus colonizadores. E seu povoamento só começou antes mesmo do surgimento de Cuiabá.

Conforme os historiadores Costa e Silva & Ferreira (1994), as primeiras penetrações de homens brancos (usado como diferenciador de índios) em Cáceres foram feitas por espanhóis em missões de assentamento de povoações, antes do surgimento de Cuiabá. Mas, coube aos portugueses a tarefa de colonizar a região e garantir seu povoamento.

A cidade foi fundada no dia 6 de outubro de 1778 com o nome de Vila Maria do Paraguai, posteriormente veio a se chamar São Luís de Cáceres – em homenagem ao seu santo padroeiro, e hoje é denominada apenas como Cáceres, por motivo de equívoco com São Luís capital do estado do Maranhão.

Sobre o povoamento da cidade, historiadores contam que seis ou sete homens brancos; trezentos caburés descendentes de índios aldeados no tempo de Dona Maria I; mulatos e negros formavam a população que deu início a Vila Maria do Paraguai. Nessa população constavam os descendentes das antigas famílias de portugueses que colonizaram

a cidade no século XVIII; os descendentes de índios Guató, Bororo e índios castelhanos, vindos das províncias bolivianas; os descendentes de escravos, além dos descendentes do boliviano Dom Mariano Ramos, fundador de um importante estabelecimento agropecuário em Flexas.

Além desses pioneiros, segundo historiadores, outros povos ocuparam a região nordeste do município – a Morraria, “que por muitas décadas foi também o celeiro de Cáceres”. Dessas raízes, conforme historiadores da região, derivaram-se numerosas proles, que contribuíram na formação e aumento da população de Vila Maria do Paraguai - hoje Cáceres.

Para esses historiadores, a defesa da fronteira sudoeste; a fertilidade do solo, regado por abundantes águas e cheio de pastagens, que era prenúncio de riqueza e prosperidade agrícola; a abertura de uma porta de navegação com São Paulo, pelo rio Paraguai; a facilidade das comunicações e desenvolvimento das relações comerciais que Cáceres poderia manter com o município de Vila Bela e com a capital Cuiabá; além da possibilidade de dar proteção aos índios, oriundos de províncias castelhanas, que foram atraídos para o município com o objetivo de serem usados nos trabalhos agrícolas caracterizaram os motivos que levaram à fundação de Cáceres.

O município de Cáceres não teve grande desenvolvimento, logo após sua fundação, devido suas condições de acesso. Sem rodovias que o ligasse aos grandes centros do país e à capital do Estado, este município permaneceu isolado por muito tempo. Porém, o incremento do seu desenvolvimento começou, segundo João Batista de Souza (in Mendes, 1973:45), em 1859 com a implantação na cidade de um destacamento militar.

Mas, foi a partir da mineração do ouro que a economia de Cáceres atravessou várias fases, estruturando-se por muito tempo nas atividades agropecuárias e de extrativismo animal e vegetal, chegando o município a destacar-se como um grande produtor e exportador de poaia (*Cephaelis ipecacunha rich*), planta bastante conhecida na região pelas suas propriedades medicinais. Isso tanto deu impulso ao município, no que tange às atividades comerciais, como contribuiu bastante para atrair imigrantes para a região.

A penetração de migrantes na região teve início nos anos 1950, tornando-se mais intensiva nos anos 60 e 70, o que fez aumentar em pouco tempo a população do município que, Segundo Póvoas (1977), em 1950 registrava uma população de 19.262 habitantes,

passando em 1975 a 115.564 habitantes (segundo estimativa feita pelo IBGE da região, baseado no censo de 1970), isso contando com a cidade de Cáceres e seus distritos. .

O fluxo migratório intenso, que se instaurou no município, gerou um grande desenvolvimento no setor agrícola e Cáceres veio a se projetar como um importante pólo de produção agrícola no Estado e no País. Isto motivou ainda mais a migração de pessoas das diversas regiões para o município, atraídas pelos benefícios que este podia proporcionar – solo fértil e boas condições climáticas.

Os imigrantes, que se implantavam no município, vindos das mais diversas regiões do país, principalmente das regiões Sul e Sudeste, impulsionaram a emancipação das populações de novos núcleos sócio-econômicos que ali se formavam, fazendo com que muitos municípios se emancipassem de Cáceres, reduzindo, desta forma, sua área geográfica e produtiva, e, conseqüentemente, dividindo sua população.

Mas isso não se concretizou em grandes perdas para o município, que hoje ainda consegue se destacar como importante centro de escoamento de grãos do Estado e importante pólo turístico.

1.3.2 Aspectos lingüísticos

No cenário da região de Mato Grosso, percebemos grande influência de falares de povos de diferentes filiações que há alguns anos atrás, atraídos pelas riquezas regionais, se instalaram no Estado, mudando não só o panorama socio-cultural, como também o panorama lingüístico da região.

Dentre as influências lingüísticas que marcam a fala dos mato-grossenses, além do português e espanhol, alguns estudiosos apontam a influência da língua dos paiaguazes – povo considerado desconhecido para estudiosos como Martins (in Holanda 1945:104); além da influência da língua dos castelhanos do Paraguai, das línguas indígenas, da língua dos escravos, trazidos para trabalhar nas lavouras de cana de açúcar, como também a influência da língua dos bandeirantes paulistas, desbravadores dessa região.

Portanto, é dessa mescla lingüística que se compõe o dialeto de Mato Grosso, e porque não dizer o dialeto de Cáceres, visto que Cáceres, como uma das cidades mais antigas do Estado, sofreu também todas essas influências no seu dialeto. Levando em consideração os primeiros habitantes do município de Cáceres, podemos supor que a origem do dialeto dessa comunidade está relacionada com o dialeto dos seus pioneiros, ou seja, com o dialeto de toda essa gente citada anteriormente.

Das raízes portuguesas instaladas em Cáceres, derivaram-se numerosas proles, culminando, assim, na fundação de afamados estabelecimentos agropastoris da Província e do Vale do Rio Paraguai, contribuindo não só no crescimento econômico desse município, como na formação e aumento da população da Vila Maria do Paraguai – hoje Cáceres – e, conseqüentemente, na formação de seu dialeto. Desta forma, podemos até afirmar que a origem do dialeto cacerense está intimamente ligada ao dialeto português, mais especificamente ao dialeto do norte de Portugal, visto que foi dessa região que vieram seus colonizadores e principais pioneiros.

Não se pode deixar de admitir, portanto, que, além dos portugueses colonizadores desse município, espanhóis, índios, tanto da região como de províncias bolivianas, escravos africanos e, até mesmo bandeirantes paulistas, contribuíram com o seu dialeto para a formação do dialeto cacerense, visto que, como foi dito anteriormente, a história de Cáceres está marcada pela presença desses povos que compõem o rol dos pioneiros dessa região.

Outros dialetos como o paulista, o goiano, o mineiro e o nordestino também serviram de influência para o dialeto dessa comunidade, considerando que a abertura da navegação fluvial e o advento do ciclo da indústria extrativa ocasionaram um incremento na população de Cáceres, que começa a se mostrar mais visível em 1850, com a implantação do destacamento militar, que atraiu gente de diversas regiões do país para esse município.

O processo migratório que a partir daí se inicia na região, intensificando-se nos anos 60 e 70, apresenta reflexos no aspecto lingüístico da comunidade. De forma que o contato quer direto, quer indireto entre cacerenses e elementos de outras regiões, tem provocado visíveis mudanças na vida dessa comunidade, tanto no aspecto sócio-cultural como no aspecto lingüístico.

Essas influências externas são percebidas claramente na fala do cacerense. Podemos até dizer que Cáceres, no seu aspecto lingüístico, é hoje uma amálgama dialetal, isto é, uma mistura de dialetos, mostrando através de seu dialeto uma extraordinária heterogeneidade lingüística.

Observamos, atualmente, no português falado pelos nativos dessa comunidade, marcas de falares vários, que se acomodam e se misturam. Dentre estas marcas há variações diversas, como é o caso da variação em estudo - [ãw] ~ [õ] - fato lingüístico visto como traço característico e reconhecidamente marcante no falar cacerense há muito tempo e que hoje parece se mostrar mais presente na fala de cacerenses adultos e idosos.

São, portanto, inúmeras as possibilidades de se efetuarem nesta região estudos no campo da lingüística, quer no aspecto sincrônico ou diacrônico, quer nos níveis fonológico, morfológico, lexical, sintático ou semântico, pois, em se tratando de pesquisa neste campo, a região é dotada de um grande potencial, quase inexplorado.

Em relação a estudos realizados no campo da sociolingüística, podemos dizer que em Cáceres especificamente não se tem nenhum registro oficial de estudos feitos relativos ao seu dialeto, porém temos alguns registros de produções científicas relacionadas na região de Mato Grosso de uma forma geral. Dos trabalhos realizados sobre a fala da região, podemos citar, por exemplo: o estudo *Vícios de Linguagem*, feito por Drummond em 1978, considerado por Souza (1999) como o primeiro estudo sobre o falar do mato-grossense; o trabalho realizado por Palma, em 1984: *Variação Fonológica na Fala de Mato Grosso: um Estudo Sociolingüístico*, em que a autora faz uma análise do uso das consoantes fricativas e africadas na fala do mato-grossense; o estudo *Fonologia do Português Mato-Grossense: uma perspectiva criolística*, feito por Souza (1999); entre outros.

Mesmo com uma história de anos de constante colonização, ainda podemos observar na comunidade de Cáceres um certo conservadorismo, por parte das pessoas mais velhas, em relação aos usos e costumes da região. No campo da lingüística, por exemplo, notamos que algumas variantes, consideradas arcaicas no sistema da língua portuguesa, ainda são conservadas na fala desta comunidade, uma delas é a variante [õ], que fez parte do sistema de fala do português de séculos passados e ainda está bem representada entre os falantes mais velhos dessa comunidade.

2. O FENÔMENO EM ESTUDO

O fenômeno em estudo, registrado na cidade de Cáceres/MT, trata-se de um caso de substituição do /ão/ em final de palavra. No sistema lingüístico desta comunidade existem duas formas de representação do ditongo nasal final /ão/ :

1. /ão/ = [ãw]
2. /ão/ = [õ]

Este caso, inicialmente, pareceu-nos um problema de mudança foneticamente condicionada. Porém, no decorrer das investigações, indícios levaram-nos a acreditar que este traço marcante da fala de Cáceres poderia ser um caso de herança fonológica, ou seja, resíduo da fala de seus colonizadores portugueses.

Com base nesta hipótese, como já foi dito anteriormente, acreditamos que não se faz necessário neste trabalho fazermos uma análise fonológica do fenômeno em foco, nem tampouco analisarmos a realidade fonética dos ditongos, portanto, nos limitamos apenas a uma análise sociolingüística do fenômeno e à descrição do processo de substituição do ditongo [ãw] da forma como este se apresenta na comunidade de fala, procurando situá-lo dentro de um quadro fonológico, com base em Paiva (1996).

Diacronicamente, a tendência a evitar os ditongos, transformando-os em vogais simples, é, para Paiva (1996), comprovada no português ao longo de toda sua história, visto que desde o latim já se evidenciava essa tendência, como por exemplo: *claustrum* (latim clássico) > *clostrum* (latim vulgar).

Paiva, no seu trabalho *Supressão das Semivogais nos Ditongos Decrescentes*, vê o ditongo como um grupo vocálico constituído de uma vogal plena, seguida de uma semivogal, que resulta em um padrão silábico complexo.

Para explicar a complexidade desse padrão silábico, é necessário que mostremos a realidade fonética das semivogais que, conforme Paiva (1996), só se efetiva na estruturação da sílaba em que, juntamente com uma vogal – elemento [+silábico] – a semivogal comporá um grupo articulatorio único, ocupando o acento ou o declive da sílaba. Para facilitar a interpretação exporemos a composição em traços da semivogal [u]:

Quadro 1 _ Traços da semivogal *u*

[u]	
-	Vocálica
-	Consonantal
+	Soante
+	Alta
-	Anterior
+	Arredondada

Foneticamente, as semivogais podem ser classificadas em termos de traço. Quanto à estruturação acústica, elas se diferenciam das vogais por não apresentarem uma estruturação de formantes nitidamente definida e das consoantes por apresentarem uma certa quantidade de energia no espectro, decorrente da não obstrução do canal vocal (Paiva, 1996). Em termos de altura, a semivogal [u] é classificada como [+ alta]; quanto ao ponto de articulação como [- anterior] e, quanto à forma dos lábios, como [+arredondada].

Considerando as palavras com segmento /ão/, é possível classificá-las em dois grupos: primeiro, o grupo das palavras em que o /ão/ tem uma função gramatical - palavras “bimorfêmicas” - em que o segmento /ão/ constitui-se em morfema gramatical – flexional, como no passado dos verbos, e derivacional, como o morfema caracterizador de grau aumentativo; segundo, o grupo das palavras em que o /ão/ não desempenha função gramatical – palavras “monomorfêmicas”, como as palavra *coração*, *educação*, etc.

Neste estudo prevíamos que as palavras “bimorfêmicas” não fossem afetadas pela regra de substituição em foco, mas parece que a aplicação da regra, neste caso, independe do tipo de palavra com terminação /ão/. De maneira que tanto as palavras “monomorfêmicas” quanto as palavras “bimorfêmicas” apresentam o mesmo comportamento em relação à regra de substituição.

Portanto, o processo de substituição aqui tratado, pela forma como se apresenta , parece constituir-se em um caso de permuta de uma forma por outra, que se dá por analogia, visto que ocorre sem qualquer alteração de traço ou sentido em todas as palavras com segmento /ão/.

No dialeto de Cáceres foram observados também casos de substituição [ãw] ~ [õu]. Palavras como *mão* e *pão*, por exemplo, são pronunciadas, em certas ocasiões, na comunidade cacerense, como [mõu] e [põu], configurando-se, assim, uma variação local entre [ãw], [õ] e [õu].

Vale dizer que não é objetivo deste trabalho o aprofundamento desse caso particular de substituição – [ãw]~[õu] também observado em Cáceres, uma vez que se tratar de um caso isolado, portanto, de pouca relevância para o estudo em foco. De forma que, mencionamos tal caso apenas como mais um indício que reforça a hipótese relativa à origem da variante [õ], mais recorrente na fala da comunidade cacerense, assunto que será tratado a seguir.

2.1 Hipótese quanto à Origem

A princípio, pensamos que a origem da variante [õ] poderia estar relacionada com o espanhol, pelo fato da comunidade estudada ser geograficamente região de fronteira, fazendo fronteira com a Bolívia. Porém, com o avanço da investigação, esta hipótese foi rejeitada, por constataremos a existência dessa mesma variante em outras comunidades de fala da região, que não fazem fronteira com nenhum país de língua espanhola. Outra hipótese levantada, com vistas à origem dialetal dos cacerenses, aponta para o sentido de ser esta variante uma herança proveniente dos colonizadores dessa comunidade.

Dois motivos nos levaram a esta segunda hipótese: primeiro, pela comprovação da existência da variante em cidades que, assim como Cáceres, foram colonizadas por portugueses; segundo, pelo fato da variante [õ] se tratar de uma forma do português arcaico, adotada como padrão no sistema da língua portuguesa de séculos passados, o que veio reforçar a hipótese de ser esta variante a forma arcaica [õ] do ditongo nasal final [ãw] – atual forma padrão do sistema da língua português.

Ao que nos parece, esta variante teria sido implantada na fala da comunidade cacerense pelos seus colonizadores portugueses, quando da fundação dessa comunidade no século XVIII, conservando-se na fala da comunidade até hoje, apesar da atual forma padrão [ãw] já fazer parte do sistema da língua portuguesa desde o século XVI.

Uma possível explicação para o fato de essa variante ter sido implantada na fala da comunidade cacerense dois séculos após ter sido substituída pela atual forma padrão [ãw], estaria, talvez, relacionada à origem dos seus colonizadores - portugueses vindos da região Norte de Portugal – região considerada, por estudiosos da história da língua, como bastante conservadora.

Conforme Celso Cunha (1986), o português só começou realmente, porém, de forma precária, a ser difundido no Brasil, no ano de 1532, com a instituição de capitânias hereditárias. Em todo o período de gestação das características mais marcantes de nossa fala – séculos XVI e XVII:

“Vieram indivíduos das distantes regiões de Portugal que falavam naturalmente a língua de seu tempo, com matizes mais conservadoras ou mais inovadoras conforme as áreas de onde provinham ...”

Conforme esse autor, a um norte conservador se opunha um sul inovador.

Portanto, diante da possibilidade de ser a variante [õ] um estigma sociolinguístico no momento sincrônico, que existe marginalmente no sistema de fala da comunidade, lado a lado com a variante padrão [ãw], é necessário que se verifiquem essas hipóteses. Para isso, em conformidade com Tarallo (1994), precisamos embarcar em direção ao passado, para explicar o presente, em uma viagem de ida e volta: do presente ao passado e de volta ao presente.

Nesta busca ao passado, os textos escritos no período arcaico são uma importante fonte de pesquisa, como sugere Silva (1991):

“A documentação remanescente do período arcaico é importante subsídio para o conhecimento da língua em uso de então, apesar das restrições necessariamente impostas na transferência do oral para o escrito.”

Desse modo, dada a impossibilidade de se ter no momento atual um registro de fala que retrate o português do período arcaico, uma vez que os gravadores só foram surgir alguns séculos depois, nos valem de algumas produções literárias do passado, como registro de fala deste período, para explicar as variações da língua no momento sincrônico. Acreditamos que “o texto escrito do período arcaico se aproxima, em geral, mais da fala do que os textos escritos posteriores à normatização gramatical” Silva (1991).

2.2. Hipótese quanto ao Estatuto Sincrônico

2.2.1. Variação estável ou mudança em progresso?

Neste estudo, procuramos também saber o atual comportamento lingüístico da comunidade cacerense, em relação ao fenômeno variável em questão, se seria um caso de variação estável ou de mudança em progresso, apesar da grande tendência que o caso apresentava em relação à segunda hipótese.

Conforme Tarallo (1994), o comportamento lingüístico de uma comunidade pode se apresentar estável ou instável em relação a uma determinada variação. Para este autor, os resultados de uma análise de variantes, de maneira geral, apontam para dois caminhos: estabilidade das adversárias (relação de contemporização pela subsistência e/ou coexistência das variantes) e mudança em progresso ou mudança em curso (que reflete situação de luta de morte entre as variantes).

Souza (1996), nos seus estudos em comunidades urbanas, tem mostrado que nem toda variação implica mudança, mas que toda mudança implica variação. Já Labov (op. cit. pag. 74-75), afirma que uma mudança lingüística em progresso raramente representa substituição categórica de uma forma pela outra, sendo mais comum haver mudança na frequência relativa das variantes e em suas restrições ambientais. Isto é, uma mudança pode iniciar-se em um ambiente mais favorável a ela e difundir-se progressivamente até atingir algum tipo de estabilização.

Naro (1996), afirma que “a mudança lingüística não é absolutamente mecânica e regular a curto prazo, onde costumam coexistir formas de diversos estágios de evolução”. Para este autor, no que se refere à mudança, existe um conflito aparente entre o curto e o longo prazo, e, dependendo do fenômeno de que se está tratando, o fator idade pode estar atuando fortemente nesse processo de mudança lingüística.

Existem fenômenos em que os falantes mais velhos tendem a preferir a variante arcaica e os falantes jovens a variante mais nova, assim como existem outros em que ambos tendem a preferir uma ou outra forma e, com o passar do tempo, vêm a adotar a forma nova, considerando a mudança lingüística a curto ou a longo prazo, conforme Naro (1996).

Mas, levando em consideração que é o indivíduo quem muda a sua maneira de falar, não sabemos ao certo até que ponto a língua falada por este pode sofrer mudança no

decorrer do tempo. Com relação a esta questão, conforme Naro, existe uma posição teórica denominada clássica, que postula que o processo de aquisição da linguagem se encerra mais ou menos no começo da puberdade e que, a partir daí, a língua do indivíduo permanece estável e qualquer mudança que venha a ocorrer será apenas esporádica.

Porém, sabemos que o processo de mudança se instaura na fala das diferentes faixas etárias, e, dessa relação, mudança lingüística e idade emanam casos não só de variação estável como de mudança em progresso. Para Naro “A média do grau de realização de uma variação estável tal como a mudança em progresso pode depender da faixa etária do falante”.

Considerando que “nem toda variação na fala representa mudança lingüística em progresso”, uma variação pode permanecer estável por vários séculos no sistema lingüístico de uma comunidade, sem apresentar qualquer evidência de perda de vitalidade. Neste caso, velhos e jovens apresentam o mesmo comportamento em contraste com o pessoal de idade intermediária.

Contudo, o processo de mudança em progresso permite a visão simultânea das diversas etapas do processo dinâmico de mudança.

Para Labov (in Callou et alii, 1998), é possível captar mudança em progresso através da análise distribucional-quantitativa de variáveis em diferentes faixas etárias. A esse processo de análise dar-se o nome de análise em tempo aparente. Nele, as formas curvas de distribuição irão indicar se se trata de variação estável ou mudança em progresso (implementação ou perda de um processo).

Callou et alii, sugerem para o estudo da mudança em progresso um método fundamental, que seria a combinação de observações em tempo aparente e em tempo real, visto que a distribuição por faixa etária pode não apresentar mudança na comunidade, e sim constituir um padrão característico de gradação etária, que se repete a cada geração.

Para esses autores, as observações feitas em tempo real ajudariam a esclarecer os problemas derivados da interpretação dos dados em tempo aparente, uma vez que a análise em tempo real permite a observação e o confronto de dois ou mais períodos discretos de tempo.

Porém, para alguns lingüistas como Chambers & Trudgill (1994), por exemplo, essa metodologia de estudo em tempo real ainda encontra-se em fase experimental, principalmente no que se refere à mudança sonora. Portanto, resolvemos não utilizá-la no presente estudo e nos basearemos apenas no método de *tempo aparente*.

A concepção de mudança aceita pela sociolinguística laboviana (Labov, 1994) segue a doutrina do uniformismo, formulada inicialmente para a geologia e que, quando aplicada a esse campo do saber, defende que todos os fenômenos geológicos podem ser explicados como resultantes de processos observáveis que operam de maneira uniforme. Tomada por empréstimo da geologia, esta teoria, que teve como precursor William Dwight Whitney (1867, *apud* Labov) e que tem influenciado significativamente a corrente neogramática, é uma pré-condição necessária, não só para a reconstrução histórica (caráter diacrônico) de um determinado problema linguístico, como para o uso do presente para explicar o passado, uma vez que permite inferir, através da observação de processos em curso, aqueles que operaram no passado.

Em uma análise de língua falada, para integrar a dimensão histórica que dê informações sobre variantes, a metodologia aponta para a análise de um recorte transversal da amostra sincrônica, em função da faixa etária dos informantes. Assim, acrescenta-se uma primeira dimensão histórica à análise: o *tempo aparente*.

Neste estudo de variedade linguística, procuramos determinar ou identificar qual das variantes é a mais recente no sistema linguístico da comunidade em foco, se as duas sempre existiram lado a lado no sistema, como também procuramos identificar se se está assistindo a um processo de mudança, uma vez que buscamos esclarecer o porquê do sistema linguístico da comunidade de Cáceres se encontrar no momento sincrônico com determinadas características variáveis.

De acordo com Tarallo, para se evidenciar um caso de mudança em progresso, é necessário que as variantes sejam correlacionadas aos diversos grupos etários selecionados. Se os resultados acusarem maior incidência, em relação às faixas etárias que correspondem às pessoas mais jovens, e menor incidência em relação às faixas etárias que correspondem às pessoas mais velhas, evidencia-se um caso de mudança em progresso. Comprovada a mudança em progresso, buscam-se as forças sociais que atuam na implementação dessa mudança.

Portanto, em uma análise de língua falada, pode-se utilizar uma metodologia que integre a dimensão diacrônica a uma sincrônica, ou seja, uma teoria da mudança linguística pode orientar-se por uma articulação teórica e metodológica entre passado, presente e passado.

2.3. Variação Fonológica

A análise sociolingüística, reconhecendo a relação entre língua e estrutura social, incorpora impasses de instabilidade social e discursiva da língua. Sendo a língua vista como um sistema heterogêneo e instável, permite uma análise que justifique modos semanticamente diferentes de se dizer a mesma coisa. Neste sentido, a variação fonológica encontra diferentes segmentos sociais, podendo ser explicada pelo **princípio do mesmo** (concomitância lingüística), como por exemplo: *explosão* ~ *explosõ*, em que o falante elege uma forma ou outra, sem alterar o enunciado do seu dizer. Cabe à sociolingüística esclarecer os impasses da instabilidade social e discursiva da língua, quando a eleição por uma forma ou outra é socialmente pertinente, e à lingüística, descrever a tendência do falante em utilizar uma forma variante, dentre as tantas formas alternativas semanticamente equivalentes (Souza, 1992).

Estudos da sociedade urbana têm mostrado que nem toda variação leva à mudança, mas toda mudança é justificada por um processo prévio de variação. Segundo Labov (1972), uma mudança lingüística em progresso dificilmente representa substituição categórica de uma forma pela outra – havendo sempre resquícios da forma antiga. Para este lingüista é mais comum haver mudança na frequência relativa das variantes e em suas restrições ambientais, de forma que uma mudança pode começar em um ambiente mais favorável a ela e difundir-se progressivamente, até atingir um tipo de estabilização.

Schane (1975) vê a maior parte das mudanças fônicas relacionadas a alterações de fenômenos articulatórios ou de percepção. Já Labov, as relaciona com fatores estruturais ou mecânicos, por exemplo: restrições fonológicas, princípio de saliência e paralelismo, que podem, segundo ele, aumentar a eficácia da articulação e facilitar a produção e interpretação.

Para Souza (1992), na variação do espaço fônico, certas variantes são favorecidas ou inibidas, em função de sua relevância funcional no discurso, enquanto outras são preferidas ou preteridas, em virtude de sua identificação com formas padrão e não-padrão, que refletem tendências conservadoras ou inovadoras. Para esta autora, segmentos sonoros tendem a harmonizar-se entre si, a contraporem-se com maior nitidez, ou até mesmo a trocarem de posição. Podem ser substituídos, inseridos ou fundidos, além de sofrerem

modificações de força articulatória, que vão do ensurdecimento, aspiração ou apagamento à sonorização.

No que diz respeito à co-articulação, segundo Souza, dada a contigüidade dos sons, podem ocorrer processos assimilatórios, em que um som se torna similar a outro, ou por ele é influenciado. Neste caso, tem-se uma palatalização ou labialização diante de vogais palatais ou labiais, ou uma nasalização de vogais, por influência de consoantes nasais. Como efeito de mecanismo de percepção, para a autora, quanto mais um segmento se diferencia de outro, mais saliente e, conseqüentemente, mais estável ele se torna. Como efeito de interface entre articulação e percepção, podem ocorrer processos que rompem grupos consonantais, inserindo uma vogal entre as duas consoantes, como por exemplo: *pneu* > *peneu* e *absoluto* > *abisoluto*, em que a sílaba travada se desfaz, restaurando o padrão CV, preferido pela língua portuguesa.

Geralmente, segmentos sonoros costumam variar em relação à extensão, à tonicidade ou à altura. Isso reflete uma série de condicionamentos gramaticais ou sociais, para esclarecer o caráter da variação. As possíveis restrições de uso das variantes e tendências de variação e/ou mudança no português falado.

Sobre fenômenos voltados à variação fonológica, podemos citar alguns estudos já realizados no Brasil, em relação à queda do *r* em final de vocábulo, por exemplo, tratado por Callou (1987), Votre (1978) e Mattos (1989). Os resultados relativos a esses estudos mostram que, para Callou, o apagamento do /r/ tende a simplificar a estrutura silábica do português /R/ - <o>. Já os resultados alcançados por Votre, abalaram os que criam na maior probabilidade de retenção do /r/ diante de vogal, na fronteira do contexto seguinte. Quanto aos resultados do estudo realizado por Mattos Lima, estes mostram que a percepção ou a supressão da vibrante final não se distribuem igualmente pelos itens do léxico.

A supressão da semivogal [y] nos ditongos decrescentes [ey] e [oy] também constitui um estudo voltado à variação fonológica, realizado no Brasil. Tratado por Paiva (1986), este estudo mostra que os casos de assimilação são independentemente motivados.

Araújo (1999), também tratou da variação fonológica do ditongo [ey], monotongado no dialeto da cidade de Caxias –MA para a vogal [e].

Outro estudo de variação fonológica, realizado no Brasil por Mollica e Mattos (1990), diz respeito à assimilação fonológica de /d/ em *ndo*, mostra, através de seus

resultados que a variação estável desse processo, no português contemporâneo, é lexicalmente condicionada.

2.4. Breve Histórico da Evolução Lingüística do /ão/ no Português Portugal/Brasil

Para melhor entendermos o fenômeno em estudo, a alternância [ãw] ~ [õ], é necessário que façamos uma retrospectiva do processo de evolução histórica que envolveu essas formas variantes do português, considerando que a variante [õ], em um dado momento da história da língua portuguesa, teve o seu estatuto de forma padrão no sistema da língua, cedendo lugar à variante [ãw], atual forma padrão.

Em épocas remotas da história do português, a variante [õ] era considerada a forma padrão do sistema da língua do português de Portugal, como podemos comprovar através de alguns registros de produções literárias do português arcaico, como, por exemplo, *As Cantigas de Amor*, *As Cantigas de Amigo*, *As Cantigas de Escárnio*, etc.:

Cantiga de Amor

*No mundo **non** me sei parelha
mentre me for como me vai,
ca já moiro por vós e ai!
mia senhor branca e vermelha,
queredes que vos retraia
quando vos eu vi em saia.
Mao dia me levantei
que vos **entom nom** vi fea!*

(leitura crítica de VALÉRIA BERTOLUCCI PIZZORUSSO, *Le Poesie de Martin Soares*, Bolonga, 1963. P. 59-60. Reproduzida em ELSA. GONÇALVES e MARIA. ANA. RAMOS, *A Lírica Galego-portuguesa*. Lisboa, Editorial Comunicação, 1983. P. 134-135).

Cantiga de amigo

*Ai eu, coitada, como vivo em gram cuidado
por meu amigo que ei alongado!*

Muito me tarda

o meu amigo na Guarda!

*Ai eu, coitada, como vivo em gram desejo
por meu amigo que tarda e **non** vejo!*

Muito me tarda

o meu amigo na Guarda!

(leitura crítica de J. LEITE DE VASCONCELOS, *Textos Arcaicos*, 3ª ed., 1923, P. 17. Reproduzida em ELSA GONÇALVES e MARIA ANA RAMOS, *A Lírica Galego-portuguesa*. Lisboa, Editorial Comunicação, 1983. P.129).

Cantiga de escárnio

*Ora faz ost'o senhor da navarra,
pois en Proenç'est' el-Rei d'Aragon;
non lhán medo de pico nem de marra
Tarraçona, pero vizinhos **son**;
nen na medo de lhis poer **boçon**
e riir-s'na muit'Endurra e Darra;
mais, se Deus traj'o senhor de **Monçon**..*

(leitura crítica de MANUEL RODRIGUES LAPA, *Cantiga d'escárnio e de maldizer dos cancioneros medievais galego-portugueses*. Vigo, Galaxia, 1963. P. 366-367).

Essa documentação fornece subsídios importantes para se entender o curso da mudança, visto que a variação, aqui documentada por escrito, fornece dados significativos para o processo histórico de mudança da língua e para melhor apreensão e compreensão de

variantes que persistiram para além do período arcaico e até hoje permanecem variantes do português, em algumas regiões do país.

Em uma avaliação sociolingüística do processo de ditongação que resultou no ditongo nasal final [ãw], variante do sistema lingüístico do português, Silva (1991) afirma que foi mais precisamente no período arcaico que houve a queda do -n- intervocálico em posição final de palavra. Esta queda atingiu os ditongos nasais finais *coratione* > *coraçon* [õ], resultado da perda de elementos finais, isto é, da apócope que faz a nasal etimológica vir a fechar a sílaba e nasalizar a vogal precedente.

Silva (1991) admite que a queda do -n- intervocálico também está na origem dos ditongos nasais do tipo: *mão*, *mãos* [ãw] (lat. *manu-*, *manos*), *corações* [õi] (lat. *corationes*), *cães* [ãi] (lat. *canes*). Para esta autora, precede historicamente esse processo de ditongação o hiato decorrente da queda do -n-, que pôs em contato vogais que estavam em sílabas diferentes e de faixas de alturas diferentes. Esses hiatos nasais, segundo ela, desfazem-se no período arcaico pela semivocalização da vogal, que será a margem do ditongo. Esta autora afirma, ainda, que no português arcaico já existiam no sistema da língua portuguesa os ditongos nasais [ãw], [õi], [ãi].

Silva (1991) indica que foi também durante o período arcaico que começou a processar-se a ditongação das vogais nasais /õ/ e /ã/ em posição final de nomes e verbos. Para ela, essa ditongação, própria do dialeto padrão de Portugal, desde o século XVI, levou à convergência na direção do ditongo [ãw].

Observemos os exemplos:

Quadro 2 _ Evolução das vogais nasais em posição final

<i>Lat.</i>	<i>Port. Arc.</i>	<i>Sec. XVI (Dialeto padrão)</i>
<i>Coratione</i>	<i>Coraçon</i> [õ]	<i>Coração</i> [ãw]
<i>Cane</i>	<i>can</i> [ã]	<i>Cão</i> [ãw]
<i>Amant</i>	<i>Aman</i> [ã]	<i>Amam</i> [ãw]
<i>Ama(ve)runt</i>	<i>Amaron</i> [õ]	<i>Amaram</i> [ãw]

Embora o sistema da língua portuguesa de Portugal, e também do Brasil, tenha adotado como forma padrão a variante [ãw], do latim -one, -ane e do etimológico -anu

(como em mão > manu), desde o século XVI até o momento, Silva (1991) afirma que há no norte de Portugal dialetos populares em que esse processo de ditongação resultou no ditongo [õu], com uma etapa anterior [õ], tanto para os derivados de -one como para os de -ane e -anu:

“No século XVI, quando no português literário e na língua culta do centro do país já as três terminações [-anu > -ão, -one > on, -ane > na] se tinham uniformizado em -ão, a pronúncia -õ era tida pelos gramáticos da época como característica da região interamnense” (Maia, 1986:604, in Silva 1991).

Estudiosos admitem que a convergência dessas três terminações, na direção do ditongo [ãw], já existia desde a Segunda metade do século XV, visto que já no *Cancioneiro Geral de Garcia de Rezende* (coletânea de poemas do séc. XV para XVI), palavras provenientes dessas três origens rimam em várias poesias, enquanto que no *Cancioneiro Medieval galego-português*, ocorre, excepcionalmente, a rima -am (lat. -ane) com -ão (lat. -anu), nas *Cantigas de Santa Maria*. Esses dados sugerem os limites cronológicos da mudança, que levou as vogais nasais [ã], [õ] (Silva, 1991) à convergência em ditongo nasal.

Em relação ao curso dessa mudança, Silva admite que a grafia da documentação medieval, usada como corpus na sua investigação, sugere informações no sentido de que, se a rima em -ão (de -ane e de -anu) sugere variação entre -na/-ão, o exame desse problema nos dados do corpus (de mais de 3 mil itens) permite dizer que -om, -am, -ão, nos substantivos, correspondem sempre ao étimo, não havendo variação. Contudo, a autora admite que nesse material há indícios de confusão gráfica, atribuindo essa confusão a possíveis reflexos de variação fônica nas formas verbais de 3ª pessoa do plural do perfeito (lat. -unt) e do mais que perfeito (lat. -ant), que aparecem em -om ou -am para os dois tempos verbais. Portanto, ela nos chama a atenção para o fato dessas formas verbais apresentarem nasal final em sílabas não acentuadas, enquanto os nomes são em geral oxítonos. Para a autora, isso sugere que a mudança dessas vogais nasais finais em ditongo nasal pode ter começado a partir de uma variação [õ] ~ [ã] em posição não acentuada.

Silva acredita que, sendo o ditongo [ãw] entre as línguas românicas, ao que lhe parece, típico do português e de dialetos do sardo, não existem regras fonéticas, estabelecidas pelo estudo comparado das línguas, para explicar a ditongação das vogais [õ], [ã] em direção desse ditongo. E, segundo ela, aqueles que têm procurado fazê-lo se dividem entres os que seguem a teoria da mudança analógica, com base no [ãw] proveniente de /anu/, considerando como mais freqüente; e os que propõem uma mudança fônica (de -one,

-unt, -ane, -ant para [ãw]), em que o travamento consonântico nasal favorece o desenvolvimento de uma semivogal, ditongando-se, dessa forma, a V nasal final. Porém, conforme a autora, nesta proposta não fica explicado como as seqüências com base o (-one, -unt) passam a ter base a.

Para Silva, as explicações fonéticas divulgadas sobre a ditongação, discutem o problema, tendo como foco o ditongo [ãw], sem levar em conta a variante [õu] dos dialetos conservadores do norte de Portugal, já recusada desde o século XVI.

Argumenta a autora:

“Se se admite um travamento consonântico que feche a vogal nasalizada pelo -n etimológico, em um determinado momento da história do latim para o Português, no que se refere às vogais em sílaba interna [...], pode-se admiti-lo na sílaba final antes de pausa. Neste caso não teria se enfraquecido ou apagado, depois de nasalizar a vogal precedente, como na sílaba interna, o decurso consonântico nasal, mas teria se mantido em posição final, antes de pausa, sob a forma de semivogal do mesmo tipo da vogal base do ditongo -/u/ ou /i/, respectivamente nos ditongos [õu] e [ei]. Paralelamente a [ã] se desenvolveria a semivogal [u] e não [i] já que [ã] tem um traço fônico de recuo da língua como [u]”.

Entendendo o problema dessa forma, Silva admite que, em determinado estágio, conviveriam como variantes, no diassistema do português, o ditongo [ãw] e o ditongo [õu]. Porém, como a oposição [ãw] : [õ], para esta autora, parece não ter rendimento funcional na distinção de itens do léxico, a variação entre esses ditongos nasais, em um mesmo vocábulo e em vocábulos de étimos distintos, poderia ter ocorrido, como indica a grafia de documentos medievais que fazem parte do pequeno corpus apresentado neste estudo.

Acrescenta ainda a autora, citando Duarte Nunes de Leão como referência dessa afirmação, que, no século XVI, a norma do sistema da língua portuguesa avaliava negativamente a variante [õu] e prestigiava [ãw].

Em conclusão ao seu trabalho, Silva admite que, mesmo sendo a variante [ãw] atualmente a forma de prestígio no sistema da língua portuguesa, a variante [õu] persiste como forma popular, arcaizante e regional no norte de Portugal.

Com base neste estudo de Silva e considerando que, no dialeto cacerense, assim como a variante [õ], foram constatadas também ocorrências da variante [õu] – ambas formas arcaicas do português, considerando que o [õu] é uma variante falada apenas no norte de Portugal, e considerando ainda que os colonizadores de Cáceres são provenientes dessa região de Portugal _ podemos interpretar essas formas variantes do português falado na comunidade cacerense como indícios que vêm reforçar a hipótese de serem essas

variantes heranças fonéticas. Tais variantes teriam sido implantadas no dialeto dessa comunidade por seus colonizadores, visto que essas formas variantes, ao que nos parece, existem no dialeto de Cáceres desde sua fundação, no século XVIII, preservando-se no sistema de fala desta cidade até hoje.

Sendo os portugueses do Norte de Portugal tão conservadores, como afirma Cunha (1986), isto justifica o fato de eles terem preservado essas variantes e implantado-as no dialeto de Cáceres, embora esta tenha sido uma variante avaliada negativamente pela norma do sistema da língua portuguesa. Esta implantação ocorreu no século XVIII, mesmo depois do [õ] ter desaparecido do sistema de fala do Português, o que, segundo Silva (1991), havia acontecido desde o século XVI, dando lugar à variante [ãw] e o [õu], que existiu apenas no sistema de fala do Português do norte de Portugal.

2.5. Descrição Histórica e Etnográfica da Comunidade de Fala Cacerense

Para melhor compreensão das raízes sócio-históricas da variedade estudada, uma descrição histórica e etnográfica da comunidade de fala investigada torna-se necessário, considerando que: “A comunidade de fala e os seus falantes possuem uma história regional e sócio-cultural. Essa entra de maneira complexa nas suas interações” (Dittmar, 1982:23).

Retomando alguns dados da história de Cáceres, segundo estudiosos como Mendes, Costa e Silva, entre outros, desde a fundação da cidade, conviviam, no núcleo de colonização dessa comunidade, não só índios das tribos Guató, Bororo e índios (vindos das províncias bolivianas); mas também negros escravos e imigrantes brancos portugueses.

Esta mistura de etnias, convivendo no mesmo núcleo, resultou na formação do dialeto cacerense, que permaneceu estável por bastante tempo, pelo fato da região ter ficado isolada de outras regiões do país por um longo período, não só pela precariedade de suas estradas, como pela ausência de atividades econômicas que favorecessem a penetração de outros povos nessa região.

Todavia, com o surgimento da BR 416 foi quebrada essa longa fase de isolamento em que se manteve a comunidade, e Cáceres tornou-se alvo de intenso fluxo migratório, a partir dos anos 1950, gerando o nascimento de várias povoações na região, segundo Póvoas (1977).

Com esta corrente imigratória, vieram as diversas influências, dos vários pontos do país, que vêm provocando visíveis mudanças na comunidade cacerense, principalmente no campo lingüístico, formando-se a partir daí grupos lingüisticamente heterogêneos, quanto à sua origem dialetal. Esses grupos foram crescendo de maneira bastante significativa, procurando, de certa forma, impor sua cultura e, sobretudo, impor sua fala à comunidade.

Tal fato pode ser interpretado como o início de um conflito lingüístico em nível local entre os falantes da comunidade e migrantes, dada a proporção em que se deu o fluxo migratório. De modo que de um lado fica o grupo local, que até então mantinha uma vida cultural bastante expressiva na comunidade, com seus clubes, escolas e igrejas, onde eram transmitidas as normas e valores inerentes aos membros da comunidade, em que ensinar a língua era tarefa importante; e do outro lado ficam os grupos de imigrantes, tentando, de certa forma, impor sua cultura à comunidade, principalmente o seu dialeto.

Portanto, objetivando saber a situação lingüística em que se encontra a comunidade, no momento, tendo como enfoque as variantes fonológicas [ãw] e [õ], fizemos uma observação participante, em domínios públicos e privados, dos bairros centrais e periféricos da comunidade em questão.

A OP (observação participante) nos domínios públicos - escolas, igrejas, casas comerciais, logradouros, bares, etc. - nos mostrou que a diferença em relação ao uso das formas variantes [ãw] e [õ], entre as pessoas que residem em bairros centrais e bairros periféricos, é, de certa forma, relevante. Observamos que as pessoas que residem em bairros centrais usam menos a variante [õ], considerada não-padrão, principalmente nas interações verbais fora do ambiente familiar, do que as pessoas que residem em bairros periféricos. Observamos também que as pessoas que residem em bairros periféricos, principalmente as mais velhas, independentemente de classe social, usam quase que exclusivamente a variante não-padrão, no ambiente familiar, policiando-se um pouco nas situações de interação verbal fora desse ambiente.

Vale salientar que as escolas privadas, situadas geralmente em bairros mais centrais, são constituídas, na sua grande maioria, por cacerenses filhos de imigrantes, que já não falam o dialeto cacerense puro, por influência de seus pais, e que ainda sofrem na escola influência de professores imigrantes, de origem dialetal das mais diversas.

O quadro a seguir permite que observemos o uso da variante padrão e da variante não-padrão em domínios públicos de bairros centrais e periféricos da comunidade, representadas aqui como P e ÑP respectivamente.

Quadro3 - Descrição de uso das variantes padrão e não padrão em domínios

públicos de bairros centrais e periféricos

Domínio	Bairros centrais	Bairros periféricos
Escola	P	P/ÑP
Igreja	P	P/ÑP
Grupo de amigos	P/ÑP	ÑP
Trabalho	P	P/ÑP

Como podemos observar, a partir do quadro proposto, na escola, na igreja e no trabalho as pessoas que residem em bairros centrais privilegiam a variante padrão [ãw] em detrimento da não-padrão [õ] , usando as duas apenas em conversas mais descontraídas, em grupos de amigos. Já as pessoas que residem em bairros periféricos, usam as duas formas em lugares públicos, que requerem um comportamento mais formal, como escola, igreja e trabalho, e a variante não-padrão em ambientes que permitem um comportamento mais descontraído como bares, logradouros etc.

A observação participante em domínios privados, a exemplo de Baernert-Fuerst (1989), foi realizada em quatro núcleos familiares dois de bairros centrais e dois de bairros periféricos. Estes eram constituídos de membros de três gerações (avós, pais e filhos).

Com essa OP foi possível observar a interação verbal de parceiros diferentes, em ambiente familiar, bem como o uso que eles faziam da língua e, mais especificamente, o grau de frequência com que eles utilizavam as variantes em foco, nas situações de comunicação.

No quadro 4, a seguir, encontra-se a descrição do uso das variantes padrão e não-padrão em núcleos familiares de bairros centrais e periféricos, por geração.

Quadro 4 - Descrição do uso das variantes padrão e não-padrão na interação verbal familiar, entre famílias de bairros centrais e periféricos, por geração

Interação	Bairros Centrais	Bairros Periféricos
1ª com 1ª Geração	ÑP/P	ÑP
1ª com 2ª Geração	P/ÑP	ÑP
2ª com 2ª Geração	P	ÑP/P
2ª com 3ª Geração	P	P/ÑP
3ª com 3ª Geração	P	P

Através do quadro acima, percebemos que na interação verbal familiar entre indivíduos da primeira geração (avós), que residem em bairros centrais, há utilização das duas variantes padrão [ãw] e não-padrão [õ], com predomínio da não-padrão. Quanto aos que residem em bairros periféricos, a utilização é exclusivamente da forma não-padrão.

Sobre a interação da primeira com a segunda geração, em bairros centrais há utilização das duas formas, com predomínio da padrão [ãw], e em bairros periféricos a utilização é exclusivamente da forma não padrão [õ].

Na interação entre indivíduos da segunda geração, em bairros centrais, a utilização é exclusivamente da variante padrão [ãw] e, em bairros periféricos, há utilização das duas formas, com predomínio da forma não-padrão [õ].

Já na interação entre indivíduos da segunda e terceira gerações, em bairros centrais, a utilização é exclusivamente da variante padrão e, em bairros periféricos, há utilização das duas formas, com predomínio da variante padrão.

Finalmente, na interação verbal entre indivíduos da terceira geração, em ambiente familiar, tanto em bairros centrais como em bairros periféricos, a utilização é exclusivamente da variante padrão.

Portanto, com base nos resultados da OP, realizada nos domínios públicos da comunidade de Cáceres, é possível formular hipóteses a serem testadas através da análise quantitativa dos resultados, apresentada a seguir na seção 4 deste estudo. Temos a partir daí, por exemplo, que os fatores *setor residencial* e *idade* poderiam ser possíveis

condicionadores externos que, juntamente com outros condicionadores internos e também externos, estariam contribuindo para a alternância [ãw] ~ [õ].

Com a OP foi possível também perceber que, hoje, a situação lingüística em que se encontra a comunidade cacerense nos leva a acreditar que o contato maior dos falantes dessa comunidade com imigrantes dos diversos estados do país está fazendo com que este falante nativo negue seu próprio dialeto, visto que variantes como [õ], própria de sua fala e aceita pela comunidade como parte de sua cultura, são atualmente estigmatizadas pelo próprio cacerense, já influenciado por outros falares. Esta hipótese poderá também ser constatada através da análise quantitativa dos dados dos informantes, caso se confirme um quadro de mudança em curso, em favor de [ãw].

2.6 Metodologia

Com base na Sociolingüística Quantitativa Laboviana, desenvolvemos a análise do fenômeno em foco, utilizando, a exemplo de Labov (1969), a regra variável, que considera os padrões regulares de co-variação em relação à frequência de uso da regra e aos elementos contextuais.

Para isso, fizemos uso do programa computacional de análise estatística VARBRUL, estruturado para processar dados de variação sociolingüística, através de uma metodologia de análise multivariada.

A fim de verificarmos o comportamento lingüístico estável ou instável do falante e da comunidade, propomos um estudo em tempo aparente, comparando a distribuição da alternância [ãw] ~ [õ] na amostragem, observando o comportamento lingüístico dos falantes da comunidade e procurando relacioná-lo aos diversos grupos etários.

Ressaltamos, assim, a importância da pesquisa embasar-se, não apenas em dados controlados por procedimentos metodológicos, definidos a partir de um conjunto de pressupostos teóricos, que permitem refletir a sistematicidade da estrutura lingüística; mas também fundamentar-se na quantificação dos dados, com base no pressuposto de que o uso das formas lingüísticas reflete diferentes pesos relativos.

2.6.1 Amostragem

Para o estudo do fenômeno em foco, foram coletados dados da fala da comunidade, levando em consideração o universo de pesquisa e as hipóteses iniciais de trabalho. Para isso, foi utilizada uma metodologia de coleta de dados – método quantitativo de análise lingüística, que prioriza a obtenção de um número significativo de dados, com o máximo de qualidade, que retrate a fala da comunidade com o mínimo de interferência do observador.

Foram entrevistados 68 informantes nativos da comunidade, formando uma amostragem correspondente a 1062 ocorrências, que serão analisadas conforme a metodologia da sociolingüística quantitativa laboviana.

Os dados que compõem a amostra foram coletados através de entrevista face a face, colhidos em três etapas: uma etapa inicial, no mês de abril de 1999, outra no mês de outubro de 1999, e uma etapa complementar, no mês março de 2000, visando à obtenção de um número suficiente de informante, a fim de garantir uma boa representatividade da amostra. Esses dados constituem a base para a análise quantitativa que apresentaremos na seção 4 deste trabalho.

Para a análise do fenômeno, estabelecemos parâmetros rígidos, quanto à seleção dos informantes, como, por exemplo: optamos por entrevistar apenas aqueles indivíduos com idade superior a 12 anos, que tivessem nascido em Cáceres, filhos de pais cacerenses ou não, e que não tivessem se ausentado desta comunidade por um período superior a um ano.

Com vistas a um estudo sistemático do fenômeno em foco, para o levantamento de dados, decidimos utilizar um plano de entrevistas que proporcionasse, em discurso coloquial (informal) ou elaborado (formal), muitos exemplos de ocorrências da variável em estudo. Para tanto, criamos uma série de procedimentos para incrementar a concentração de aparições dessas ocorrências. Montamos, assim, questionários – apresentados em anexo - com perguntas relativas a juízo de valor, que investigassem a orientação social do informante, bem como suscitassem a aparição de várias ocorrências das formas variantes. Esses questionários eram, no ato da entrevista, adequados à idade e nível de instrução do informante.

Para superar as limitações da fala cuidada, usamos como estratégia, em determinado ponto da entrevista, perguntar para o informante se ele acreditava em “assombração” –

assunto sobre o qual observamos que o cacerense gosta de falar - e em seguida pedimos que ele contasse um caso de “assombração”, que fosse do seu conhecimento. Com esta estratégia percebemos que a fala espontânea ou casual tinha possibilidade de ocorrer, pois o informante deixava-se envolver pela tensão provocada pelo relato, despreocupando-se da tarefa de manter padrões de fala cuidada.

As entrevistas, gravadas com mini-gravador, para não inibir o informante, tiveram, em média, 20 minutos de duração, cada uma, totalizando, aproximadamente, 22 horas de fala.

Além das entrevistas, fizemos observações participantes (OP), com o objetivo de perceber o uso da linguagem na vida cotidiana de falantes da comunidade, fora de qualquer situação formal. Essas observações foram feitas em lugares públicos: ruas, bares, lanchonetes, restaurantes, praças, igrejas, escolas, casas comerciais e em muitos outros lugares onde era possível observar e anotar o comportamento do falante, sem que este tivesse a sensação de estar sendo observado. As anotações serviram como reforço suplementar às entrevistas gravadas.

Objetivamos, com a observação participante (OP), buscar o contexto sócio-histórico da comunidade de Cáceres, a partir da imigração de pessoas de outras regiões do país para esta comunidade, o que ocorreu dos anos 1950 para cá; captar o comportamento dos falantes da comunidade em relação às variedades lingüísticas em estudo, tanto em situação de interação natural como em situação de interação formal; captar o grau de influência da língua do outro sobre os falantes da comunidade e selecionar informantes para a constituição da amostra. Desse modo, a OP forneceu dados importantíssimos para a descrição histórica e etnográfica da comunidade de fala cacerense, apresentada na seção 3.5. deste trabalho.

Com as entrevistas, procuramos, entre outras coisas, gravar a fala de cada informante em situação formal e informal, procurando provocar narrativas em entrevistas informais sobre experiências pessoais; estimular ações intergrupais e gravar dados demográficos importantes para a composição do perfil dos informantes.

2.6.2. Método de análise estatística

O tratamento estatístico atribuído aos dados através do pacote de programas _VARBLUL, próprio do modelo sociolingüístico quantitativo, fornece um instrumental valioso à análise lingüística, conferindo-lhe a precisão desejável. Desta maneira, ao calcular o peso dos condicionamentos do fenômeno variável, conforme o postulado da independência dos fatores, este modelo vai nos permitir confirmar hipóteses e apresentar, através dos resultados obtidos, a análise que melhor dê conta dos fatos, mostrando os grupos de fatores que são responsáveis pela implementação da regra variável, bem como os que não demonstram qualquer aplicabilidade da regra.

Para a realização da análise utilizando o VARBRUL, foram observados todos os cuidados necessários à preparação do material de análise que o programa exige. Isto é, cuidado não só com a constituição da amostra em relação à validade e confiabilidade; como também com o planejamento do sistema analítico no que se refere à definição das variáveis, que inclui a definição dos grupos de fatores; cuidado com a seleção de dados, com a exclusão dos casos que não se enquadram nos critérios estabelecidos pelo programa; além do cuidado com a preparação do arquivo de ocorrências.

Após a audição e transcrição dos dados coletados da fala da comunidade e da classificação das variantes, estabelecemos os grupos de fatores lingüísticos e extralingüísticos, que possivelmente estariam contribuindo para a aplicação ou inibição da regra para serem submetidos à análise.

Segundo Callou et alii (1996), os estudos sociolingüísticos de variação fonológica podem nos levar a uma convergência de resultados que nos permitem entender que a diferenciação dialetal pode definir-se em termos de fatores condicionantes.

Identificado o que é ou não ocorrência da variável dependente de acordo com as metas da pesquisa e critérios estabelecidos para a definição do que será ou não incluído na análise, partimos para a montagem do arquivo de ocorrências. A cada dado desse arquivo corresponde uma cadeia de códigos pré-estabelecidos, ou seja, um código para cada fator, de modo que os códigos escolhidos representam os fatores do contexto do dado analisado.

Montado o arquivo de ocorrência, partimos para a definição do sistema analítico, que consiste em especificar a variável dependente e as variáveis independentes que serão investigadas.

2.6.3 Variável dependente

A variável dependente é a variável lingüística que constitui o foco do estudo. Essa pode representar dois ou mais elementos lingüísticos que se alternam no uso, conforme a opção do falante.

Neste estudo, a variável dependente representa duas alternativas para a realização do segmento fonológico /ão/. Isto é, a alternância do ditongo decrescente nasal final [ãw] por [õ], que implica no cancelamento da semivogal do ditongo nasal final [ãw] transformando-o na vogal simples fechada [õ]. Esta variável é representada por duas variantes:

1- (ão) = [ãw] - não > [nãw]

2- (ão) = [õ] - não > [nõ]

2.6.4 Variáveis independentes

Variáveis que se referem às propriedades dos contextos lingüísticos e extralingüísticos, isto é, referem-se à correlação das variantes com fatores internos e externos. Como já dizia Tarallo: “A cada variante correspondem certos contextos que a favorecem. A estes contextos dá-se o nome de fatores condicionadores”.

O corpo das variáveis lingüísticas foi composto pelos grupos de fatores: *número de sílaba, contexto seguinte, tonicidade, classe gramatical, e presença de sufixo aumentativo*. Quanto às variáveis extralingüísticas, seu corpo foi composto pelos grupos de fatores: *estilo, grau de escolaridade, sexo, origem, idade, ocupação, classe social e setor residencial*.

O grupo de fatores *número de sílaba* foi escolhido para formar o elenco dos grupos de fatores condicionadores do processo de substituição, pela possibilidade de efeito da dimensão da palavra, em relação ao fenômeno estudado.

Estabelecemos três itens para agrupar as palavras:

- Uma sílaba
- Duas sílabas
- Mais de duas sílabas

A nossa expectativa em relação a este grupo de fatores, era de que as palavras de pequena dimensão – uma sílaba, duas sílabas - fossem as mais afetadas pela regra de substituição em pauta.

Elegemos o grupo de fatores *contexto seguinte* como possível condicionador à aplicação da regra, para detectar se os elementos imediatamente posteriores ao segmento /ão/ estariam influenciando o processo de substituição.

Consideramos, então, os contextos a seguir:

- Vogal
- Consoante
- Pausa

Com o grupo de fatores *tonicidade* buscamos verificar se a regra de substituição está sendo influenciada pela força expiratória maior que marca determinada sílaba da palavra.

Esta variável, considerada por Câmara Jr. (1979:33) como condicionador fonético, marcada pela intensidade, pela força expiratória maior que incide sobre a sílaba determinada, foi escolhida, ainda, considerando a variação que estamos tratando (variação fonológica); como também para testar se a regra se aplicava a palavras paroxítonas, por exemplo, cuja tonicidade desfavorece o traço, incidindo sobre a penúltima sílaba, e não sobre a última.

Consideramos, para compor este grupo de fatores, os itens:

- Oxítono
- Paroxítono
- Monossílabo tônico

O grupo de fatores *classe gramatical* refere-se à classe de palavra em que incide a regra. Esta variável foi escolhida para testar se a regra se aplicava a todo tipo de palavra com segmento /ão/. Embora, nossa expectativa estivesse voltada para os substantivos comuns, no sentido de que fosse essa classe de palavra a mais afetada pela regra, dada à frequência com que aparece nas situações de fala.

O propósito de considerar também o substantivo próprio como um dos itens desse grupo de fatores se explica pelo fato de, em alguns trabalhos já realizados, o substantivo próprio ter se mostrado sempre como inibidor da implementação da regra.

Consideramos, para compor os itens desse grupo de fatores:

- Substantivos próprios
- Substantivos comuns
- Adjetivo
- Verbo
- Outros

O item *outros* refere-se às classes gramaticais conjunção e advérbio, mais especificamente às palavras *então*, *não*, *tão* e *senão*.

O grupo de fatores *presença de sufixo aumentativo* foi escolhido pelo fato de o segmento /ãõ/, enquanto morfema de grau, ter a mesma constituição gráfica e fônica do ditongo nasal final /ãõ/, em estudo, podendo, assim, esses segmentos terem o mesmo comportamento quanto à aplicação da regra de substituição.

Considerando o segmento /ãõ/, como um sufixo aumentativo ou não, escolhemos, para representar o grupo de fatores *presença de sufixo aumentativo*, os itens:

- Sim
- Não

Quanto aos fatores extralingüísticos, os critérios que estabelecemos para a escolha destes partiram da importância que eles poderiam ter na relação língua e sociedade. Labov (1962), nos seus estudos sobre a fala de Nova Iorque, já descobrira que “há uma influência contínua e mensurável de fatores sociais sobre a mudança lingüística”. Por sua vez, Silva (1991) sugere que “na história de qualquer língua, os fatores extralingüísticos, tanto culturais como sociais, são condições que podem favorecer os processos de mudanças nas línguas”.

O convívio na comunidade nos permitiu extrair de tudo que não era lingüístico o que seria relevante para esclarecer o fenômeno em estudo, de forma que os grupos de fatores: *estilo*, *grau de escolaridade*, *sexo*, *origem*, *idade*, *ocupação*, *classe social* e *setor residencial* foram parâmetros pensados como prováveis condicionadores extralingüísticos, ao processo de substituição em pauta.

O grupo de fatores *estilo* foi escolhido como provável condicionador ou inibidor da implementação da regra, pelo fato de acreditarmos que o grau de formalidade dos inquéritos poderia refletir no comportamento lingüístico do informante.

A maioria dos falantes urbanos tem diferentes estilos de fala, de expressividade à sua disposição, e, dependendo das circunstâncias do estilo de fala, em uma interação comunicativa, as variações de estilo podem se refletir em variações nos traços fonológicos. Segundo Chambers e Trudgill (1994), em uma entrevista gravada, o estilo pode nos proporcionar amostra do comportamento lingüístico dos falantes, em situações sociais particulares da vida real, o que abarca uma imagem que vai do estilo mais formal ao mais informal.

Consideramos como itens representativos deste grupo de fatores:

- Estilo formal
- Estilo informal

O que diferencia as duas formas de contato com o informante é que, no *estilo formal*, o informante se policia mais, dedicando mais atenção ao seu modo de falar, preocupando-se em manter a fala bem cuidada, e no *estilo informal ou casual*, o informante não tem a preocupação de manter a fala bem cuidada, prevalecendo a espontaneidade do falante. No estilo informal, muitas vezes a atenção do informante é desviada de seu modo de falar, através de métodos utilizados pelo próprio pesquisador, que fomenta o interesse emocional do informante, direcionando a comunicação para um estilo menos formal.

Sobre o grupo de fatores *grau de escolaridade*, o escolhemos como possível condicionador à aplicação da regra, pelo fato de estudos relativos a este grupo de fatores mostrarem correlações estreitas entre o mesmo e alguns fenômenos lingüísticos já estudados.

Os itens considerados para o grupo de fatores grau de escolaridade foram:

- 1º grau
- 2º grau
- 3º grau

O grupo de fatores *sexo* foi escolhido pela sua relevância, enquanto fator condicionador, mostrada em outros trabalhos relacionados à mudança lingüística.

A nossa expectativa com a escolha deste grupo de fatores era investigar se havia influência do *sexo* sobre o fenômeno em estudo; se existia um comportamento diferente entre homem e mulher, em relação ao fenômeno, já que alguns estudos na área apontam para esta possibilidade.

Esse grupo de fatores é representado neste estudo através dos itens:

- Masculino
- Feminino

Escolhemos o grupo de fatores *origem*, pela possibilidade do processo de migração contínua na comunidade, tendo como consequência o contato direto do falante nativo com dialetos vários ter ocasionado reflexos na língua deste falante nativo, dando conformidade a variações ou mudanças no seu dialeto.

Para compor os itens do grupo de fatores origem, consideramos:

- Cacerense filho de pais cacerenses (CPC)
- Cacerense filho de pais não cacerenses (CPÑC)

Quanto ao grupo de fatores *idade*, o escolhemos por considerá-lo relevante à análise, como possível condicionador social. Neste sentido, procuramos aqui testar o que já foi comprovado por estudiosos da área: que a correlação entre este fator e a variação lingüística aponta para duas direções básicas, que são a relação de estabilidade entre variantes lingüísticas – um fenômeno varia mas não muda – ou a comprovação de mudança na língua.

Para compor os itens deste grupo de fatores estabelecemos os grupos de idade:

- 12 a 20
- 21 a 50
- + 50

Escolhemos trabalhar três grupos de idade, com base em estudos já realizados por lingüistas como Labov, Tarallo, entre outros, que investigaram variações lingüísticas com as mesmas características da variação em estudo, que prediz o desaparecimento de uma variante para dar lugar a outra. Em conformidade com estes autores, para se alcançar maior

credibilidade em relação aos resultados de estudos de casos deste tipo, seria necessário trabalhar com um mínimo de três grupos etários.

O grupo de fatores *ocupação* foi escolhido por julgarmos pertinente à análise, partindo do princípio de que a ocupação do informante é um indicador indireto em relação ao seu grau de instrução e nível social e que, por este motivo, poderia ter alguma influência sobre a aplicação da regra de substituição. Porém, neste estudo, este grupo de fatores não se mostrou relevante, sendo excluído logo após a primeira rodada do VARBRUL.

No que diz respeito ao grupo de fatores *classe social*, sua eleição como possível condicionador à aplicação da regra, deve-se à relevância com que este se apresentou, enquanto condicionador social, em outros estudos relativos à mudança lingüística.

Nossa expectativa em relação a este grupo de fatores era que a variante considerada arcaica, neste estudo, pudesse se caracterizar como marca social de um grupo menos privilegiado economicamente.

Classificamos os informantes em três grupos socioeconômicos:

- Classe média (CM)
- Classe média baixa (CMB)
- Classe baixa (CB)

Para essa classificação baseamo-nos em orientações teóricas que nos permitiram estabelecer os seguintes parâmetros para a definição da classe do informante: ocupação do informante e renda individual (quando emancipado) ou ocupação dos pais e renda familiar (quando não emancipado); grau de escolaridade; local e tipo de residência.

As pessoas da classe média – classe considerada neste estudo como a mais elevada – são, na grande maioria, profissionais liberais, cujo rendimento mensal varia em torno de 10 a 20 salários mínimos; as pessoas da classe média baixa são aquelas que trabalham no comércio, professores do ensino médio e fundamental e pequenos proprietários rurais, cujo rendimento mensal varia em torno de 4 a 9 salários mínimos; e as pessoas que consideramos da classe baixa são geralmente empregadas domésticas, funcionários públicos dos serviços gerais, trabalhadores rurais, os chefes de família com renda familiar mensal de até 4 salários mínimos e os assalariados.

Neste estudo, não foram consideradas nem a *classe média alta* nem a *classe alta*, pelo fato do número de pessoas desse nível socioeconômico na comunidade ser tão

reduzido que julgamos irrelevante considerá-las. Portanto, trabalhamos apenas com os três níveis de classe anteriormente mencionados.

A escolha do grupo de fatores *setor residencial* como possível condicionador à aplicação da regra, ocorreu pelo fato de se considerar o local de residência do informante como indicador indireto de seu nível socioeconômico.

Como itens representantes deste grupo de fatores, consideramos:

- Bairros centrais
- Bairros periféricos

Dentre as variáveis sociais tratadas neste estudo, julgamos interessante mostrar a influência de três em especial idade, classe social e sexo pelo grau de significação que essas possam ter para evidenciar um caso de mudança em progresso, que supomos estar acontecendo na comunidade em foco. Combinamos, portanto, esses fatores conforme o quadro a seguir:

Quadro 5 – Representação da combinação das células sociais sexo, classe e idade controladas no estudo

CÉLULAS	SEXO	CLASSE	IDADE
1.	Masculino	CM	12 a 20
2.	Masculino	CM	21 a 50
3.	Masculino	CM	+50
4.	Masculino	CMB	12 a 20
5.	Masculino	CMB	21 a 50
6.	Masculino	CMB	+50
7.	Masculino	CB	12 a 20
8.	Masculino	CB	21 a 50
9.	Masculino	CB	+50
10.	Feminino	CM	12 a 20
11.	Feminino	CM	21 a 50
12.	Feminino	CM	+50
13.	Feminino	CMB	12 a 20
14.	Feminino	CMB	21 a 50
15.	Feminino	CMB	+50
16.	Feminino	CB	12 a 20
17.	Feminino	CB	21 a 50
18.	Feminino	CB	+50

Dessas 18 combinações ou células apresentadas, procuramos para cada uma reunir um número suficiente de informantes de modo a garantir a representatividade da amostra.

3. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Na análise aqui realizada, demos aos dados um tratamento estatístico próprio da abordagem da sociolingüística variacionista, através do pacote computacional de programas VARBRUL, como já foi mencionado anteriormente.

Este método quantitativo possibilita o estudo da variação lingüística, permitindo demonstrar padrões regulares de concorrência entre as variáveis lingüísticas e os traços de dimensões lingüísticas e extralingüísticas a ela relacionados.

Na constituição da amostra, a eleição dos grupos de fatores, que estariam condicionando a variação do segmento /ão/ obedeceu a hipóteses estabelecidas com base, não só em parâmetros relativos à estrutura da língua, como também em relação aos dados históricos e etnográficos da comunidade em pauta.

Preparado o arquivo de dados ou ocorrências, esses foram submetidos, em etapas sucessivas, à aplicação dos vários programas que compõem o VARBRUL, cujos resultados nos forneceram a seleção de grupos de fatores relevantes e não relevantes à aplicação da regra de substituição do [õ] por [ãw].

Todavia, na primeira etapa da análise, foram eliminados não só grupos de fatores como itens constituintes de grupos, que, de acordo com o programa, se mostraram irrelevantes à aplicação da regra. Nesse reajuste de dados, grupos de fatores foram amalgamados a outros grupos já existentes, bem como itens de um mesmo grupo foram amalgamados a outros itens.

Dos treze grupos de fatores controlados inicialmente, foi excluído *ocupação*, pela irrelevância com que se mostrou em relação à variação em foco, assim como, pelo mesmo motivo, foi excluído também o item *paroxítona*, que compunha o grupo de fatores tonicidade. E, por corresponderem a palavras de classe gramatical duvidosa no contexto em que estavam inseridas, foram excluídas ainda, nessa primeira etapa, algumas ocorrências dos dados da fala da comunidade.

O grupo de fatores *número de sílabas* teve seus itens *mais de duas sílabas* e *duas sílabas* amalgamados em um único item, denominado *mais de uma sílaba*. Tal decisão se deu pelo fato de o primeiro item ter se mostrado irrelevante quanto ao número de ocorrências. Por essa mesma razão, o grupo de fatores *classe gramatical* teve dois de seus

itens _ *verbo* e *adjetivo* _ amalgamados ao item *substantivos comuns* ou *nomes não próprios*, denominação assumida após a amalgamação.

Já o item *outros*, também do grupo de fatores *classe gramatical*, foi desdobrado em dois - *negativa* e *conectores*, dado o grande número de ocorrência da negativa **não** e do conector **então**. Efetuados os ajustes, esse grupo de fatores recebe a denominação de *itens lexicais e não lexicais* e sua composição passa a ser formada pelos itens: *nomes próprios*, *nomes não próprios*, *negativa* e *conectores*.

Seguida a essas redefinições, nova etapa de análise foi efetuada, e, a partir daí, considerando os grupos de fatores que se mostraram relevantes à aplicação da regra, procuramos, em uma outra etapa da análise, estabelecer correlações entre esses, aplicando aos dados o programa CROSTAB, a fim de examinar as implicações advindas dessas correlações.

Os resultados obtidos foram importantes à medida que nos forneceram a seleção de grupos de fatores relevantes e não relevantes à aplicação da regra de substituição, contribuindo, assim, para a avaliação de um caso de variação ou mudança lingüística em condições de incerteza.

Na análise que se segue, serão apresentados, em primeiro lugar, os resultados relativos às variáveis que se mostraram relevantes ao uso da regra - grupos de fatores selecionados, e posteriormente serão mostrados os resultados das variáveis que não foram relevantes – grupo de fatores não selecionados.

3.1. Grupos de Fatores Selecionados

Das treze variáveis controladas neste estudo apenas oito, entre lingüísticas e extralingüísticas, foram selecionadas pelo VARBRUL como relevantes para o fenômeno em foco, obedecendo à seguinte ordem quanto ao grau de relevância: *idade*, *estilo*, *classe gramatical*, *origem*, *sexo*, *classe social*, *tonicidade* e *setor residencial*.

Nesta seção, procuramos apresentar e interpretar os resultados da análise dos grupos de fatores selecionados, tomados individualmente, para, em seguida, na seção 4.2, tratarmos das correlações entre as variáveis lingüísticas e as variáveis sociais, que julgamos importantes para o estudo.

Embora não tenha sido investigada neste estudo a variável *velocidade da fala* observamos, nas respostas dadas às entrevistas, que esse fator se mostrou bastante relevante na fala da comunidade focalizada. Isto é, no que se refere à fala rápida o fator velocidade da fala se mostrou bastante favorável ao uso da variante [õ], o contrário de quando se refere à fala lenta, este se mostrou favorável ao uso da variante [ãw].

Isto confirma o que já foi comprovado lingüisticamente por pesquisadores como: Abaurre (1976, 1979) e Moraes & Leite (1992). Para Abaurre, entre outros, “segmentos fônicos são mais facilmente perdidos numa aceleração maior da fala”. Segundo essa autora, este fato é puramente fonético e tem muito a ver com a diminuição das diferenças articulatórias de produção de sons.

Nesta primeira etapa da análise, daremos ênfase aos resultados em peso relativo, por nos proporcionar melhor visão distribucional dos dados, como também procuraremos enfatizar a variante [ãw], pela difusão que ela demonstra ter neste estudo.

3.1.1. Grupos de fatores extralingüísticos

Começaremos a análise pelos grupos de fatores extralingüísticos, dada a relevância que eles apresentam, em relação ao fenômeno focalizado. Obedeceremos, portanto, à ordem de seleção atribuída pelo VARBRUL aos grupos de fatores extralingüísticos: 1) *Idade*, 2) *Estilo*, 3) *Origem*, 4) *Sexo*, 5) *Classe social*, 6) *Setor residencial*.

1) Idade

A variável *idade* se mostrou o fator mais relevante em relação ao fenômeno ao qual se atém o presente trabalho. Os resultados referentes a esta variável são mostrados na tabela 1, a seguir:

TABELA 1

Efeito do fator idade, relativo ao uso da variante [ãw]

Grupo de idade	Oco / T	Porcentagem	P.R.
(12 a 20)	429 / 464	92%	.94
(21 a 50)	187 / 440	42%	.19
(+ 50)	9 / 154	06%	.01
Total	625 / 1058	59%	
Input = 33		Significance = 028	

De acordo com a tabela 1 acima, a variante [ãw] alcançou um nível bastante significativo em relação aos mais jovens (grupo de idade de 12 a 20 anos), registrando uma probabilidade de .94, enquanto sua realização foi pouco relevante no que se refere ao grupo dos mais velhos (+ 50), registrando apenas .1 de uso. Este resultado mostra que o fenômeno em estudo está correlacionado ao fator idade como já era previsto, e vem reforçar resultados de estudos já realizados por pesquisadores como Labov (1972), Chambers & Peter Trudgill (1980), que mostram correlação entre os fenômenos lingüísticos por eles estudados e o fator idade.

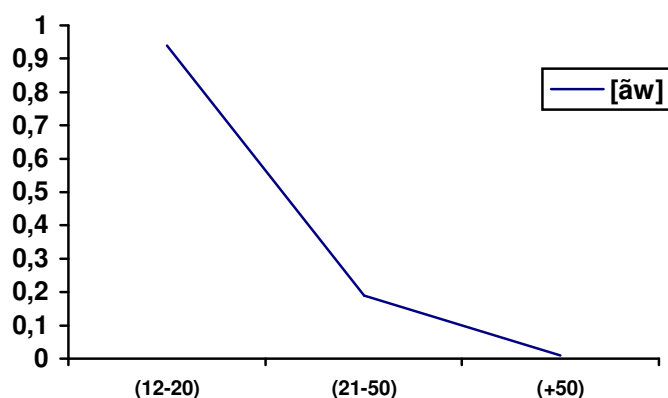
Em estudos realizados sobre o português do Brasil, a distribuição por idade se mostrou também um fator importante. Trabalhos como o de Callou (1979), que investiga sobre a variação e distribuição da vibrante na fala de pessoas de nível universitário do Rio de Janeiro, comprova isso. Nesse trabalho, a autora evidencia um caso de mudança em curso, quando comprova que a pronúncia fricativa velar, forma inovadora, está associada aos mais jovens. Já em Mato Grosso, no estudo sobre segmentos fricativos e africados, Palma (1984) mostra que os segmentos africados /tʃ/ e /dʒ/ cedem lugar aos fricativos /ʃ/ e /ʒ/, visto que os africados ocorrem predominantemente na fala de pessoas mais velhas.

Retomando a análise, os resultados da tabela 1 indicam que as pessoas mais velhas usam menos a variante [ãw] do que as pessoas mais jovens. Podemos concluir, assim, que a pronúncia da variante [õ] se move progressivamente para o [ãw] no dialeto de Cáceres.

Considerando que o [õ] é a variante conservadora na fala dessa comunidade, os resultados apresentados neste estudo em relação à difusão do [ãw] sobre o [õ] confirmam a posição de Naro (1996) no sentido de que "os falantes adultos tendem a preferir as formas antigas", ou seja, os grupos mais velhos refletem o uso da variante conservadora - neste caso a variante [õ].

Ainda com base nos resultados da Tabela 1, levando em consideração o estado atual da língua do falante adulto em comparação aos demais grupos de idade, observemos que a distribuição por idade aponta para indícios de mudança em progresso, uma vez que os resultados mostram as pessoas mais jovens utilizando cada vez mais a variante [ãw], e as pessoas mais velhas preservando mais a variante [õ], caracterizando, assim, o processo de mudança em curso e deixando claro a tendência da comunidade.

A representação gráfica a seguir – Gráfico 1, nos permite mostrar a distribuição dos dados da Tabela 1 com maior clareza:



[ãw] em Cáceres por idade

Gráfico 1

Está demonstrado no Gráfico 1 um padrão não linear, com um aumento significativo do uso da variante [ãw] pelo grupo de menor idade e uma diminuição pelo grupo de maior idade. Portanto, de acordo com o gráfico 1 configura-se um caso de mudança em progresso na comunidade investigada.

Ainda em relação a variável idade, com vistas a uma provável influência da fala dos imigrantes sobre a fala dos cacerenses, analisamos separadamente um grupo especial de adolescentes cacerenses, filhos de pais não cacerenses, na faixa de 12 a 16 anos, com o objetivo de mostrar até que ponto este grupo era influenciado linguisticamente pelo ambiente familiar. Os resultados dessa análise confirmam o que já era previsto em relação aos cacerenses filhos de migrantes nesse grupo de idade, o uso do [ãw] foi bastante significativo por parte desse grupo, apresentando peso relativo .85 de uso, em relação a um

total de 288 ocorrências. O que podemos concluir através desse resultado é que o ambiente familiar ainda exerce influência significativa no comportamento lingüístico do falante, nessa faixa de idade.

Labov já percebia a forte influência do meio no comportamento lingüístico de jovens com essa faixa de idade, quando do seu estudo sobre *a aquisição do inglês standard por crianças*. Para esse autor, o jovem na faixa de idade entre 14 e 15 anos começa a entrar em maior contato com o mundo adulto, de maneira que o significado social das características do dialeto dos seus amigos torna-se evidente para ele quando começa a se expor a outras formas novas de fala. Esta é uma faixa de idade em que, para Labov, o adolescente demonstra padrões que se assemelham ao padrão adulto.

Isso nos leva a interpretar que em Cáceres os jovens do grupo de idade entre 12 e 16 anos estão abertos às influências, tanto do meio familiar quanto do meio externo, optando pela forma variante que mais se aproxima ao padrão adulto.

Estudos anteriores atestam a correlação da variável idade com outras variáveis também do eixo social. Com base nisso, julgamos importante mostrar, em um outro momento deste estudo, na seção 4.2, a correlação entre essa e outras variáveis também sociais, selecionados pelo programa.

2) *Estilo*

A variável *estilo* foi a segunda selecionada pelo programa. Esta variável é vista por pesquisadores, a exemplo de Chambers & Trudgill (1994), como uma variável importante em pesquisas relativas à variação lingüística, pelo fato de proporcionar amostra do comportamento lingüístico dos falantes em várias situações de interação comunicativa da vida real, o que abarca uma imagem que vai do estilo mais formal ao menos formal, ou informal.

Neste estudo, a variável *estilo* se mostrou um fator relevante à aplicação da regra de substituição. Vejamos os resultados dos efeitos estilísticos no uso da variante [ãw], na Tabela 2 que se segue:

TABELA 2

Efeito do fator estilo relativo ao uso da variante [ãw]

Estilo	Oco / T	Porcentagem	P.R.
Formal	560/840	67%	.62
Informal	65/218	30%	.13
Total	625 / 1058	59%	
Input = 33		Significance = 028	

Conforme os resultados da tabela 2, os falantes cacerenses, em situação formal, tendem a usar com mais frequência a variante [ãw], apresentando peso relativo de .62 no estilo formal, contra .13 em relação ao estilo informal. Esses resultados confirmam a posição de Tarallo (1994) e outros pesquisadores, no sentido de que o estilo formal bloqueia a variante supostamente estigmatizada, no caso [õ].

Estes resultados podem ter alguma relação com a velocidade da fala, visto que em situação estilística natural a fala tende a ocorrer de maneira mais veloz, ou seja, fluindo com mais rapidez, uma vez que neste estilo não há policiamento no modo de falar, por ser uma forma descontraída de comportamento de fala. Sendo assim, estilo e velocidade de fala são dois aspectos diferentes, que podem se intercruciar ou não, dependendo da situação de fala em que o falante está inserido.

Os critérios que utilizamos para a identificação dos estilos em formal/informal foram baseados em outros estudos sobre variação lingüística, como os desenvolvidos por Chambers e Trudgill (1994), por exemplo, para os quais o estilo formal é o modo de interação verbal em que o falante dedica mais atenção ao seu falar, monitorando-o, e o estilo informal é aquele em que o falante dedica menos tempo ao seu modo de falar, descuidando-se mais de sua fala.

Embora, neste estudo, não tenha sido utilizado pedir ao informante para ler um texto em voz alta, - “estilo de leitura de um texto”, observamos, na comunidade de Cáceres, não só em relação à leitura de textos em situações informais como em relação a discursos mais formais - em abertura de eventos, por exemplo, que alguns falantes nativos, nessas ocasiões, os mais velhos especificamente, independentemente de classe social e nível de escolaridade, fazem uso da variante não padrão [õ]. Isso nos leva a interpretar que alguns

cacerenses não percebem a correlação dessas atividades com a “correção lingüística”, ou não dão importância a isso.

Levando em consideração os indícios de mudança em progresso, observados neste estudo, é importante que verifiquemos até que ponto a variável *estilo* pode estar contribuindo para esse processo, visto que, de acordo com Chambers e Trudgill (1994), os padrões usuais de diferenciação de estilo podem ser indicativos de uma mudança lingüística em curso.

Procuramos, portanto, na seção 4.2, cruzar os dados relativos à variável *estilo* com a variável *classe social*, para verificarmos se essa diferença estilística é obedecida pelas classes sociais, e, ao mesmo tempo, verificarmos se a correlação entre esses fatores está contribuindo para a confirmação do quadro de mudança em progresso, que parece se formar na comunidade em foco.

Considerando esse quadro, procuramos também fazer o cruzamento da variável *estilo* com a variável *idade*, uma vez que a faixa etária do falante pode ser também um indicativo de mudança lingüística em curso, como já foi dito anteriormente.

3) Origem

A origem do falante de uma comunidade é um dado importante para avaliar a competência lingüística desse falante-ouvinte e, conseqüentemente, o nível de homogeneidade da fala da comunidade frente a influências várias.

A variável *origem* também se mostrou um fator importante para o estudo, considerando que foi selecionada como terceira do grupo de fatores extralingüístico e quarta do total de 8 (oito) variáveis selecionadas pelo programa. Os resultados a que chegamos, em relação a essa variável, são mostrados na tabela 3, a seguir:

TABELA 3
Efeito do fator origem relativo ao uso da variante [ãw]

Origem	Oco / T	Porcentagem	P.R.
CPC	301 / 690	44%	.36
CPÑC	324 / 368	88%	.74
Total	625 / 1058	59%	
Input = 33		Significance = 028	

Os resultados referentes a essa variável mostram que os cacerenses filhos de pais não cacerenses (CPÑC) usam mais o [ãw], apresentando um índice de (.74) contra (.36) apresentado pelos cacerenses filhos de pais cacerenses (CPC). Esses resultados referentes à *origem*, só confirmam o que já era previsto neste estudo.

É possível que esses resultados devam-se à influência advinda da interação desses falantes cacerenses filhos de pais não cacerenses com seus pais, como também da interação com pessoas de outras regiões. Isto é, essa influência pode estar não só dentro de seu próprio ambiente familiar como fora dele. Esta suposição já havia sido aventada quando da observação participante (OP), demonstrada na seção 3.5. desse trabalho.

O fator *origem* é um aspecto muito importante em relação a mudanças lingüísticas, visto que nele estão representadas as raízes de um povo, sua cultura, sua língua. A preservação das raízes atua de maneira muito forte sobre os habitantes de uma comunidade, principalmente de uma comunidade tida como tradicional.

Através deste estudo, podemos observar que na comunidade de Cáceres o falante nativo aparenta ser tradicional, ou seja, o cacerense procura manter suas tradições, suas raízes, e isso se traduz também em relação ao dialeto. O nativo cacerense procura preservar o seu dialeto original, lutando contra as pressões externas, para manter suas raízes. Sendo assim, sempre que um cacerense disser [nõ] ao invés de [nãw], ele estará reafirmando, consciente ou inconscientemente, sua origem, se colocando como nativo da comunidade de Cáceres à qual pertence também sua realidade.

Neste sentido, em Cáceres, parece ocorrer um caso semelhante ao da ilha de Vineyard (ponto focal de um estudo realizado por Labov sobre monotongação) onde diferentes grupos resistem às várias inovações da fala, para assegurar o seu status de nativo.

Estudos anteriores apontam para prováveis correlações entre a variável *origem* e outras variáveis extralingüísticas. Portanto, para saber se pressões e atitudes sociais, bem como a idade do falante, se correlacionam ao fator *origem* nessa comunidade, incidindo sobre a variação em foco, procuramos cruzar os dados relativos à variável *origem* com dados das variáveis *idade* e *classe social*, cujos resultados apresentamos na seção 4.2. deste trabalho.

4)Sexo

A variável *sexo*, assim como outras variáveis extralingüísticas, também representa um fator importante em estudos sobre variação lingüística, como também pode representar um indicativo de mudança lingüística.

Podemos considerar Fischer (1958) o pioneiro, dentre os pesquisadores, que investigaram o efeito da variável *sexo* sobre variações lingüísticas. No seu estudo Fischer mostrou que a escolha das variantes é influenciada pelo fator *sexo*, constatando que “falantes do sexo feminino usam mais a forma de prestígio”.

Labov (1966) foi outro pesquisador que também estudou a variável *sexo*. No seu trabalho sobre a presença ou ausência de /r/ pós-vocálico na fala dos nova-iorquinos, o autor constatou que as mulheres empregam o /r/ pós-vocálico mais do que os homens.

Neste estudo, a variável *sexo* se mostrou um fator relevante à aplicação da regra de substituição. Os resultados do efeito desta variável sobre o uso do [ãw] apresentamos na Tabela 4, que se segue:

TABELA 4
Efeito do fator *sexo* relativo ao uso da variante [ãw]

Gênero / Sexo	Oco / T	Porcentagem	P.R.
Homem	282 / 508	56%	.33
Mulher	343 / 550	62%	.66
Total	625 / 1058	59%	
Input = 33		Significance = 028	

Pelos resultados mostrados na tabela 4, as mulheres cacerenses usam mais a variante padrão [ãw] do que os homens, apresentando peso relativo de (.66), contra (.33) apresentado pelos homens.

Resultados, como este, confirmam os de outros estudos já realizados, em que a maior influência à emissão de formas de prestígio é exercida pelas mulheres. Conforme Labov (1966; 1981) e Trudgill (1974), os padrões de diferença entre sexos, na correlação *sexo/variação*, mostra que as mulheres tendem a preferir formas socialmente valorizadas. Labov (1972), em estudo realizado sobre a variação do segmento *-th* na cidade de Nova Iorque, já constatara que mesmo na fala descontraída as mulheres usam a forma

estigmatizada menos do que os homens. Isso Demonstra que o sexo feminino é mais sensível às formas de prestígio do que o sexo masculino.

Para alguns estudiosos que também investigaram os efeitos da variável *sexo* sobre variações lingüísticas, essa diferença de comportamento das mulheres em relação aos homens está relacionada a fatores como a melhor resposta da mulher à escolarização - uma vez que pesquisas confirmam um número maior de mulheres escolarizadas do que homens; a sua forma de socialização; o seu papel mais efetivo na transmissão de normas ou regras de comportamento social -dentre elas o comportamento lingüístico.

Estudos anteriores sobre variação lingüística mostram diferença de comportamento lingüístico entre homem e mulher em relação à escolarização. Neste estudo, não há como testar essa correlação, visto que a variável *grau de escolaridade* foi excluída da análise pelo programa, o que nos leva a crer que esta não tenha tido relevância para o estudo, de forma que não faria sentido aqui tal correlação. Porém, na seção que trata das correlações entre variáveis, testaremos a correlação da variável *sexo* com o fator *idade*, outra correlação relacionada a essa variável que também julgamos importante para a análise e que procuramos testar na seção 4.2, a fim de saber o efeito que essas variáveis, juntas, exercem sobre o fenômeno investigado.

5) *Classe social*

Existe uma relação muito evidente entre a forma de falar e a *classe social*. Vários estudos já realizados sobre variáveis lingüísticas apontam a *classe* como um importante fator social condicionador das mudanças lingüísticas.

Esta variável também se mostrou neste estudo como fator relevante à aplicação da regra. Os resultados da relação entre dados lingüísticos e características sociais estão representados na Tabela 5, a seguir:

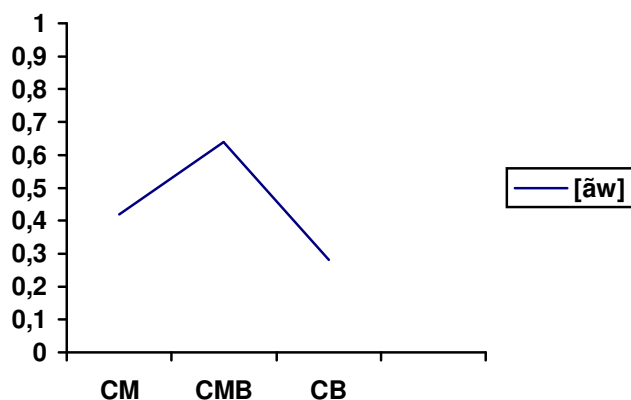
TABELA 5
Efeito do fator classe social relativo ao uso da variante [ãw]

Classe social	Oco / T	Porcentagem	P.R.
CM	195 / 337	58%	.42
CMB	320 / 526	61%	.64
CB	110 / 195	56%	.28
Total	625 / 1058	59%	
Input = 33		Significance = 028	

Conforme os resultados da tabela 5, os falantes cacerenses da classe social média baixa (CMB), são os que mais usam a variante padrão [ãw], apresentando probabilidade de (.64), em seguida estão os da classe média (CM) com (.42), e depois os de classe baixa (CB), com (.28). Estes resultados mostram o grupo intermediário (CMB) como padrão de mudança para a variante [ãw]. Neste estudo, é, portanto, a classe intermediária que implementa o padrão de mudança.

Esses resultados reforçam a posição de Labov (1972) em relação à classe social, quando afirma que “as variantes mais prestigiadas ocorrem mais freqüentemente na classe social imediatamente abaixo da classe mais alta (...)”. Como a classe mais alta neste estudo é a CM, a classe imediatamente abaixo dela é a CMB, onde, conforme os resultados, se concentra o maior uso da variante [ãw] - forma mais prestigiada, reforçando assim a posição de Labov.

Em estudos lingüísticos já realizados, hipóteses sobre a variável *classe social* revelam que as variantes socialmente estigmatizadas caracterizam a linguagem das classes mais baixas, enquanto que as variantes socialmente valorizadas ou de prestígio, caracterizam a linguagem das classes mais altas. Neste estudo, essas hipóteses confirmam-se apenas parcialmente, visto que, pelos resultados apresentados, o maior uso da variante socialmente valorizada cabe à classe intermediária e não à classe mais alta como mostra a tabela 5, constatando-se no Gráfico 2, a seguir.



[ãw] em Cáceres por Classe Social

CM= Classe média; CMB= Classe média baixa; CB= Classe baixa

Gráfico 2

A forma arqueada mostrada no gráfico 2 parece indicar que é a classe intermediária que implementa o padrão de mudança na comunidade investigada, visto que a frequência da variante [ãw] cresce a partir da CM, atinge o pico na CMB e vai decrescendo em direção a CB. Este resultado nos leva a acreditar que estamos diante de um quadro que está evoluindo para uma mudança lingüística.

Uma explicação para estes resultados talvez esteja relacionada ao fator *idade*, no sentido de que as pessoas da classe social intermediária (CMB) dessa comunidade enquadram-se nos grupos de idade das pessoas mais jovens, e as pessoas da classe social mais alta (CM) no grupo de idade das pessoas mais velhas. Isso será testado mais adiante, na seção 4.2, através do cruzamento dos dados referentes às variáveis *classe social* e *idade*.

Para pesquisadores como Votre (1996), por exemplo, as formas de prestígio social ocorrem em contextos mais formais, entre pessoas que ocupam posições mais elevadas na escala social. Essa correlação também é testada, através do cruzamento dos dados relativos às variáveis *estilo* e *classe social*, na seção 4.2 deste trabalho.

6) *Setor residencial*

A variável *setor residencial* foi a última selecionada pelo programa entre os grupos de fatores lingüísticos e extralingüísticos. Os resultados relativos a esta variável estão dispostos na tabela 6, a seguir:

TABELA 6

Efeito do fator setor residencial relativo ao uso da variante [ãw]

Setor residencial	Oco / T	Porcentagem	P.R.
Bairro central	335 / 575	58%	.57
Bairro periférico	290 / 483	60%	.41
Total	625 / 1058	59%	
Input = 33		Significance = 028	

Os resultados apresentados na tabela 6 mostram que as pessoas que residem em bairros centrais usam mais a forma padrão ou de prestígio social [ãw], apresentando um índice de (.57), contra (.41), em relação às pessoas que residem em bairros periféricos.

Apesar dos resultados indicarem pouca diferença entre os moradores dos dois setores em relação ao uso do [ãw], esses resultados confirmam o que já foi comprovado na OP (observação participante), tratada na seção 3.5. deste estudo, assim como vão ao encontro de resultados de outros estudos já realizados sobre variação lingüística. Tais estudos mostram que “as pessoas que residem em bairros periféricos tendem a usar mais a variante estigmatizada socialmente”.

O local de residência do falante é visto como indicador indireto de seu nível sócio-econômico, isso indica que as pessoas que residem em bairros periféricos são pessoas de menor poder aquisitivo, portanto, têm pouco acesso à cultura, o que interfere no seu comportamento lingüístico. De acordo com essa interpretação, espera-se que essas pessoas tenham pouco domínio da língua e por isso tendem a usar mais a variante socialmente estigmatizada. Os resultados apresentados neste estudo, embora tenham se mostrado insignificantes em relação às diferenças de uso entre os setores da variante socialmente prestigiada, vêm corroborar com o que já era previsto em relação a essa variável.

3.1.2. Grupos de fatores lingüísticos

Neste estudo, dos oito grupos de fatores selecionados pelo programa apenas dois são lingüísticos: 1) *itens lexicais e não lexicais* e 2) *tonicidade*. Vejamos o que dizem os dados em relação a essas variáveis lingüísticas.

1) Itens lexicais e não lexicais

A variável *itens lexicais e não lexicais* foi a terceira selecionada entre as oito que o programa selecionou, mostrando assim o seu grau de relevância para o estudo. Como se trata de uma variável que aponta para um condicionamento morfológico, é interessante que se verifique o efeito de difusão desta sobre a variante [ãw], ou seja, é importante que se teste a hipótese de difusão lexical, defendida no Brasil por Oliveira (1981), mostrando o tipo de palavra em que o processo ocorre.

Os resultados relativos a esta variável são mostrados na tabela 7, que se segue:

TABELA 7

Efeito do fator itens lexicais e não lexicais relativo ao uso da variante [ãw]

Itens lexicais e não lexicais	Oco / T	Porcentagem	P.R.
Nomes Próprios	20 / 55	36%	.33
Nomes não próprios	210 / 442	48%	.44
Negativa	376 / 451	83%	.67
Conectores	19 / 110	17%	.18
Total	625 / 1058	59%	
Input = 33		Significance = 028	

Observamos, na tabela 7, que a variante [ãw] é usada com mais frequência: na negativa (representada aqui pelo *não*), apresentando peso relativo de (.67); em seguida vem os nomes não próprios registrando (.44); depois vêm os nomes próprios com (.33); e, por último, os conectores com peso relativo de (.18). Ao que nos parece, nessa comunidade a regra de substituição se aplica a todas as palavras com terminação /ão/.

Neste estudo, o uso da variante [ãw] em nomes próprios nos surpreendeu pelo significativo índice apresentado, indo de encontro a outros trabalhos já realizados como os de Oliveira (1991) e Mollica & Mattos (1992), por exemplo, que atestaram restrições a nomes próprios como implementador de mudança.

Porém, isso talvez possa ser explicado pela natureza do fenômeno aqui focalizado, um caso atípico em que uma variante, aparentemente arcaica [õ], foi implantada na fala da comunidade, passando a conviver lado a lado com a variante padrão [ãw]. Portanto, o fenômeno em estudo não se trata de uma nova forma variante que se implantou no sistema vigente da fala dessa comunidade a ponto de travar uma luta com a variante padrão e sim de uma variante arcaica, implantada há muito tempo na fala da comunidade, mas que parece estar perdendo a força, tendendo a desaparecer do sistema de fala dessa comunidade, cedendo lugar à variante padrão.

Todavia, analisando os resultados do ponto de vista da difusão lexical, esses parecem concordar com o modelo à medida que a ocorrência da variante [ãw] se apresenta, de uma certa forma, estável independente do tipo de palavra em que esta ocorra, mostrando que “a mudança ocorre na palavra e não em parte dela”, como defende Oliveira (1982).

Notamos também neste estudo que as palavras mais afetadas por [ãw] são as mais freqüentes na fala da comunidade. Isso nos leva às idéias difusionistas, no sentido em que a freqüência determina os itens lexicais primeiramente atingidos por uma mudança. O pesquisador Leslau (1969) foi um dos primeiros a trabalhar nessa linha. Com seu trabalho sobre mudanças em línguas da Etiópia, ele constatou que as palavras mais freqüentes são as mais afetadas pelo processo de mudança fonológica. Embora, o pesquisador Oliveira (1991/1997) tenha concluído através de seus trabalhos que as palavras mais freqüentes não são necessariamente as mais atingidas por uma única mudança.

2) *Tonicidade*

A variável lingüística *tonicidade*, tida como condicionador fonético, também se mostrou relevante neste estudo. Podemos observar os resultados relativos a essa variável através da tabela 8 a seguir:

TABELA 8
Efeito do fator tonicidade da sílaba sobre o uso da variante [ãw]

Tonicidade	Oco / T	Porcentagem	P.R.
Oxítone	204 / 523	39%	.45
Monossílabo tônico	395 / 509	78%	.55
Total	599 / 1032	58%	
Input = 33		Significance = 028	

Os resultados da tabela 8 confirmam o uso mais freqüente da variante [ãw] nos monossílabos tônicos com índice de (.55). Porém, comparando os resultados entre os itens, a diferença relativa ao índice de ocorrência dos monossílabos tônicos em relação ao índice de ocorrência das palavras oxítonas (.45) é pequena, ou seja, a diferença entre esses itens é pouco relevante para o estudo.

Essa pouca diferença entre os itens pode ser explicada talvez pela natureza do próprio fenômeno nasal de final de palavra, cujos ambientes mais propícios de ocorrência é no final de palavras oxítonas e em monossílabos tônicos.

Talvez por aqui se explique também o pequeno índice de ocorrência em relação ao uso da variante [ãw] nas paroxítonas, item excluído do grupo de fatores *tonicidade* logo na

primeira rodada do VARBRUL, pelo número irrelevante de ocorrência por ele apresentado. O número reduzido de palavras paroxítonas com terminação /ão/ em nosso léxico talvez seja um agravante em relação à frequência de uso dessas palavras, fazendo com que essas sejam pronunciadas com um grau de frequência muito menor, levando a uma situação que tende a favorecer o uso do [ãw], isso considerando que as palavras de uso mais frequente são as primeiramente atingidas por uma mudança.

Por outro lado, a própria posição da sílaba tônica nas paroxítonas – penúltima sílaba e não última, pode estar fazendo com que a intensidade da tônica nesta posição enfraqueça a sílaba átona posterior a ela, inibindo, assim, o processo de substituição neste tipo de palavra.

A tonicidade em Português, segundo Câmara Jr. (1979:33 in Araújo, 1999), é marcada pela intensidade, de maneira que as sílabas tônicas são produzidas com uma força expiratória maior, isto é, com maior intensidade do que as sílabas átonas. Neste sentido, seria de se esperar que a perda de segmento fosse mais comum em sílabas átonas, por serem produzidas com menor intensidade. Mas os resultados em relação ao segmento /-ão/, em Cáceres, mostram o contrário, uma vez que são em monossílabos tônicos e em palavras oxítonas que mais incide a variante [ãw].

Portanto, por esses resultados, podemos até dizer que a tonicidade se mostrou pouco relevante à aplicação da regra de substituição no português falado, na comunidade de Cáceres.

3.2 Correlação entre Grupos de Fatores

Uma das conquistas da dialetologia urbana foi mostrar que a variação lingüística se encontra condicionada por fatores extralingüísticos e/ou lingüísticos. Com base neste princípio, têm sido verificadas correlações estreitas entre grupos de fatores que interagem significativamente em relação a um dado fenômeno lingüístico.

Considerando a importância de uma análise quantitativa específica que nos permita fazermos o cruzamento de dados, para verificarmos as correlações possíveis entre grupos de fatores que poderiam estar interferindo no fenômeno em pauta, julgamos interessante fazermos o cruzamento de alguns dos grupos de fatores selecionados.

Portanto, retomando a análise dos grupos de fatores ou variáveis selecionadas, nesta seção trataremos da correlação entre algumas delas, no sentido de mostrar até que ponto a interação entre uma e outra pode ser significativa para a interpretação do fenômeno em estudo.

Vejamos algumas correlações que julgamos necessárias para melhor esclarecimento do fenômeno.

1) *Estilo e idade*

Estudos anteriores, como o de Trudgill (1974), sobre o inglês falado em Norwich, Inglaterra, mostraram significativa interação entre as variáveis *estilo* e *idade*. Diante disto, julgamos importante testar as implicações da correlação entre essas variáveis sobre o fenômeno focalizado.

Os resultados dessa correlação encontram-se representados na tabela 9 que se segue:

TABELA 9

Distribuição do uso das variantes por Estilo e Idade

Idade \ Estilo	Estilo formal		sub total	Estilo informal		Sub total	total
	[ãw]	[õ]		[ãw]	[õ]		
12 a 20	369/97%	12/3%	381	60/72%	23/28%	83	464
21 a 50	185/50%	183/50%	368	2/3%	70/97%	72	440
+50	6/7%	85/93%	91	3/5%	60/95%	63	154
total	560/67%	280/33%	840	65/30%	153/70%	218	1058
CHI-SQUARE FOR TOTALS = 45.740 SIGNIFICANC = .000							

Conforme os resultados da tabela 9, na comunidade de Cáceres, as pessoas mais jovens (de 12 a 20 anos), em situação de formalidade, tendem a realizar mais a forma variante [ãw], apresentando um índice percentual de 97%.

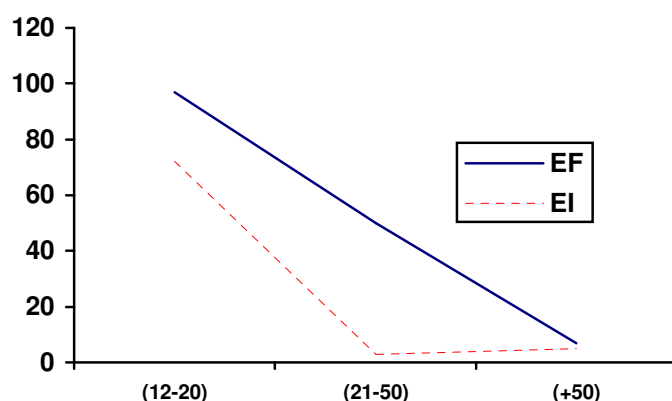
Uma explicação possível para o alto índice de realização do [ãw] entre os falantes mais jovens em situação de formalidade, deve estar relacionada não só ao próprio estilo formal, que já prevê um comportamento lingüístico bem cuidado por parte do falante, como também ao fato de as pessoas mais jovens, por encontrarem-se mais expostas às pressões sociais do meio em que vivem, podem sofrer influência desse meio sobre seu comportamento lingüístico.

Dada à natureza do fenômeno focalizado, em que co-ocorrem no sistema lingüístico da comunidade a forma padrão [ãw] e uma forma arcaica do português [õ], e considerando os significativos índices relativos a essa forma arcaica aqui apresentados, é importante mostrarmos também os resultados referentes à variante arcaica, não padrão [õ].

Em relação à variante [õ], observamos que as pessoas mais velhas (+50 anos), tanto no estilo formal como no estilo informal, tendem a usar mais essa variante, registrando índices que variam entre 95% no estilo informal e 93% no estilo formal. Percebemos ainda que no estilo informal o índice de realização do [õ] é também bastante significativo em relação às pessoas do grupo de idade intermediário (de 21 a 50 anos), apresentando um índice de 97%.

Esse alto índice de uso da variante [õ] entre as pessoas mais velhas, tanto em situação de informalidade, quanto em situação de formalidade, talvez se explique pelo conservadorismo peculiar às pessoas de mais idade, que as leva a utilizar formas consideradas arcaicas, no caso a variante [õ]. Isso vem confirmar resultados de estudos já realizados, que comprovam que as pessoas mais velhas são mais resistentes a mudanças, tendendo a usar as formas mais conservadoras.

A representação gráfica do Gráfico 3, que se segue, nos possibilita visualizarmos melhor os resultados mostrados na tabela 9.



[ãw] em Cáceres por Idade e Estilo

Gráfico 3

Através do Gráfico 3, podemos observar em relação ao uso da variante [ãw] uma nítida progressão entre os índices estilísticos. No estilo formal, o índice aumenta à medida que a idade diminui, atingindo índice máximo o grupo mais jovem (de 12 a 20 anos). Quanto ao estilo informal, observamos uma regularidade inicial em relação aos últimos grupos de idade, apresentando uma pequena declinação do grupo de mais idade (+50 anos) em direção ao grupo intermediário (21 a 50 anos). Estes resultados confirmam o quadro de mudança em progresso que favorece a variante [ãw].

2) Origem e idade

A *origem* assim como a *idade* do falante são fatores importantíssimos para definir o seu comportamento lingüístico, pois é na origem que está arraigada toda uma tradição, manifestada principalmente através das pessoas mais velhas. Portanto, outra correlação que também julgamos importante realizarmos neste estudo é a que relaciona às variáveis *origem* e *idade*.

Os resultados referentes a esta correlação apresentaremos na tabela 10, a se seguir:

TABELA 10

Distribuição do uso das variantes por Origem e Idade

Origem Idade	CPC		Sub total	CPÑC		Sub total	Total
	[ãw]	[õ]		[ãw]	[õ]		
12 a 20	184/87%	27/13%	211	245/97%	8/3%	253	464
21 a 50	109/31%	243/6%	352	78/89%	10/11%	88	440
+50	8/6%	119/94%	127	1/4%	26/96%	27	154
total	301/44%	389/56%	690	324/88%	44/12%	368	1058
CHI-SQUARE FOR TOTALS = 142 319				SIGNIFICANCE = .000			

Conforme a tabela 10, a variante [ãw] é mais usada por cacerenses filhos de pais não cacerenses (CPÑC), do grupo de idade mais jovem (de 12 a 20 anos), apresentando um índice de 97% de uso. Porém, o índice de uso desta variante por parte dos cacerenses filhos de pais cacerenses (CPC), nesse mesmo grupo de idade, também é significativo 87%, assim como também é significativo o índice de uso dessa variante entre os cacerenses filhos de pais não cacerenses do grupo de idade intermediário (de 21 a 50 anos), que chega a 89% de uso.

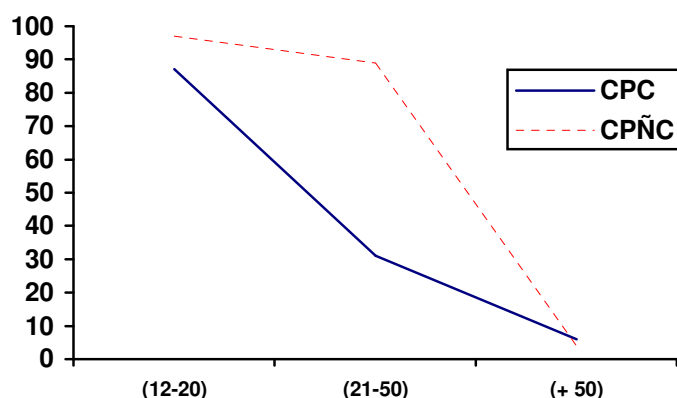
É importante ressaltar ainda os índices relativos ao uso da variante [õ], mostrados na tabela 10, pela relevância com que eles se apresentam entre as pessoas de mais idade. Nos resultados da tabela, a origem parece não fazer tanta diferença em relação ao uso do [õ] por parte dos mais velhos. Visto que os cacerenses com mais de 50 anos apresentaram índices significativos de uso do [õ] independentemente de sua origem, (96%) de uso do [õ] em relação aos CPC e (94%) em relação aos CPÑC.

Provavelmente estes resultados podem ser explicados se considerarmos que os falantes mais velhos tendem a usar as formas mais conservadoras, como já foi observado anteriormente, e os mais jovens tendem a usar as formas mais inovadoras.

Por outro lado, o ambiente familiar pode estar contribuindo para o comportamento lingüístico dos falantes CFPÑC, que provavelmente recebem influência lingüística dos seus pais no convívio diário. Os próprios resultados apontam para essa direção, mostrando que a origem dos pais exerce um efeito importante para a regra de substituição do [õ] por [ãw] em Cáceres em relação aos falantes filhos de não cacerenses, principalmente no que se refere ao grupo dos mais novos e ao grupo intermediário, registrando índices de 97% e 89% de uso de [ãw] respectivamente.

Assim, podemos dizer que em Cáceres a variante [ãw] é mais usada pelos cacerenses mais jovens e a variante [õ] pelos cacerenses mais velhos, sem diferença significativa em relação à origem dos falantes.

O gráfico 4, a seguir, nos possibilita uma visão melhor dos resultados apresentados na tabela 10.



[ãw] em Cáceres por Idade e Origem

CPC= Cacerense filho de pais cacerense; CPÑP= Cacerense filho de pais não cacerense

Gráfico 4

Como podemos perceber, confirma-se pelo gráfico 4, através das linhas que representam as origens em relação aos grupos de idade, que os cacerenses mais jovens tendem a usar mais a variante [ãw] do que os cacerenses mais velhos, e que a origem de seus pais não interfere de forma significativa no uso dessa variante. A forma arqueada das linhas mostrando que elas se repelem em certos pontos e se atraem em outros, ou seja, se repelem no meio e se atraem nos pólos aponta para uma interpretação que indica que o [ãw]

em Cáceres é usado com menor frequência por CPC na idade mais velha, aumentando o uso dessa variante, à medida que a idade diminui. No que se refere ao CFPÑC, o uso dessa variante é mais frequente entre os mais jovens, diminuindo seu uso à medida que a idade avança. Isto significa que em Cáceres o uso da variante [ãw] se dá de forma progressiva, crescendo à medida que diminui a idade do falante.

Podemos, portanto, concluir que estes resultados vêm confirmar o quadro de mudança lingüística, já constatado neste estudo.

3) *Sexo e idade*

É importante também que se verifique aqui a correlação entre as variáveis *sexo* e *idade*, uma vez que se trata de duas variáveis, cuja correlação pode fornecer indícios para evidenciar caso de mudança em curso, previsto neste estudo.

Outros estudiosos da área já verificaram os efeitos dessa correlação em seus trabalhos, chegando a importantes resultados. Sankoff e Cedergren (1971), por exemplo, verificaram os efeitos desta correlação sobre a elisão do /l/ final entre os falantes de Montreal, assim como Kemp (1981) também o fez nos seus estudos sobre o francês de Montreal.

Os resultados da correlação *sexo/idade* sobre o fenômeno focalizado encontram-se na tabela 11:

TABELA 11

Distribuição do uso das variantes por Sexo e Idade

Sexo Idade	Homem		sub total	Mulher		Sub total	Total
	[ãw]	[õ]		[ãw]	[õ]		
12 a 20	250/92%	22/8%	272	179/93%	13/7%	192	464
21 a 50	27/20%	108/80%	135	160/52%	145/48%	305	440
+50	5/5%	96/95%	101	4/8%	49/92%	53	154
total	282/56%	226/44%	508	343/62%	207/38%	550	1058
CHI-SQUARE FOR TOTALS = 92 915 SIGNIFICANCE = .000							

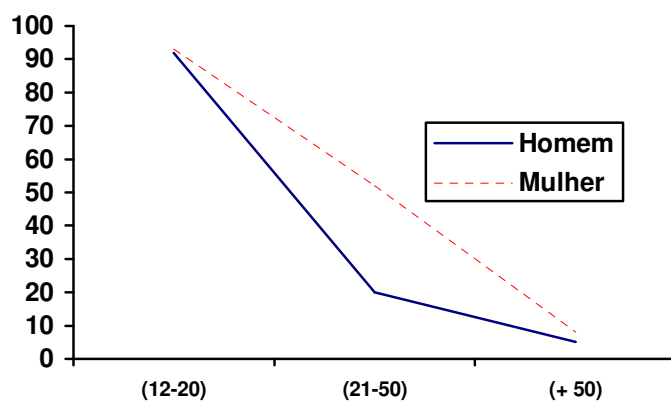
Através dos resultados da tabela 11, podemos verificar que o [ãw] é mais usado pelas mulheres mais jovens, do grupo de idade (de 12 a 20 anos). Percebemos, porém, que nessa faixa de idade a diferença de uso dessa variante entre as mulheres e os homens é mínima, ou até insignificante, 93% de uso das mulheres contra 92% dos homens. Já no que se refere ao grupo de idade intermediário (de 21 a 50 anos), percebemos uma diferença significativa do uso dessa variante por parte das mulheres em relação ao seu uso por parte dos homens. Neste grupo de idade as mulheres apresentam índice de 52% de uso de [ãw] contra 20% de uso apresentado pelos homens.

Quanto aos resultados relativos à variante [õ], percebemos que os homens e as mulheres mais velhos preferem o uso dessa variante, registrando 95% de uso por parte dos homens contra 92% por parte das mulheres. Embora tenhamos percebido um índice significativo de uso do [õ] por parte dos homens do grupo de idade intermediário (de 21 a 50 anos), 80% de uso.

Conclui-se então pelos resultados que homens e mulheres mais novos preferem o uso da forma padrão [ãw], e, homens e mulheres mais velhos preferem o uso da forma não

padrão ou arcaizante [õ]. Esses resultados já eram esperados, dada à natureza do fenômeno em foco.

O gráfico 5, a seguir, permite melhor visualização dos resultados apresentados pela tabela 11.



[ãw] em Cáceres por Idade e Sexo

Gráfico 5

Através do gráfico 5 é possível perceber que a reta formada, inclinada para a esquerda, representando as mulheres em relação ao uso da variante [ãw], parte em ordem crescente do grupo de mais idade (+50 anos) para o grupo de menos idade (de 12 a 20 anos). Contrastando com a reta, o padrão arqueado que se forma representando os homens em relação ao uso da variante [ãw] parte também do grupo de mais idade (+50 anos), inclinando-se em direção ao grupo de idade intermediário (de 21 a 50 anos), e segue em ordem crescente em direção ao grupo de menos idade (de 12 a 20 anos). Esses resultados demonstram que em Cáceres as mulheres mais velhas tendem a usar menos a variante [ãw] do que as mais jovens, e os homens mais velhos tendem a usar menos esta variante do que as mulheres mais velhas e do que os homens mais jovens.

4) Idade e classe social

Outra correlação que julgamos também necessária verificarmos é a que relaciona as variáveis *Idade e Classe social*, visto que das diferenças etárias e da distribuição das variantes lingüísticas por classes sociais distintas poderemos obter evidências de mudança em curso.

Os resultados referentes a esta correlação estão representados na tabela 12, a seguir:

TABELA 12

Distribuição do uso das variantes por Idade e Classe Social

Idade Classe	12 a 20		sub total	21 a 50		Sub total	+ 50		sub total	total
	[ãw]	[õ]		[ãw]	[õ]		[ãw]	[õ]		
CM	129/94%	8/6%	137	61/42%	84/58%	145	5/9%	50/91%	55	337
CMB	193/98%	3/2%	196	123/46%	145/54%	268	4/6%	58/94%	62	526
CB	107/82%	24/18%	131	3/11%	24/89%	27	0/0%	37/100%	37	1 95
total	42/92%	35/8%	464	187/43%	253/58%	440	9/6%	145/94%	154	1058

CHI-SQUARE FOR TOTALS = 83 638

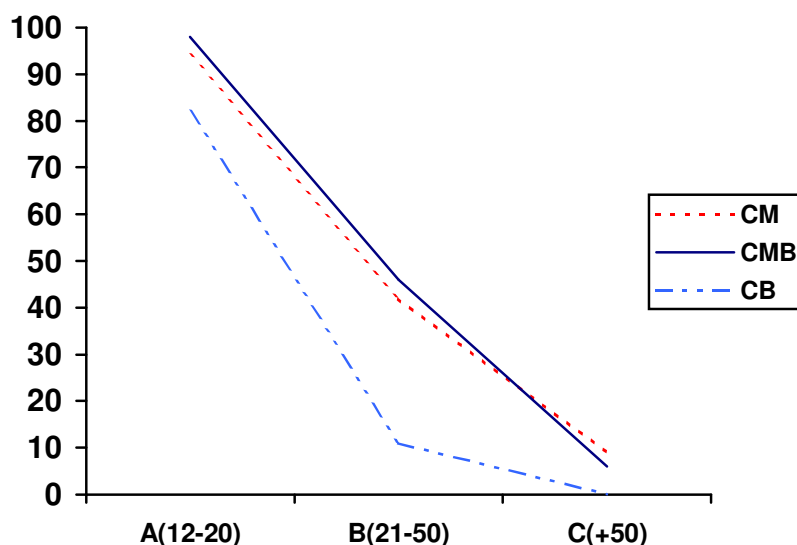
SIGNIFICANCE = .000

Os resultados da tabela 12 mostram que a variante [ãw] é mais usada pelos falantes mais jovens (de 12 a 20 anos) da classe social intermediária (CMB), com 98% de uso, e menos usada pelos mais velhos (+50), registrando 0% de uso num total de 27 ocorrências em relação à CB. Observamos nessa correlação *idade/classe social* que os índices de uso da variante [ãw], no que se refere as três classes CM, CMB e CB associadas aos dois primeiros grupos de idade (de 12 a 20 anos) e (de 20 a 50 anos), não se mostram significativos em relação às diferenças percentuais, sendo significativo apenas o índice relacionado aos falantes do grupo de idade (+50 anos) da classe baixa (CB).

Quanto à variante [õ], os falantes da classe baixa (CB) com idade superior a 50 anos usam categoricamente esta variante, registrando 100% de uso. Já os falantes das classes (CMB) e (CM), deste mesmo grupo de idade (+50 anos), apresentam 94% e 91% de uso desta variante respectivamente.

Portanto, a variante [ãw], na comunidade de Cáceres, é mais usada pelas pessoas mais jovens e a variante [õ] pelas pessoas mais velhas, independente da classe social que ocupam, reforçando, assim, a evidência de mudança em progresso nessa comunidade.

Através do gráfico 6, visualizaremos melhor os resultados apresentados na tabela 12.



[ãw] em Cáceres por Idade e Classe Social

Gráfico 6

O gráfico 6 mostra, em um padrão linear, um certo paralelismo e uma acentuada proximidade em relação às linhas que representam as classes CM e CMB, indicando que não se constata diferença significativa entre essas classes associada à idade dos falantes. Porém, a inclinação das linhas para a esquerda mostra a progressão do uso do [ãw] nessas classes, partindo do grupo dos mais velhos em direção ao grupo dos mais jovens. Observamos que essa progressão atinge também a CB, porém de forma mais branda, se acentua apenas a partir do grupo de idade intermediária.

Estes resultados reafirmam o quadro de mudança lingüística que se apresenta na comunidade de Cáceres em favor da variante [ãw], demonstrado através dos resultados da tabela 12.

5) *Estilo e classe social*

Outra correlação importante para se testar neste estudo se refere às variáveis *Estilo* e *Classe social*. Apresentaremos os resultados relativos a essa correlação na tabela 13, que se segue.

TABELA 13

Distribuição do uso das variantes por Estilo e Classe Social

Estilo Classe	Formal		Sub total	Informal		sub total	total
	[ãw]	[õ]		[ãw]	[õ]		
CM	187/65%	101/35%	288	8/16%	41/84%	49	337
CMB	282/63%	167/37%	449	38/49%	39/51%	77	526
CB	91/88%	12/12%	103	19/21%	73/79%	92	195
Total	560/67%	280/33%	840	65/30%	153/70%	218	1058
CHI-SQUARE FOR TOTALS= 45 740				SIGNIFIANCE= .000			

Os resultados apresentados pela tabela 13, mostram que a variante padrão [ãw] é mais usada pelas pessoas da classe baixa (CB), no estilo formal, apresentando um índice percentual de 88%, enquanto a variante não padrão [õ] é mais usada pelas pessoas da classe média (CM), no estilo informal, com índice de 84%.

Estes resultados nos surpreenderam, visto que, com base em estudo anteriores, esperava-se que o [ãw], como variante padrão, fosse mais usado por pessoas da classe mais alta, neste caso CM, no estilo formal, e o [õ], como variante não padrão, fosse mais usada por pessoas da classe baixa no estilo informal.

Estudos já realizados sobre classe social revelam que as pessoas da classe mais baixa tendem a usar mais as formas não-padrão, enquanto que as pessoas da classe mais alta tendem a usar mais a forma padrão.

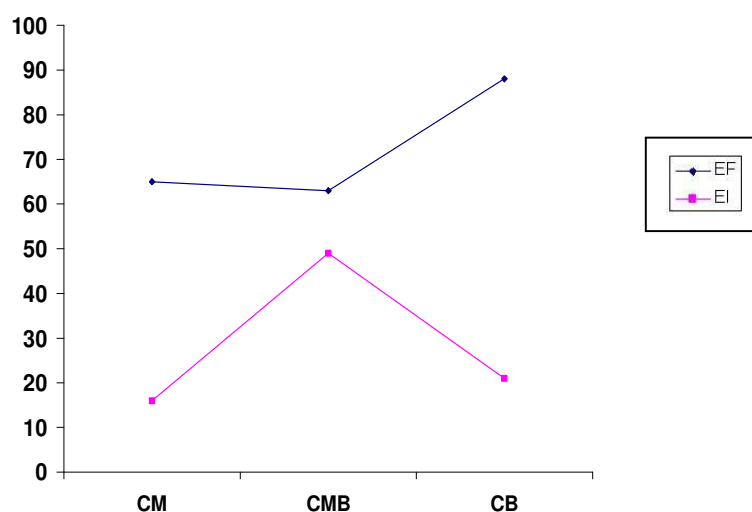
Os resultados aqui apresentados podem ser explicados se considerarmos que, por insegurança lingüística, falantes da classe baixa dedicam uma atenção maior à sua fala, quando em situação de formalidade.

De maneira geral, podemos dizer que em Cáceres a variante padrão [ãw], assim como a não padrão [õ], são usadas por todas as classes nos dois estilos - formal e informal.

Embora sendo no estilo formal o uso maior da variante padrão [ãw] e no estilo informal o uso maior da variante não padrão [õ], considerando individualmente o *estilo*.

Uma possível interpretação para esses resultados é a de que o fenômeno aqui estudado seja um indicador social de uma fala menos comprometida com a norma culta, de uma fala mais relaxada, própria de falantes que não estão sujeitos a pressões sociais sobre o seu desempenho lingüístico.

O gráfico 7 mostra com maior clareza os dados relativos à correlação *estilo/classe social* apresentados na tabela 13.



[ãw] em Cáceres por Estilo e Classe Social

Gráfico 7

Como podemos observar, no gráfico 7 forma-se um padrão curvilíneo, cujas linhas se aproximam no meio e se repelem nos extremos, mostrando que o estilo formal favorece as classes dos extremos (CM) e (CB), especificamente da classe baixa (CB), e desfavorece a classe intermediária, em contraposição ao estilo informal que se mostra favorecedor da classe intermediária (CMB) em detrimento das classes dos extremos.

6) Origem e classe social

Acreditamos ser importante para este estudo verificarmos também a interação entre as variáveis *Origem* e *Classe social*. Os resultados dessa correlação são mostrados na tabela 14, que se segue:

TABELA 14

Distribuição do uso das variantes por Origem e Classe Social

Origem Classe	CPC		sub total	CPÑC		sub total	total
	[ãw]	[õ]		[ãw]	[õ]		
CM	33/19%	142/81%	175	162/100%	0/0%	162	337
CMB	159/48%	169/52%	328	161/81%	37/19%	198	526
CB	109/58%	78/42%	187	1/13%	7/88%	8	195
Total	301/44%	389/56%	690	324/88%	44/12%	368	1058
CHI-SQUARE FOR TOTALS = 109.044 SIGNIFICANCE = .000							

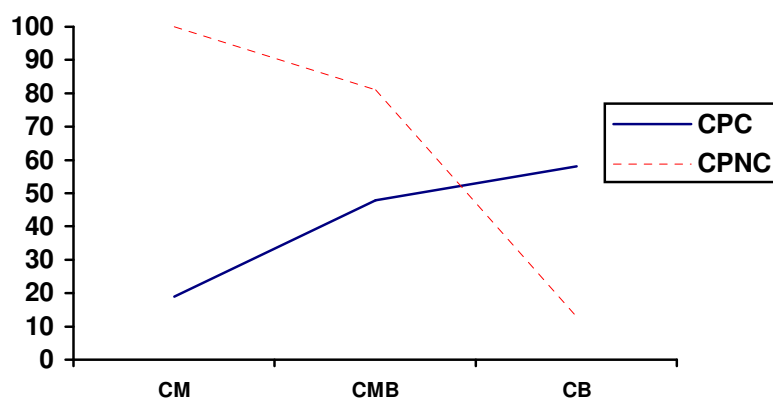
Os resultados da tabela 14 mostram uso categórico da variante [ãw] pelos falantes cacerenses filhos de pais não cacerenses (CPÑC) da classe média (CM), com índice percentual de 100% de uso. É importante ressaltar a nítida progressão que se observa em relação ao uso do [ãw] pelos falantes cacerenses filhos de pais não cacerenses (13%, 81%, 100%), partindo da classe mais baixa (CB) em direção à classe mais alta - neste estudo classe média (CM).

Quanto a variante [õ], os resultados mostram que ela é mais usada por cacerenses filhos de pais não cacerenses (CPÑC), da classe baixa (CB), registrando um índice de 88%. Porém, vale salientar que os cacerenses filhos de pais cacerenses (CPC), da classe média

(CM), apresentaram também um índice bastante significativo em relação ao uso desta variante, 81% de uso.

Portanto, através desses resultados, podemos dizer que os falantes cacerenses filhos de pais não cacerenses estão mais suscetíveis às influências da fala do que os cacerenses filhos de pais cacerenses, pois, sobre estes, pesa a força da tradição, que não pesa sobre aqueles.

Os resultados da tabela 14 serão visualizados com maior clareza no gráfico 8, a seguir:



[ãw] em Cáceres por Origem e Classe Social

Gráfico 8

O gráfico 8 mostra que as linhas que representam a origem dos falantes partem dos extremos, se cruzam em um dado ponto, e seguem ascendentes em direções opostas. Isso mostra o uso progressivo do [ãw] pelos CPNC, começando da CB e crescendo acentuadamente em direção a CM, assim como o uso desta variante pelos cacerenses filhos de pais cacerenses CPC, que cresce em direção oposta da CM para a CB. Portanto, o uso do [ãw] pelos cacerenses filhos de pais não cacerenses vai diminuindo à medida que a classe vai baixando; acontecendo o contrário em relação aos cacerenses filhos de pais cacerenses, que vai aumentando à medida que a classe vai baixando.

Conclui-se, assim, que o [ãw] é mais usado pelos cacerenses filhos de pais não cacerenses (CPNC) da classe média (CM) e menos usado por cacerenses filhos de pais não cacerenses (CPNC) da classe baixa (CB).

3.3 Grupos de Fatores não Selecionados

Julgamos interessante fazer aqui um breve comentário sobre alguns grupos de fatores que não foram selecionados pelo programa VARBRUL, dada a expectativa com que esses foram escolhidos por nós como relevantes para o estudo ora desenvolvido, e, principalmente pelo efeito que esses tiveram em outros estudos já realizados.

Dos treze grupos de fatores propostos para análise, mencionados na seção 3.6 deste trabalho, cinco, na sua maioria lingüísticos, deixaram de ser selecionados pelo programa como favoráveis à regra de substituição, sendo eles: *grau de escolaridade*, *presença de sufixo aumentativo*; *contexto seguinte*; e *número de sílaba*, além do grupo de fatores *ocupação*, excluído já na primeira rodada do VARBRUL.

Chamou-nos a atenção o fato de a variável *grau de escolaridade* ter sido rejeitada pelo programa, dada a sua relevância enquanto fator condicionador à variação lingüística, em estudos já realizados neste campo. Portanto, o fato de esta variável não exercer influência significativa em relação ao fenômeno em estudo, nos causou surpresa, a ponto de nos perguntarmos: Em que medida esta variável pode ser rejeitada? Será que está acontecendo uma superposição desta com outra variável? Ou será que a aplicação da regra de substituição na comunidade de Cáceres independe do grau de escolaridade dos falantes?

Neste estudo, nossa expectativa em relação a variável *grau de escolaridade* era a de que a predominância das formas padrão estava associada a falantes mais escolarizados, e as não padrão a falantes menos escolarizados, como já foi constatado em outros trabalhos. Silva (1974), por exemplo, constatou no seu estudo sobre pronomes de tratamento elevada correlação indireta entre escolarização e grau de formalismo dos falantes. Palma (1984) também constatou, nos seus estudos sobre variação entre segmentos africados [tʃ], [dʒ] e fricativos [ʃ], [ʒ] em Mato Grosso, que os segmentos africados - formas mais antigas, são usados predominantemente por falantes menos escolarizados.

Porém, considerando a exclusão da variável *grau de escolaridade* neste estudo, isso nos leva a acreditar que na cidade de Cáceres a regra de substituição independe do grau de escolaridade do falante, uma vez que os dados, recuperados da segunda rodada do VARBRUL, mostram que o índice maior de uso da variante padrão [ãw] foi das pessoas com grau de escolaridade mais baixo, registrando 80% de uso, e o índice maior de uso da variante não padrão [õ] foi das pessoas com grau de escolaridade superior, registrando 62% de uso. Esses resultados parecem mostrar que, em Cáceres, os falantes têm consciência

social da forma estigmatizada, mas, para manter a tradição, lutam por conservá-la no seu dialeto.

Sobre o grupo de fatores *presença de sufixo aumentativo*, sua exclusão pelo programa indica que esta variável não foi relevante à aplicação da regra de substituição, visto que a regra se mostrou atuante independente do /ão/ ser um segmento com função gramatical, representando marca de aumentativo em palavra “bimorfêmica”, ou ser apenas um segmento de palavra “monomorfêmica”, ou seja, um segmento destituído de função gramatical.

Em relação ao grupo de fatores *contexto seguinte*, nossa expectativa quanto a sua escolha era a de que esta variável estivesse intimamente associada com grupos de força que pudessem exercer influência no contexto posterior ao traço estudado, considerando que a velocidade da fala – elocução rápida ou lenta, por exemplo, associada ao contexto seguinte ao traço, pudesse exercer influência nesse contexto, pois, segundo Câmara Jr.(1972), uma pausa de uma palavra para outra provocada pela fala lenta pode desagregar os naturais grupos de força, com prejuízo para o efeito rítmico. Porém, a exclusão dessa variável como não relevante à regra de substituição mostra que a regra não leva em conta este contexto.

Quanto ao grupo de fatores *número de sílabas*, também excluído da análise por ter se mostrado irrelevante à aplicação da regra de substituição, nossa hipótese em relação a ele era a de que a regra não iria incidir sobre as palavras com maior número de sílaba. Uma possível explicação para a exclusão dessa variável da análise talvez esteja associada às características do próprio segmento em estudo – ditongo nasal de final de vocábulo, somadas às características das palavras frequentemente afetadas por esse segmento – oxítonas e monossilábicas, o que pode estar fazendo com que a atuação da regra de substituição independa do número de sílaba da palavra afetada.

Sobre o grupo de fatores *ocupação*, esperávamos com a sua escolha que a função ocupada pelo falante pudesse exercer influência no seu modo de falar. O fato de essa variável ter sido excluída logo na primeira rodada do programa, nos leva a pensar em duas possíveis causas para essa exclusão, ou a ocupação do falante dessa comunidade não exerce influência no seu modo de falar, ou o número de dados por ocupação não foi suficiente para dar sustentação a análise.

Para fechar esse comentário, uma última observação relacionada aos grupos de fatores não selecionados se faz necessário. Considerando que esses, na sua maioria, são fatores lingüísticos, e considerando também que a maioria dos grupos de fatores

selecionados são extralingüísticos, isso nos leva a acreditar que o fenômeno em foco está sendo condicionado por fatores sociais, uma vez que o processo de substituição é basicamente determinado por variáveis sociais.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, tratamos do processo da alternância do ditongo decrescente nasal final [ãw] para a vogal nasal simples fechada [õ], variação lingüística registrada na fala da comunidade de Cáceres – MT.

Para análise do fenômeno, procuramos desenvolver um estudo seguindo a abordagem da sociolingüística variacionista, no sentido de descobrir que fatores lingüísticos e/ou extralingüísticos estariam atuando no processo variável; bem como identificar a extensão e a propagação desse fenômeno na comunidade investigada, além de procurar, através da evolução histórica do português, explicação para a provável origem desse processo de alternância que envolve uma variante provavelmente advinda do português arcaico.

Conforme os resultados da análise, o fenômeno focalizado, ao que nos parece, está sendo condicionado por fatores sociais, visto que o processo de substituição é basicamente determinado por variáveis sociais, sendo poucas as variáveis lingüísticas que se mostraram relevantes para a análise do fenômeno.

Quanto à provável origem da variante [õ], o contexto sócio-histórico da comunidade aponta para resíduos lingüísticos do português do século XV. Esta variante teria sido implantada no dialeto dessa comunidade pelos seus colonizadores, advindos da região Norte de Portugal, que, segundo estudiosos da história do português, é uma região bastante conservadora. Esses colonizadores, na época da fundação de Cáceres, exerciam uma grande influência sobre a comunidade, pois detinham o poder do capital que fazia mover a economia do município, e isso parece ter provocado efeitos indiretos sobre a vida da comunidade, refletindo também no seu comportamento lingüístico.

Sobre a extensão e propagação da variação, os resultados indicam uma difusão em favor da variante [ãw], com o conseqüente desaparecimento da variante [õ], evidenciando claramente um caso de mudança em curso, na comunidade cacerense.

Vale salientar que a variante [õ], no momento sincrônico, avaliada como estigma sociolingüístico na comunidade, se mostrou, neste estudo, como uma forma alternativa que existe no sistema de fala da comunidade de Cáceres desde sua fundação, convivendo sempre lado a lado com a variante padrão [ãw]. Porém, hoje, como resposta a um processo maior de mudança, impulsionado provavelmente pelo fluxo migratório que se instaurou na

comunidade a partir dos anos 50, a substituição da variante [õ] em favor de [ãw] é o que se evidencia no sistema lingüístico dessa comunidade.

Os grupos de fatores investigados neste estudo mostraram a variável *idade* como um fator importantíssimo para o estudo e decisivo para elucidar evidências de mudança lingüística em curso. Os índices em relação a essa variável mostram o [ãw] como a variante mais usada pelo grupo mais jovem (de 12 a 20 anos) e o [õ], forma arcaica, usada pelo grupo mais velho (+50 anos), que age como força conservadora.

A influência estilística neste estudo também foi um fator importante, prevalecendo o uso da variante padrão [ãw] no estilo formal, situação em que costuma haver policiamento na fala, por ser uma forma cuidadosa de comportamento lingüístico.

O grupo de fatores *origem* também exerceu influência significativa neste estudo, cabendo aos cacerenses filhos de pais não cacerenses (CPÑC) o maior uso da variante [ãw], ao contrário dos cacerenses filhos de pais cacerenses (CPC), que procuram preservar a tradição, realizando mais a forma arcaica [õ], em defesa de sua identidade, enquanto nativo da comunidade.

O grupo de fatores *sexo* merece que façamos alguns comentários a seu respeito, dada a importância com que se mostra em outros estudos já realizados. Os resultados da análise dessa variável sugerem que as mulheres tendem a cumprir com as normas impostas pelo sistema lingüístico e, conseqüentemente, pela sociedade, usando mais a variante padrão [ãw] do que os homens, fato que se apresenta por meio dos índices de (.65) para as mulheres, contra (.34) para os homens.

Quanto à *classe social*, percebemos que seus efeitos sobre o uso da variante [ãw] mostram que é a classe intermediária, neste estudo (CMB), que implementa o processo de mudança lingüística na comunidade de Cáceres, cabendo a essa classe o índice maior de uso da variante [aw], isto é (.64).

Se mostraram também significativos neste estudo os efeitos relativos ao grupo de fatores *setor residencial*. Os resultados referentes a essa variável apontam para uma diferença mínima em relação ao uso da variante [ãw] entre as pessoas que residem em bairros centrais e as que residem em bairros periféricos.

Em relação às variáveis lingüísticas, os resultados referentes ao grupo de fatores *itens lexicais e não lexicais* mostraram que o processo de alternância atinge todas as classes gramaticais, ou seja, todos os itens, quer lexicais, quer não lexicais, são afetados pela regra

de substituição, mas é na negativa, representada pelo *não*, que a variante [ãw] incide com maior frequência.

Quanto à variável *tonicidade da sílaba*, os resultados revelam que o processo de substituição em foco aplica-se tanto às palavras oxítonas quanto às monossilábicas, cabendo às palavras monossilábicas a maior incidência da forma variante [ãw].

Das correlações efetuadas neste estudo, podemos dizer que a correlação *idade/estilo* mostrou que, em Cáceres, a variante [ãw] é mais utilizada pelo grupo mais jovem (de 12 a 20 anos), no estilo formal. Já em relação à correlação *origem/idade*, os resultados revelam que a variante [ãw] é mais usada pelos cacerenses mais velhos (+50 anos), independentemente da origem. Sobre a correlação *sexo/idade* os resultados nos mostram que a variante [ãw] é mais usada pelas pessoas mais jovens (de 12 a 20 anos), não apresentando diferença significativa entre homens e mulheres. No que diz respeito à *idade/classe social*, essa correlação nos revela que a variante [ãw] é mais usada pelos cacerenses mais jovens (de 12 a 20 anos), de todas as classes sociais. Porém, no tocante à interação *classe/origem* os resultados indicam que a variante [ãw] é mais usada por cacerenses filhos de pais não cacerenses (CPÑC), da classe média (CM), que é a classe considerada mais alta neste estudo, apresentando uso categórico por essa classe (100%). E no que se refere à correlação *estilo/classe social*, os resultados mostram que em Cáceres a variante [ãw] é mais usada por pessoas da classe social baixa (CB), no estilo formal.

Portanto, os índices globais da análise da variação do segmento /-ão/ na comunidade de Cáceres, sinalizam para um quadro que caminha para uma mudança em favor da variante [ãw] e conseqüente desaparecimento do [õ], e, com o fluxo migratório que se instaurou nesta comunidade, a partir dos anos de 1950, com mais intensidade nos anos 60 e 70, o contato com novas culturas e novas línguas está servindo para acelerar esse processo de mudança, isto é, a língua do migrante está, certamente, provocando reflexos na língua do cacerense, a ponto de intensificar o processo de mudança em favor do [ãw] nessa comunidade.

Como todo trabalho de pesquisa deixa sempre pendentes questões que podem ser esclarecidas através de investigações futuras, sugerimos como indicação para futuros trabalhos na área da lingüística, especificamente da sociolingüística, em relação ao dialeto de Mato Grosso, que: primeiramente se faça um estudo diacrônico, para esclarecer a verdadeira origem do fenômeno aqui tratado; depois, que se façam investigações que possam elucidar traços lingüísticos presentes na fala do mato-grossense, visando esclarecer

uma discussão que já está imanente entre os estudiosos da área, no sentido de ser essas variedades influência da língua geral de bandeirantes paulistas ou de ser variedades criolísticas, cristalizadas no repertório desse povo, evidenciando, assim, a hipótese da existência do crioulo nessa região.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE, M. B. *Phonostylistic Aspect of a Brazilian Portuguese Dialect: implications for syllable structure constraints*. Buffalo: University of New York, 1979. (Doctoral Dissertation).
- _____. *O status teórico dos “tempos” (velocidade) de pronúncia na Fonologia Gerativa Natural*. I Encontro Nacional de Linguística (Conferência). Rio de Janeiro: PUC – RJ, 1976.
- ADANT, J. Difusão dialetal: o caso dos alagoanos em Brasília. In: TARALLO, Fernando (org.). *Fotografias Sociolingüísticas*. Campinas, SP: Pontes: Editora da UNICAMP, 1989. Cap. 10, pp. 181-197.
- AGUILERA, V. de A. *A geolingüística no Brasil*. Londrina, Ed. UEL. 1998.
- ALVAR, M. & LOPE BLANCHE, J. *En torno a la sociolingüística*. México, Instituto de Investigaciones / Centro de Lingüística Hispánica. 1978.
- ALVES, M. I. P. M. *Atitudes lingüísticas em São Paulo: uma abordagem prévia*. Campinas (SP), IEL, UNICAMP, 1979. (Dissertação de Mestrado em Lingüística).
- ARAÚJO, M. F. R. de. *A alternância de [ey] – [e] no português falado na cidade de Caxias, MA*. Campinas (SP), IEL, UNICAMP, 1999. (Dissertação, Mestrado em Lingüística).
- BAERNERT-FUERST, U. Flashes metodológicos: a sociolingüística qualitativa/quantitativa In: TARALLO, Fernando (org.). *Fotografias Sociolingüísticas*. Campinas, SP: Pontes: Editora da UNICAMP, 1989. Cap. 12, pp. 219-237.
- BIBER, D. Background Concepts and issues. *Variation cross speech and writing*. Department of Linguistics, University of Southern California. Cambridge: Cambridge University Press.
- BISOL, L. Ditongos Derivados. *D.E.L.T.A.* vol. 10, nº especial, pp 123-140. 1994
- _____. O ditongo em Português. *ABRALIN*, nº 11, pp. 51-58, junho, 1991.
- _____. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. *D.E.L.T.A.* vol. 5, nº 2, pp. 185-224, 1989.
- _____. *Harmonização Vocálica*. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 1981. Tese de Doutorado.

- BORTONI-RICARDO, S. M. *The urbanisation of rural dialect speakers: a sociolinguistic study in Brazil*. Cambridge, Cambridge University Press. 1985.
- BOURDIEU, P. O mercado lingüístico. *Questões de sociologia*. Rio, Marco Zero, 1983.
- _____. O que falar quer dizer. *Questões de sociologia*. Rio, Marco Zero. 1983.
- _____. A economia das trocas lingüísticas. ORTIZ, R. (org.), Pierre Bourdieu. São Paulo, Ática, 1994.
- BRANDÃO, S.F. *A geografia lingüística no Brasil*. São Paulo, Ática. 1991.
- BYNON. *Historical linguistic*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- COLLOU, D. & LEITE, Y. *Iniciação à fonética e à fonologia*. 7 ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- CALLOU, D. et alii. Apagamento do R final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real. *D.E.L.T.A.*, vol. 14 , nº especial, pp. 61-72. 1998.
- CALLOU, D. *Variação e distribuição da vibrante na fala urbana e cultado Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 91 fl. Mimeo.(Tese de Doutorado em Lingüística),1997.
- CÂMARA, Jr. J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1982.
- _____. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de janeiro: Padrão, 1979.
- _____. *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.
- _____. *Manual de Expressão Oral e Escrita*. 3 ed. Rio de Janeiro: Ozon – Editor, 1972.
- _____. *Problemas de Lingüística Descritiva*. Petrópolis: Vozes, 1969
- CEDERGREN, H. & SANKOFF, D. Variable rules: performance as a statistical reflection of competence. *Lanluage*. 50: 333-55, 1974.
- CHAMBERS. J. K. *Sociolinguistic theory*. Massachussets: Blackwell. 1995.
- CHAMBERS, J.& TRUDGIL, P. *La dialetologia*. Madrid, Visor Libros. 1980.
- CHOMSKY, N. & HALLE, M. *The sound pattern of English*. New York: Harper and Row, 1968.
- CHOMSKY, N. *Aspectos da Teoria e da Sintaxe*. Trad.: José Antônio Meireles & Eduardo Antônio Raposo. Coimbra: Armênio Amado, 1975. (Tradução de Aspects of the theory of syntax). 1965.
- COSTA E SILVA, J. & FERREIRA, J.C.V. *Breve histórico de Mato Grosso e seus municípios*. Cuiabá. 1994.

- CUNHA, C. Conservação e inovação no português do Brasil. *O eixo e a roda*, (5): 199-230, 1986.
- DITTMAR, N. *Sociolinguistics*. A critical survey of theory and application. London: Edward Arnold (Publishers) Ltd. 1976.
- _____. Soziolinguistik – Teil 1. Theorie, Methodik und Empirie ihrer Forschungsrichtungen. *Studium Linguistik*, 1982.
- ENCREVÉ, P. Linguistique et sociolinguistique. *Langue Française* 34. 1977.
- FERREIRA, C. et alii *Diversidade lingüística do Brasil*. Salvador, Centro Editorial e Didático da UFBA, 2ª ed., 1994.
- FISCHER, J. L. Social influences on the choice of a linguistic variant. *Word*. 14: 47-56, 1958.
- FISHMAN, J. *Sociología del Lenguaje*. Madrid: Cátedra S. A. 1995.
- GOLDENBERG, M. *A arte de pesquisar*. Rio, Record. 1997.
- GUIMARÃES, A. Z. *Desvendando máscaras sociais*. Rio, Francisco Alves. 1980.
- GUMPERZ, J. J. *Language and social identity*. London, Cambridge University Press, 1982.
- HOLANDA, S. B. *Monções*. Casa do Estudante do Brasil, 1945.
- HORA, D. da. *Diversidade Lingüística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997.
- HYMES, D. Models of the interaction of language and social setting. *Journal of Social Issues*. 23, (2), 8-28. 1967.
- KEMP, W. Major sociolinguistic patterns in Montréal French. In: SANKOFF, D. & CEDERGREN, H. 9 ed. *Variable Omnibus*. Canada, Linguistic Research Inc., 1981, pp.3-16.
- LABOV, W. *Principles of Linguistic Change*. vol.1: Internal Factors. Oxford UK & Cambridge USA: Blackwell. 1994.
- _____. Building on empirical foundations. In: LEHMANN, W. P. & MALKIEL, Y. (eds.). *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1982.
- _____. Field method used by project on linguistic change and variation. *Sociolinguistic Working Papers*, 81, Austin: South Western Educational Development Laboratory; 1981.
- _____. Resolving the neogrammatican controversy. *Language*, Journal of the linguistic society of america, vol. 57, nº 2, pp. 267-308, june, 1981.

- _____. The social origins of change. *Locating language in time and space*. Philadelphia: University of Pennsylvania, pp. 251-265, 1980.
- _____. *Language in the Inner City*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- _____. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia, Pennsylvania University Press. 1972.
- _____. The design of a sociolinguistic research project. *Report of the Sociolinguistics Workshop Held by the Central Institute of Indian Languages in Misore*. India, mimeo. 1972.
- _____. Contraction, deletion and innerent variability of the English copula. *Language*. 45: 715-62, 1969.
- _____. *The social stratification of English in New York City*. Washington: Center of Applied Linguistics. 1966.
- _____. The social motivation of a sound change. *Word*. 19: 273-309. Reprinted as chapter 1 of Labov (1972): 1-42, 1963.
- LAVANDERA, B. R. *Variación y significado*. Buenos Aires: Libreria Hachette S.A. 1984.
- _____. Where does the sociolinguistic variable stop? *Lang. Soc.* 7, 171-182. 1984.
- LEE, S-H. Fonologia lexical do Português. In: ABAURRE, M. B. & WETZELS, W. L. (Orgs.). *Cadernos de estudos lingüísticos*. Campinas, nº 23, pp. 103-120, jul/dez, 1992.
- LEITE, L. P. *Vila Maria dos Meus Amores*. Cuiabá, Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. 1978.
- LEITE VASCONCELOS, J. *Lições de filologia portuguesa*. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1959.
- LESLAU, W. Frequency as determinant of linguistic change in the Ethiopian languages. *Word* 25. pp. 180-189, 1969.
- LI, P. J-K. Linguistic variations of different age groups in the Atayalic dialects. *The Tsing Hua Journal of Chinese Studies*, new series, 14: 167-191.
- LUCCHESI, D. *Sistema, Mudança e Linguagem: um percurso da Lingüística neste século*. Lisboa: Edições Colibri, 1998.
- MACEDO, A.T.R., MOLLICA, M.C. (orgs.). *Variação e Discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1996.

- MARQUILHAS, R. Mudança Lingüística. In: FARIA, Isabel Hub et alii. *Introdução à Lingüística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho. 1996.
- MATTOS LIMA, J. D. *Influência da fala na alfabetização*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.
- _____. (Org.) *Introdução à sociolingüística variacionista*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.
- _____. O r final de substantivo – um caso de difusão lexical. *Relatório final do Projeto Mecanismo Funcional do Uso Lingüístico*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras 1989.
- MENDES, N. F. *História de Cáceres – história da administração municipal*. Cáceres. 1973.
- MILROY, L. *Language and social networks*. Oxford, Basil Blackwell Publisher. 1980.
- MOLLICA, M. C. M. *Introdução à Teoria Variacionista*. Rio de Janeiro: Cadernos Didáticos da UFRJ.
- MOLLICA, M. C. M. & MATTOS, P. B. de. Pela conjugação das abordagens variacionista e difusionista. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, mimeo, 1990.
- MORAES, J. A. de. & LEITE, Y. F. Ritmo e velocidade da fala na estratégia do discurso: uma proposta de trabalho. In: ILARI, R. (Org.) *Gramática do Português Falado*. Vol. II: níveis de análise lingüística. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, pp. 65-77, 1992.
- NARO, A. J. & LEMLE, Miriam. Syntactic diffusion. In: STEEVER, Sandord B. et alii (eds.). *Papers from the parasession on diachronic syntax*. Chicago: Linguistic Society, 1976.
- OLIVEIRA E SILVA, G. M. .Variação no sistema possessivo de terceira pessoa. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, 78/79: 54-72, 1984.
- _____. *Estudo da regularidade na variação dos possessivos no português do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1982. (Tese de Doutorado).
- _____. & SCHERRE, M.M.P. (Orgs.). *Padrões Sociolingüísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1996.
- OLIVEIRA, M. A. de. Relacionando o processo de cancelamento do (r) em final de sílaba. *Revista de Estudos da linguagem*. Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, v. 6, nº 2, pp. 31-57, jul/dez, 1997.
- _____. O Léxico como Controlador de Mudanças Sonoras. *Revista de Estudos*

- da Linguagem*. Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, vol. 1, ano 4, pp. 75-91, jan./jun. 1995.
- _____. Aspectos da difusão lexical. *Revista de Estudos da Linguagem*. Faculdade de Letras da UFRG, Belo Horizonte, pp. 31-41, 1992.
- _____. The neogrammarian controversy revisited. *International Journal of the Sociology of Language*. Berlin, vol. 18, pp.93-105, 1991.
- _____. Variável Lingüística: conceituação, problema de descrição gramatical e implicações para a construção de uma teoria gramatical. São Paulo, *D. E. L. T. A.*, 3 (1):19-34., 1987.
- PAIVA, M. C. A. de & SCHERRE, M. M. P. *Retrospectiva Sociolingüística*. Rio de Janeiro, *D. E. L. T. A.* ; volume especial, 1999.
- PAIVA, M. C. A. de. A supressão das semivogais nos ditongos decrescentes. In: NARO, A. J. et alii. *Relatório final: Projeto Subsídios Sociolingüísticos do Projeto Censo à Educação*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2v, pp. 320-337, mimeo, 1986.
- PALMA, M. L. C. *Variação Fonológica na Fala de Mato Grosso: um estudo sociolingüístico*. Cuiabá, UFMT: Imprensa Universitária. 1984.
- PÓVOAS, L. C. *Mato Grosso – um convite à fortuna*. Rio de Janeiro: Guavira Editores Ltda. 1977.
- ROMAINE, S. *Language in Society*. New York: Oxford University Press. 1994.
- _____. Socia-historical linguistics. *Its status and methodology*. Cambridge University Press. 1982.
- SANKOFF, D. *Linguistic Variation. Models and Methods*. New York Academic Press. 1978.
- _____. *Variable rule*. Montréal: Université de Montréal, Centre de Recherches Mathématique, 1988.
- SANKOFF, G. *The Social Life of Language*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. 1980.
- SANKOFF, G. & CERDEGREN, H. Les contraintes linguistiques et sociales de l'élision du L chez les montréalais. *Actes du XIII e Congrès internationale de linguistique et de philologie romanes*. Laval Presses de L'Université Laval, 1971
- SAUSSURE, F. de. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo. (Trad. Orig. fr. 1 ed., 1916) 1973.

- SAVILLE-TROIKE, M. *The Ethnography of Communication*. Oxford: Basil Blackwell, 2 ed., 1989.
- SCHANE, S. A. *Fonologia Gerativa*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- SCHERRE, M. M. P. *Reanálise da concordância nominal em português*. UFRJ, Rio de Janeiro. 1988. (Tese de Doutorado).
- SCHLIEBEN-LANGE, B. *História do falar e história da lingüística*. Campinas, Editora da UNICAMP. 1993.
- SHEN, Z. Lexical diffusion: a populational perspective and a mathematical model. *Jornal of chinese linguistics*. Vol. 18, pp. 159-201, 1990.
- SILVA, R. V. M. e. *O Português Arcaico: fonologia*. São Paulo/Bahia: Contexto/Editora Universidade Federal da Bahia. 1991.
- _____. Caminhos de mudança sintático-semântica no português arcaico. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas (SP): UNICAMP/IEL, (20): 59-74, 1991.
- SILVA NETO, S. Um traço de pronúncia caipira. *Língua, cultura e civilização*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1960.
- _____. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1950.
- SOARES, M. *Linguagem e Escola: uma perspectiva social*. São Paulo: Ática, 2ª ed., 1986.
- SOUZA, T. C. C. Das mudanças morfológicas em português. *Ensaio de Lingüística*. Belo Horizonte: UFMG, p. 207, 1983.
- SOUZA, U. R. de, *Fonologia do Português Mato-Grossense: uma perspectiva criolística*. Brasília, DF, IL – UNB, 1999. (Dissertação de Mestrado).
- TARALLO, F. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Editora. Ática S. A., 1979 e 1994.
- _____. *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*. Tese de doutorado, Universidade da Pensilvânia, EUA, 1983.
- TARALLO, F. & ALKIMIN, T. *Falares Criolos: línguas em contato*, São Paulo, Ática, Série Fundamentos, 1987.
- TRUDGILL, P. *Sociolinguistics*. New York: Penguin Books. 1979.
- _____. *Sociolinguistics: an introduction*. Great Britain, Penguin Books, 1974.
- _____. *The social differentiation of English in Norwich*. Cambridge University Press, 1974.
- _____. *Sociolinguistic Patterns in British English*. Baltimore, University Park Press, 1963

- VEADO, M. A. Redução de Ditongo – uma variável sociolingüística. *Ensaio de lingüística*, Belo Horizonte (MG), ano V, nº 9, pp. 209-229, 1983.
- VOTRE, S. *Aspectos da Variação Fonológica na Fala do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: PUC, Mimeo, 1978.
- WANG, W. S-Y. Competing change as a cause of residues. *Language*. Vol. 45, nº 1, pp.9-25, 1969.
- WOLFRAM, W. A. *A sociolinguistic description of Detroit Negro speech*. Washington, D. C., Center for Applied Linguistics, 1969.

ANEXOS

ANEXO 1: Roteiro de entrevista (21 a 35, 36 a 50 ou + de 50).

1. Como é seu nome?
2. Em que bairro você mora?
3. Você é natural de Cáceres?
4. Seus pais são cacerenses?
5. Em que faixa etária você se enquadra: 21 a 35, 36 a 50 ou + de 50?
6. Qual é o seu grau de escolaridade?
7. Você trabalha? Que função você desempenha?
8. Você gosta de Cáceres? Por quê?
9. Quais das festividades comemorativas da cidade de Cáceres que você mais gosta? Por quê?
10. Você gosta de festas de São João? Por quê?
11. Qual é o santo mais comemorado aqui em Cáceres? Por quê?
12. Qual é a sua religião?
13. Você tem fé em Deus? Por quê?
14. Você acredita em assombração? Por quê?
15. Você já ouviu alguma estória nesse sentido? Qual?
16. Você gosta de si próprio? Por quê?
17. Qual é o órgão de seu corpo que você mais gosta? Por quê?
18. O que você acha das campanhas feitas em prol da doação de órgãos?
19. Você doaria um órgão seu? Por quê?
20. O que você acha dos meninos de rua?
21. E dos órfãos?
22. Você adotaria uma criança de rua ou um órfão? Por quê?
23. O que você acha da Educação atualmente?
24. E da Educação em Cáceres?
25. Você teria alguma sugestão para a Educação do município ou do Estado?

ANEXO 2: Roteiro de entrevista (12 a 16 e 17 a 20).

1. Como é seu nome?
2. Em que bairro você mora?
3. Você é natural de Cáceres?
4. Seus pais são cacerenses?
5. Quantos anos você tem?
6. Qual é o seu grau de escolaridade?
7. Você trabalha?
8. O que você faz no seu trabalho?
9. Você gosta de Cáceres? Por quê?
10. Você gosta de festas?
11. Quais das festividades comemorativas da cidade de Cáceres que você mais gosta?
Por quê?
12. Você gosta de festas de São João? Por quê?
13. Qual é o santo mais comemorado aqui em Cáceres? Por quê?
14. Qual é a sua religião?
15. Você tem fé em Deus? Por quê?
16. Você acredita em assombração? Por quê?
17. Você já ouviu alguma estória de assombração?
18. Você poderia contar uma?
19. Você gosta de esporte? Por quê?
20. Você pratica algum?
21. Que esporte você acha que mais se identifica com você? Por quê?
22. Você gosta de natação, por exemplo? Por quê?
23. O que você acha dos esportes radicais?
24. Você gosta de estudar? Por quê?
25. Que matéria você mais gosta? Por quê?
26. Se você tivesse que fazer um trabalho na sua escola qual dos temas propostos você escolheria: habitação, alimentação, animação, locomoção, degradação ou preservação?
27. O que você acha das campanhas feitas em prol da doação de órgãos?
28. Você doaria um órgão seu? Por quê?

29. O que você acha dos meninos de rua?
30. E dos órfãos?
31. Você adotaria uma criança de rua ou um órfão? Por quê?
32. O que você acha da Educação atualmente?
33. E da Educação em Cáceres?
34. Você teria alguma sugestão para a Educação do município ou do Estado?
35. Entre os problemas que mais afetam os jovens inexperientes estão: drogas, aborto e AIDS. Na sua opinião qual seria o pior deles? Por quê?

ANEXO 3: Arquivo de ocorrências da fala da comunidade cacerense, a partir da codificação do programa VARBRUL

Código	Oco	Estrutura Frasal
(o2cO4n2PM1DbMc	» 1	inton tem qui
(o1cM7n2PM1DbMc	» 2	como e ton piquinininho
(o1cM7n2PM1DbMc	» 3	e ton grudada uma na outra
(o2cO1n2PM1DbMc	» 4	faiz a junçon bem aqui
(o1cM3n2PM1DbMc	» 5	eu non consigo ir pra cama
(o3cO1s2PM1DdPp	» 6	eu tenho um formigon la em casa
(o1cM7n2PM1DdPp	» 7	fica ton bunitinho
(o1cM3n2PM1DdPp	» 8	ah non da
(o1vM7n2PM1DdPp	» 9	a vida tá ton amarga
(o3vO1n2PM1DdPp	» 10	essa criaçon e totalmente diferente
(o2cO1s2PM1DdPp	» 11	dispensandu aquela monton de funcionaru
(o2cO1n2PM1DdPp	» 12	cum padron de vida medio
(o3cO1n1TH1CaMc	» 13	com a evoluçon social
(o2pO4n1TH1CaMc	» 14	qui acontece inton
(o3pO1n1TH1CaMc	» 15	chego a televison
(o2pO2n1TH1CaMc	» 16	chamava-se a razon
(o1cM3n1TH1CaMc	» 17	naquela epoca non tinha
(o2cO1n1TH1CaMc	» 18	... ladron na cidade
(o3vO1n1TH1CaMc	» 19	o meio de locomoçon ate aqui
(o3cO1n1TH1CaMc	» 20	na nossa region na cidade
(o2cO4n1TH1CaMc	» 21	inton tudo isso era
(o3vO1n1TH1CaMc	» 22	ca pra cidade pra nossa region e
(o3pO1n1TH1CaMc	» 23	custou-se a desenvolve a nossa region
(o2cO4n1TH1CaMc	» 24	inton começo a
(o3pO1n1TH1CaMc	» 25	a disinvolve a nossa region
(o3cO1n1TH1CaMc	» 26	na situaçon de hoje
(o3vO1n1TH1CaMc	» 27	melhor bastante em relaçon a interior
(o3pO1n1TH1CaMc	» 28	nos tinhamus aqui aviaçon
(o3vO1n1TH1CaMc	» 29	a impresa de navegaçon aerea
(o3vO1n1TH1CaMc	» 30	a CODEMAT teve uma participaçon ativa
(o3pO1n1TH1CaMc	» 31	começou a disinvolver mais a region
(o3pO1n1TH1CaMc	» 32	...tantu pra nossa region
(o3vO1n1TH1CaMc	» 33	em relaçon esse fluxo de
(o1pM7n1SM1ClBp	» 34	eu me senti ton
(o1vM7n1SM1ClBp	» 35	eu assim ton eu
(o1pM7n1SM1ClBp	» 36	eu...ton...feliz
(o2cO4n1SM1ClBp	» 37	...inton de repente
(o3pO1n1SM1ClBp	» 38	eu comecei analisar a situaçon
(o2cO4n1SM1ClBp	» 39	inton tinha mais liberdade
(o3vO1n1SM1ClBp	» 40	facilitava muito a comunicaçon a espontaneidade
(o2cO1n1SM1ClBp	» 41	tem que ver principalmente a queston da segurança
(o2cO1n1SM1ClBp	» 42	além da queston do transito

(o2cO1n1SM1ClBp » 43 tem a queston do do
 (o3pO1n1SM1ClBp » 44 criar situacon
 (o1pM3n1TM1ClMc » 45 non
 (o3pO1n1TM1ClMc » 46 E muita discriminacon
 (o3pO1n1TM1ClMc » 47 quanto a discriminacon
 (o3vO1s1TM1ClMc » 48 bem em frente esse buracon ai
 (o2cO4n1TM1ClMc » 49 ...inton lá no fundo
 (o2cO4n1TM1ClMc » 50 inton lá tinha aquele corrego
 (o2pO4n1TM1ClMc » 51 pois inton...la tinha
 (o1pM3n1TM1ClMc » 52 Non...nunca gostei de rio
 (o1pM3n1TM1ClMc » 53 nunca aconteceu nada especial non
 (o2pO4n1TM1ClMc » 54 inton...o que me marcou
 (o1cM*n1TM1ClMc » 55 agora música de Son Jon
 (o2cO2n1TM1ClMc » 56 Son Jon dar pra levar ne
 (o1vM3n1TM1ClMc » 57 se non aparece
 (o2vO4n2TM1ElBp » 58 inton ela foi das primeiras
 (o1cM3n2TM1ElBp » 59 ele non quis da pra ela
 (o3vO1n2TM1ElBp » 60 vinha de caminhon e trazia galinha
 (o3cO1n2TM1ElBp » 61 minha devocon minha fe
 (o3pO1n2TM1ElBp » 62 de carregacon
 (o2pO1n2TM1ElBp » 63 fiz casa uma pocon
 (o2cO4n2TM1ElBp » 64 inton no banco passou
 (o2cO4n2TM1ElBp » 65 inton no banco trabalhando
 (o1cM5n1TH1DcMc » 66 todos son criados aqui
 (a1vM5n1TH1DcMc » 67 vão estudar fora
 (a1cM5n1TH1DcMc » 68 mais vão voltar
 (o3pO1n1TH1DcMc » 69 eu trabalho na preservacon
 (o3pO1n1TH1DcMc » 70 com fluor orientacon
 (a1cM3n1TH1DcMc » 71 acho que não teve
 (o3cO1n1TH1DcMc » 72 faco reunion com os pais
 (o3cO1n1TH1DcMc » 73 numa reunion que eu faço
 (o2vO4n1TH1DcMc » 74 inton eu consegui
 (o3vO1n1TH1DcMc » 75 a prevencon e a melhor coisa
 (o2vO4n1TH1DcMc » 76 inton elas
 (o1vM3n1TH1DcMc » 77 porque non escova em casa
 (o3pO1n1TH1DcMc » 78 nos fazemos a prevencon
 (o2cO4n1TM1DaMc » 79 inton num vô fugir
 (o3pO1n1TM1DaMc » 80 na nossa region
 (o3vO1n1TM1DaMc » 81 fala aqui curtiçon a gente dança
 (o1cM*n1TM1DaMc » 82 a gente fazia baile de Son Jon
 (o2pO2n1TM1DaMc » 83 Jon
 (o2cO4n1TM1DaMc » 84 inton levava
 (a2cM*n1TM1DaMc » 85 Son Jon
 (o2cO2n1TM1DaMc » 86 Jon na água
 (o1vM7n1TM1DaMc » 87 era ton antiquada
 (o3pO1s1TM1DaMc » 88 nun tinha esse calçadon
 (o2pO2s1TM1DaMc » 89 so era bar do Jucon
 (o3cO1n1TM1DaMc » 90 Talvez seja a evolucon dos tempos né
 (o3vO1n1TM1DaMc » 91 num tem explicacon assim

(o3vO1n2PM1EcMc » 92 onde tinha lampion era na prefeitura
 (o3cO1n2PM1EcMc » 93 as principais ruas tinha lampion né
 (o2cO1s2PM1EcMc » 94 aquele meson fejoada arroz
 (o3pO1n2PM1EcMc » 95 a competiçon
 (o3vO1n2PM1EcMc » 96 a consequencia da competiçon e a inveja
 (o3vO1n2PM1EcMc » 97 eu enjoei de pegar avion aqui
 (o3pO1n2PM1EcMc » 98 vinha direto para Cáceres avion
 (o2vO4n2PM1DfMc » 99 inton o que vinha lá
 (o3cO2n2PM1DfMc » 100 e de Riberon Preto
 (o1pM3n2PH1EjPp » 101 non... de fatu dança
 (o2pO4n2PH1EjPp » 102 inton nois ia na festa cum dezoito anu
 (o2cO4n2PH1EjPp » 103 inton nois ia na festa
 (o2cO4n2PH1EjPp » 104 inton ficava guardando né
 (o1cM1n2PH1EjPp » 105 forrava o chon prele deitar
 (o3cO1n2PH1EjPp » 106 assim que era nossa union né
 (o3pO1n2PH1EjPp » 107 ficava cum aquele pavor no coraçõ
 (o2vO4n2PH1EjPp » 108 inton esse aqui
 (o1pM3n2PH1EjPp » 109 em casa non
 (o3cO1n2PH1EjPp » 110 ah esse e a fabricaçõ de tijolo
 (o1pM3n2PH1EjPp » 111 ah non
 (o1pM3n2PH1EjPp » 112 esse non
 (o1cM3n2PH1EjPp » 113 non com
 (o3cO1n2PH1EjPp » 114 com prantaçõ de coco
 (o1cM3n2PH1EjPp » 115 non sinhora
 (o3cO1n2PH1EjPp » 116 argodon nois prantava aqui
 (o3cO1n2PH1EjPp » 117 mas aquele argodon grande
 (o3pO1n2PH1EjPp » 118 a mesma coisa do outro argodon
 (o3vO1n2PH1EjPp » 119 de assombraçõ ah
 (o3cO1s2PH1EjPp » 120 eu vi o cachorron desse tamanho
 (o3vO1n2PH1EjPp » 121 A sinhora num sabe nenhuma oraçõ assim
 (o3cO1n2PH1EjPp » 122 a gente tem de ter as oraçõ pra defesa
 (o3pO1n2PH1EjPp » 123 A sinhora tem que ter oraçõ
 (o1vM3n2PH1EjPp » 124 Non essa e
 (o3cO1n2PH1EjPp » 125 e oraçõ pra sinhora rezar antes
 (o3cO1n2PH1EjPp » 126 tem oraçõ nun tem perigo
 (o1pM1n2PH1EjPp » 127 tem que bater o pe treis veis no chon
 (o1cM3n1TH1DlBp » 128 ate ir para o pronto socorro non mais
 (o3cO1n1TH1DlBp » 129 inclusive nataçõ né
 (o3cO1n1TH1DlBp » 130 a nataçõ fiz
 (o1pM3n1TH1DlBp » 131 ah non
 (o2cO4n1TH1DlBp » 132 inton minha infancia
 (o1cM3n1TH1DlBp » 133 eu sai non gostei
 (o1pM3n1TH1DlBp » 134 gostei non
 (o2vO4n1TH1DlBp » 135 inton a gente ficava brincando
 (o3vO1n1TH1DlBp » 136 essa brincadeira pela televison e
 (o3pO1n1TH1DlBp » 137 sentado olhando pra televison
 (o2vO4n1TH1DlBp » 138 inton era so minha mãe
 (o2cO4n1TH1DlBp » 139 inton biliscava minha irmã
 (o3pO1s1TH1DlBp » 140 contava uma história do minhocon

(o3cO1s1TH1DIBp » 141 o minhocon diz que era um bicho
 (o3cO1n1TH1DIBp » 142 levava a imbarcaçon dirrubava todo mundo
 (o2cO1n1TH1DIBp » 143 esse rio e um carton de visita
 (o3pO1n1TH1DIBp » 144 eu tenho vontade de tocar violon
 (o2cO4n1TH1DIBp » 145 inton tem
 (o1cM*n1TH1DIBp » 146 tem Son Jon
 (o2pO2n1TH1DIBp » 147 Jon
 (o1cM*n1TH1DIBp » 148 Son Pedro é muito festejado
 (o1cM*n1TH1DIBp » 149 Son Jon
 (o2vO2n1TH1DIBp » 150 Jon e
 (o1cM*n1TH1DIBp » 151 Son Jon
 (o2pO2n1TH1DIBp » 152 Jon
 (o2cO1n1TH1DIBp » 153 solta fogo rojon né
 (o1cM*n1TH1DIBp » 154 tem festa de Son Jon
 (o2cO2n1TH1DIBp » 155 Son Jon cum quadrilha
 (o3vO1n1TH1DIBp » 156 a isposiçon aqui
 (o1cM3n1SM2ElBc » 157 non non
 (o1vM3n1SM2ElBc » 158 non eu sou da primeira capital
 (o3cO1n1SM2ElBc » 159 por occasion das festas
 (o2cO4n1SM2ElBc » 160 inton quando chega
 (o1cM*n1SM2ElBc » 161 festa de Son Benedito
 (o1cM*n1SM2ElBc » 162 e de Son Benedito
 (o3cO1n1SM2ElBc » 163 toda populaçon comemora
 (o1cM*n1SM2ElBc » 164 o Son Gonçalo aqui
 (o1pM3n1SM2ElBc » 165 eu non
 (o3cO1n1SM2ElBc » 166 a administraçon mudou
 (o3cO1n1SM2ElBc » 167 aquela emoçon de ir
 (o3cO1n1SM2ElBc » 168 teve o tempo de transformaçon mas
 (a1cM3n1SM2ElBc » 169 Não soube ir
 (o3cO1n1SM2ElBc » 170 com essa transformaçon né
 (o2cO4n1SM2ElBc » 171 inton quando inicie
 (o1cM3n1SM2ElBc » 172 non sabiam quase nada
 (o2vO4n1SM2ElBc » 173 inton eu sei
 (o3cO1n1SM2ElBc » 174 alfabetizaçon pra mim
 (o3cO1n1SM2ElBc » 175 se defender de situaçon que ele vive
 (o2vO4n1SM2ElBc » 176 inton apareceu
 (o3pO1n1SM2ElBc » 177 veio a eleiçon
 (o2cO1n1SM2ElBc » 178 a geston democratica
 (o2cO4n1SM2ElBc » 179 inton teve muita mudança
 (o2vO4n1SM2ElBc » 180 inton eu
 (o2vO4n1SM2ElBc » 181 inton assim
 (o1cM7n1SM2ElBc » 182 ton decepcionada
 (o1vM7n1SM2ElBc » 183 ton assim triste
 (o2cO4n1TM1ClBp » 184 inton num e
 (o3pO1n1TM1ClBp » 185 eu chamo atençon
 (o3vO1n1TM1ClBp » 186 senti emoçon em ser cacerense
 (o1vM3n1TM1ClBp » 187 eu non e por isso
 (o3pO1n1TM1ClBp » 188 eu chamo atençon
 (o1cM3n1TM1ClBp » 189 eles non conhecem

(o1cM3n1TM1ClBp » 190 e non do latim vulgar
 (o3vO1n1TM1ClBp » 191 em relaçon a
 (o3cO1n1TM1ClBp » 192 alguma descrição por parte dele
 (o3pO1n1TM1ClBp » 193 um pouco pra descrição
 (o3pO1n1TM1ClBp » 194 pra marginalizaçon
 (o2cO1n1TM1ClBp » 195 uma vison bastante ampla
 (o2vO4n1TM1ClBp » 196 inton eles e
 (o2vO4n1TM1ClBp » 197 inton eles
 (o2vO5n1TM1ClBp » 198 eston a par
 (o3pO1n2SM1DbMc » 199 sofri nessa operação
 (o1pM3n2SM1DbMc » 200 opera non
 (o3cO1n2SM1DbMc » 201 outra operação num tem
 (o3cO1n2SM1DbMc » 202 num tem condiçon de fazer
 (o3vO1n2SM1DbMc » 203 a prestação agora tá duzentos
 (o3cO1n2SM1DbMc » 204 quatro prestação paga
 (o1pM3n1SH1ChBc » 205 non
 (o2cO1n1SH1ChBc » 206 na primeira geston do doutor
 (o1pM3n1SH1ChBc » 207 Non... pela segunda vez
 (a3cO1n1SH1ChBc » 208 Fui secretário de administracao da
 (o2cO1n1SH1ChBc » 209 da geston do doutor Araujo
 (a3cO1n1SH1ChBc » 210 a instalação da Universidade Estadual
 (o3cO1n1SH1ChBc » 211 com a incrementaçon de
 (o3pO1n1SH1ChBc » 212 serviço de educação
 (o3cO1n1SH1ChBc » 213 em toda region da grande Cáceres
 (a1vM3n1SH1ChBc » 214 Cáceres ele não e
 (o2vO4n1SH1ChBc » 215 inton ela tem
 (o2vO4n1SH1ChBc » 216 inton ivestindo
 (o1cM3n1SH1ChBc » 217 indústria non poluente
 (a1cM3n1SH1ChBc » 218 que não requer uma grande
 (o1pM3n1SH1ChBc » 219 Espero que non
 (o3cO1n1SH1ChBc » 220 o nível de participaçon dos poderes
 (o3cO1n1SH1ChBc » 221 de coperação técnica
 (o2cO4n1SH1ChBc » 222 inton como diz
 (o3cO1n1SH1ChBc » 223 participaçon do município
 (o2cO4n1SH1ChBc » 224 inton nos temos
 (o2cO4n1SH1ChBc » 225 inton hoje infelizmente
 (o2vO4n1SH1ChBc » 226 inton o Rio pra mim
 (o3cO1n1SH1ChBc » 227 teve uma significaçon muito grande
 (o1vM7n1SH1ChBc » 228 é ton importante
 (o2pO1n1SH1ChBc » 229 nessa queston
 (o3pO1n1SH1ChBc » 230 da conscientizaçon
 (o3cO1n1SH1ChBc » 231 tudo parte da conscientizaçon da
 (o3pO1n1SH1ChBc » 232 da educação
 (o3pO1n1SH1ChBc » 233 essa educação
 (o3cO1n1SH1ChBc » 234 essa conscientizaçon será
 (o3cO1n1SH1ChBc » 235 pra preservaçon né
 (o3pO1n1SH1ChBc » 236 pela degradaçon
 (o2cO4n1SH1ChBc » 237 inton realmente
 (o3vO1n1SH1ChBc » 238 a conscientizaçon e o principal

(o3pO1n1SH1ChBc » 239 aspecto da preservaçon
 (o2vO4n1SH1ChBc » 240 inton esse coreto
 (o2cOyn1SH1ChBc » 241 esse coreto da Praça Baron do Rio Branco
 (o2vO4n1SH1ChBc » 242 inton eu tô falando
 (a2cOyn1SH1ChBc » 243 toda Praça Barao sofrerá
 (o3pO1n1SH1ChBc » 244 sofrerá modificaçon
 (o3vOyn1SH1ElBc » 245 Union e Força
 (o3vOyn1SH1ElBc » 246 do Union e Força
 (o3vOyn1SH1ElBc » 247 e o Union e Força
 (o3vOyn1SH1ElBc » 248 a escola Union e Força
 (o1vM3n1SH1ElBc » 249 Non ele num era
 (o3vOyn1SH1ElBc » 250 a Union e Força
 (o3vOyn1SH1ElBc » 251 primeiro Union e Força
 (o3vO1n1SH1ElBc » 252 era o batalhon aqui
 (o3cOyn1SH1ElBc » 253 Batalhon de Fronteira
 (o2cM3n1SH1ElBc » 254 inton como
 (o1cM3n1SH1ElBc » 255 non tem
 (o1pM3n1SH1ElBc » 256 dizer non
 (o1cM3n1SH1ElBc » 257 non tem nada
 (o2cO4n1SH1ElBc » 258 inton ficou
 (o3cOyn1SH1ElBc » 259 ficou Batalhon de Fronteira
 (o3pO1n1SH1ElBc » 260 foi criado o batalhon
 (o1cM3n1SM1DhBp » 261 non tá aqui
 (o3pO1n1SM1DhBp » 262 procisson
 (o1vM3n1SM1DhBp » 263 non eu
 (o1cM3n1SM1DhBp » 264 non tenho nada
 (a3vO1n1TH1EkMc » 265 descia caminhão até
 (o2vO4n1TH1EkMc » 266 inton o
 (o2cO4n1TH1EkMc » 267 inton tinha o
 (o2vO4n1TH1EkMc » 268 inton ali descia
 (o2cO1n1TH1EkMc » 269 aquela casa de colchon na
 (o3pO1n1TH1EkMc » 270 sai de avion
 (o3pO1n1TH1EkMc » 271 saia de avion
 (o3pO1n1TH1EkMc » 272 e vinha de avion
 (o3pO1n1TH1EkMc » 273 era pipiricon
 (o3pO1n1TH1EkMc » 274 pipiricon e aquela dança
 (a1cM*n1TH1EkMc » 275 São João
 (a2vO2n1TH1EkMc » 276 João era
 (a2pO2n1TH1EkMc » 277 João
 (o1cM*n1TH1EkMc » 278 Son Jon
 (o2cO2n1TH1EkMc » 279 Jon sempre
 (o1cM*n1TH1EkMc » 280 Son Jon
 (o2pO2n1TH1EkMc » 281 Jon
 (o1cM*n1TH1EkMc » 282 Son Jon
 (o2pO2n1TH1EkMc » 283 Jon
 (o1cM*n1TH1EkMc » 284 depois Son Pedro
 (o1cM*n1TH1EkMc » 285 a festa de Son Luiz
 (o2vO4n1TH1EkMc » 286 inton era uma disputa
 (o2cO4n1TH1EkMc » 287 inton rematava

(o2vO1n1TH1EkMc » 288 fazer o leilon outra vez
 (o2vO4n1TH1EkMc » 289 inton era assim
 (o2cO4n1TH1EkMc » 290 inton tirou
 (o2vO4n1TH1EkMc » 291 inton elas vinham
 (o2vO4n1TH1EkMc » 292 inton aí
 (o2pO1n1TH1EkMc » 293 deixa eu te contar do piriricon
 (o2pO4n1TH1EkMc » 294 inton... eu cheguei
 (o1pM1n1TH1EkMc » 295 ria de rolar no chon
 (o2cO1n1TH1EkMc » 296 vivia em funçon do marido
 (o2cO4n1TH1EkMc » 297 inton você dança
 (o2cO4n1TH1EkMc » 298 inton você sai
 (o2pO4n1TH1EkMc » 399 inton...se vê né
 (a3pO2n1TH1EkMc » 300 no Porto Esperidião
 (o2vO4n1TH1EkMc » 301 inton ele vinha
 (o2vO4n1TH1EkMc » 302 inton esse outro
 (o2pO1n1TH1EkMc » 303 arrumado com o colchon
 (o2cO2n1TH1EkMc » 304 pra lá do Facon para
 (o2cO1n1TH1EkMc » 305 assada nun fogon de lenha
 (o2cO1n1TH1EkMc » 306 nun pilon com torresmo
 (o3cO1n1TH1EaMc » 307 serve para a produçon de sangue
 (o2vO4n1TH1EaMc » 308 inton e um produto
 (o2cO1n1TH1EaMc » 309 Essa region da morraria
 (o2cO4n1TH1EaMc » 310 enton Cáceres e um município
 (o2cO4n1TH1EaMc » 311 inton son coisas
 (o1cM5n1TH1EaMc » 312 son coisas
 (o3vOyn1PH1BgPp » 313 Educaçon Artística
 (o3cOyn1PH1BgPp » 314 Educaçon Física
 (o3cO2n1PH1BgPp » 315 lá no Esperidion Marques
 (a1cM*n1PH1BgPp » 316 São João e
 (a2vO2n1PH1BgPp » 317 João e
 (o3cOyn1PH1BgPp » 318 de Educaçon Física
 (o3pO1n1PH1BgPp » 319 da muita emoçon
 (o1cM*n2PH1AgPp » 320 começa a festa de Son Jon
 (o2pO2n2PH1AgPp » 321 Jon
 (o1pM3n2PH1AgPp » 322 Non
 (a1cM5n2PH1AgPp » 323 Eles dão banho no santo
 (o3vO1n2PH1AgPp » 324 tem sombraçon aí
 (o3cO1s2PH1AgPp » 325 Esse minhocon já pegou um guri
 (a3pO2n2PH1AgPp » 326 lá perto do Julião
 (a1pM3n2PM1AgBc » 327 A minha vô não
 (o3cOyn2PM1AgBc » 328 Educaçon Física
 (o3pO1s2PM1AgBc » 329 Eu nunca vou falar do minhocon
 (a1cM3n2SH1BgPp » 330 porque não tá
 (a1cM3n2SH1BgPp » 331 não tá
 (a1pM3n2SH1BgPp » 332 não
 (o1cM*n2SH1CgPp » 333 Com Son Jorge
 (o3cO1n2SH1CgPp » 334 a pricisson comecou
 (o3cO1n2SH1CgPp » 335 tinha uma sombraçon que
 (o3vO1s2SH1CgPp » 336 do minhocon eu ja ouvi falar

(o1pM3n2SH1BgPp » 337 Non
 (o1cM3n2SH1BgPp » 338 Non lá
 (o1pM3n2SH1BgPp » 339 Non
 (a1cM*n2PM2AgBp » 340 a festa de Sao Joao foi
 (a2cO2n2PM2AgBp » 341 Joao foi
 (a1cM*n2PM2AgBp » 342 foi levar São João na água
 (a2cO2n2PM2AgBp » 343 João na água
 (a1cM3n2PM2AgBp » 344 quem não consegue vê
 (a1cM3n2PM2AgBp » 345 porque não vai alcançar
 (a1cM*n2PM2AgBp » 346 O São João do
 (a2cO2n2PM2AgBp » 347 João do próximo ano
 (o3cOyn2SM2BgPp » 348 Educaçon Física
 (o1cM*n2SM2BgPp » 349 A última festa de Son Jon foi
 (o2cO2n2SM2BgPp » 350 Jon foi
 (o1cM*n2SM2BgPp » 351 teve lá festa de Son Jon de
 (o2cO2n2SM2BgPp » 352 Jon de
 (a3vO1n2SM2BgPp » 353 acompanha a procissão em
 (o3vO1n2SM2BgPp » 354 assombraçon eu acredito
 (o3pO1n2SM2BgPp » 355 nada de assombraçon
 (o3pO1n2SM2DhBp » 356 de uma procisson
 (o3cO1n2SM2DhBp » 357 a procisson dos mortos
 (o3pO1n2SM2DhBp » 358 tem uma procisson
 (o3vO1n2SM2DhBp » 359 inton ele diz
 (o3cO1n2SM2DhBp » 360 essa procisson só aparece
 (o3cO1n2SM2DhBp » 361 tinha inscravidon né
 (o1pM1n2SM2DhBp » 362 diz que viu uma mon
 (a1cM3n2SM2DhBp » 363 não faca
 (a1cM3n2SM2DhBp » 364 eu não fiz
 (o2pO4n2SM2DhBp » 365 inton
 (o1vM1n2SM2DhBp » 366 com sinal de mon aqui
 (o1cM1n2SM2DhBp » 367 marca de mon branca
 (o2pO1n2PM1CdPp » 368 ela siu pro porton
 (o2pO1n2PM1CdPp » 369 ela siu no porton
 (o1pM1n2PM1CdPp » 370 rastava no chon
 (o1pM3n2PM1CdPp » 371 hoje em dia non
 (o1pM3n2PM1CdPp » 372 agora non
 (a1cM3n2SH1BgMc » 373 Eu não sabia
 (a2pP1n2SH1BgMc » 374 nada de órgão
 (a1cM3n2SH1BgMc » 375 eu não sabia
 (a2pP1n2SH1BgMc » 376 nada de órgão
 (o3pM1n2SH1BgMc » 377 aprendi posison
 (a1pM3n2SH1BgMc » 378 não
 (a1pM3n2SH1BgMc » 379 ainda não
 (a1cM3n2SH1BgMc » 380 não queria tocar
 (o3cO1n2SH1BgMc » 381 vou comprar um violon pra ele
 (a2pO6s2SH1BgMc » 382 vi aquele grandão
 (o3pO1n2SH1BgMc » 383 ah um violon
 (o3pO1n2SH1BgMc » 384 fiquei olhando o violon
 (o3pO1n2SH1BgMc » 385 eu ganhei o violon

(o3pO1n2SH1BgMc » 386 sabia afinar o violon
 (o2pO1n2PM1CbMc » 387 uns pes de limon
 (o3pO1n2PM1CbMc » 388 começou a construçon
 (o3pO1n2PM1CbMc » 389 está em promoçon
 (o2cO4n2PM1CbMc » 390 inton compra do avão
 (o1cM3n2PM1CbMc » 391 non dá
 (o1pM3n2PM1CbMc » 392 non
 (a1cM3n2TM1ElBc » 393 não temos nem condiçons
 (o3cO1n2TM1ElBc » 394 promoçon de qualquer coisa
 (a1vM3n2TM1ElBc » 395 não entra mais ninguém
 (a3vO1s2TM1ElBc » 396 era uma saição aqui
 (o3vO1n2TM1ElBc » 397 fiz uma promoçon uma
 (o3pO1s2TM1ElBc » 398 pra construir um barracon
 (o3pO1s2TM1ElBc » 399 eu construo um barracon
 (a1cM3n1PM1DdPp » 400 eu não sei
 (a1pM3n1PM1DdPp » 401 não
 (o3pO1n1PM1DdPp » 402 pra fazer a inscriçon
 (a1pM3n1PM1DdPp » 403 muito não
 (o2vO7n1PM1DdPp » 404 sinon a gente tava
 (o2pO2n1PM1DdPp » 405 la no Limon
 (o2cO4n1TM1ChBc » 406 inton meu tio
 (o3cO1n1TM1ChBc » 407 com procisson né
 (o3cO1n1TM1ChBc » 408 tudo é iluson né
 (o3cO1n1TM1ChBc » 409 os meios de comunicaçon de hoje
 (o2pO1n2PH1EiPp » 410 tem muito ladron
 (o2cO4n2PH1EiPp » 411 inton ninguém pode mais sair
 (o3pO1n2PH1EiPp » 412 nun tem condiçon
 (o3pO1n2PH1EiPp » 413 nós tem muita devoçon
 (o1cM*n2PH1EiPp » 414 com Son Jon
 (o2pO2n2PH1EiPp » 415 Jon
 (o3pO1n2PM1DdPp » 416 esse negórcio de televison
 (o2cO4n2PM1DdPp » 417 inton né
 (o1cM*n2PM1DdPp » 418 na de Son Jon
 (o2pO2n2PM1DdPp » 419 Jon
 (o1cM*n2PM1DdPp » 420 vou na de Son Luiz
 (o3cO1n2SH1DbMc » 421 mais diverson do que hoje
 (o3pO1n2SH1DbMc » 422 ninguém mais tem condiçon
 (o1vM3n2SH1DbMc » 423 se non investir
 (o1cM3n2SH1DbMc » 424 non vai virar nada
 (o1pM5n2PM1EdPp » 425 os menino como von
 (o3pO1n2PM1EdPp » 426 faz sua oraçon
 (o3pO1n2PM1EdPp » 427 tem muita devoçon
 (o3pO1n2PM1EdPp » 428 ... tanta imbarcaçon como agora
 (o3vO1n1TM1ClBc » 429 nossa situaçon e
 (o3cO1n1TM1ClBc » 430 num temos colaboraçon do governo
 (a1cM3n1TM1ClBc » 431 eu não sei
 (o1vM3n1TM1ClBc » 432 sei non o que
 (o3pO1n1TM1DlBc » 433 suas próprias invençon
 (o1cM3n1TM1DlBc » 434 non partem

(o3cO1n1TM1DlBc » 435 mais da elaboraçõ da criança
 (o1cM5n1TM1DlBc » 436 num se don mais
 (o1vM5n1TM1DlBc » 437 os valores son outros
 (o2pO1n2TM1DlBp » 438 de oito irmon
 (o3cO1n2TM1DlBp » 439 essa geraçõ mais nova
 (o3cO1n2TM1DlBp » 440 sabe muito religion non
 (o1pM3n2TM1DlBp » 441 non
 (o3cO1n2TM1DlBp » 442 aquela relaçõ de troca
 (o1pM3n2TH1DeMc » 443 non
 (o3vO1n2TH1DeMc » 444 em relaçõ a outras família
 (o2pO1n2TH1DeMc » 445 em cinco irmon
 (o3cO1n2TH1DeMc » 446 a imposiçõ de valores
 (o1pM3n2TH1DeMc » 447 non
 (o2cO4n2SH1EhBp » 448 inton papai
 (o1cM3n2SH1EhBp » 449 isso quase non tem mais
 (o2vO1n2SH1EhBp » 450 ladron ah
 (o2vO1n2SH1EhBp » 451 os ladron aumentaro
 (o1vM3n2SM1DhBp » 452 non aqui
 (o3vO1n2SM1DhBp » 453 fica difícil a separaçõ né
 (o2cO4n2SM1DhBp » 454 inton nos iamos
 (o1vM3n2SM1DhBp » 455 quando non isto
 (o2vO4n2SM1DhBp » 456 inton eu vou
 (o3pO1n2SM1DhBp » 457 e duro a separaçõ
 (a1cM3n2PM2BgBp » 458 não sei
 (a1pM3n2PM2BgBp » 459 não
 (a3cO1n2PM2BgBp » 460 assombração não existe
 (a1vM3n2PM2BgBp » 461 não existe
 (a2pP1n2PM2BgBp » 462 nossos órgão
 (a1pM3n2PM2BgBp » 463 não
 (a1pM3n2PM2BgBp » 464 por que não
 (a1pM3n2PM2BgBp » 465 não
 (a1pM5n2PH1BgBc » 466 são
 (a3cO1n2PH1BgBc » 467 na coordenação da agricultura
 (a1cM*n2PH1BgBc » 468 festa de São Luiz
 (a3cO1n2PH1BgBc » 469 gostam da tradição da
 (a1cM*n2PH1BgBc » 470 festa de São Luiz
 (a1cM3n2PH1BgBc » 471 gosto e não gosto
 (a1cM3n2PH1BgBc » 471 não sei
 (a1pM3n2PH1BgBc » 473 não
 (a3cO1n2PH1BgBc » 474 assombração não existe
 (a1vM3n2PH1BgBc » 475 não existe
 (a1cM3n2PH1BgBc » 476 não sei explicar
 (a1pM3n2PH1BgBc » 477 também não
 (a2cP1n2PH1BgBc » 478 doando órgão pra outras pessoas
 (a2pP1n2PH1BgBc » 479 órgão
 (a1cM3n2PH1BgBc » 480 não sei explicar
 (a1pM3n2PH1BgBc » 481 não
 (a1pM5n2PH1BgPp » 482 são
 (a1pM3n2PH1BgPp » 483 não

(a2pP1n2PH1BgPp » 484 de todos os órgão
 (a1cM3n2PH1BgPp » 485 se vêce não tivesse
 (a3pO1n2PH1BgPp » 486 coração
 (a3cO1n2PH1BgPp » 487 pessoas de bom coração que
 (a2pO1n2PH1BgPp » 488 tenho os irmão
 (a1pM5n2PM1BgPp » 489 são
 (a1pM3n2PM1BgPp » 490 não
 (a1vM3n2PM1BgPp » 491 não existe
 (a1pM3n2PM1BgPp » 492 não
 (a1cM3n2PM1BgPp » 493 eles não tem
 (a3vO1n2PM1BgPp » 494 educação e tudo mais
 (a1pM5n1PM1BgPp » 495 são
 (a1cM*n1PM1BgPp » 496 São João
 (a2pO2n1PM1BgPp » 497 João
 (a1pM3n1PM1BgPp » 498 não
 (a1vM3n1PM1BgPp » 499 isso não existe
 (a3pO1n1PM1BgPp » 500 assombração
 (a1vM3n1PM1BgPp » 501 isso não existe
 (a3pO1n1PM1BgPp » 502 assombração
 (a3pO1n1PM1BgPp » 503 coração
 (a2pP1n1PM1BgPp » 504 e um tipo de órgão
 (a3pO1n1PM1BgPp » 505 na doação
 (a2pP1n1PM1BgPp » 506 o órgão
 (a1vM3n1PM1BgPp » 507 não e
 (a1cM3n1PM1BgPp » 508 não tem nada
 (a1vM3n1PM1BgPp » 509 não e
 (a1cM3n1PM1BgPp » 510 não tem nada
 (a2pP1n1PM1BgPp » 511 dos órfão
 (a1vM3n1PM1BgPp » 512 não e
 (a1cM3n1PM1BgPp » 513 não tem pai
 (a1cM3n1PM1BgPp » 514 não tem mae
 (a1cM3n1PM1BgPp » 515 não tem quem
 (a1cM3n1PM1BgPp » 516 não tem quem cuida
 (a1cM3n1PM1BgPp » 517 não tem quem eles
 (a1vM3n1PM1BgPp » 518 não e
 (a3vO1n1PM1BgPp » 519 se eu tivesse condição eu
 (a3pO1n1PM1BgPp » 520 sobre a educação
 (a3cO1n1PM1BgPp » 521 a educação hoje
 (a3cO1n1PM1BgPp » 522 a educação no Mato Grosso
 (a3pO1n1PM1BgPp » 523 tá acabando a educação
 (a1vM3n1PM1BgPp » 524 não está tendo mais
 (a3vO1n1PM1BgPp » 525 educação um pelo outro
 (a1cM3n1PM1BgPp » 526 não tem
 (a3pO1n1PM1BgPp » 527 educação
 (a1pM5n1PH1AgMc » 528 são
 (a1pM3n1PH1AgMc » 529 Eu não
 (a3cO1n1PH1AgMc » 530 educação física forçada
 (a1pM3n1PH1AgMc » 531 não
 (a3pO1n1PH1AgMc » 532 as diversão

(o3pO1n1PH1AgMc » 533 as atraçon
 (o1pM3n1PH1AgMc » 534 non
 (a1cM3n1PH1AgMc » 535 Eu gosto não pela festa
 (a1cM3n1PH1AgMc » 536 não
 (a1cM3n1PH1AgMc » 537 Eu não gosto
 (a1pM3n1PH1AgMc » 538 Eu não
 (a1vM5n1PH1AgMc » 539 são inocente
 (a2pP1n1PH1AgMc » 540 dos órfão
 (a1cM3n1PH1AgMc » 541 não precisam ficar
 (a3pO1n1PH1AgMc » 542 ter atenção
 (a1cM3n1PH1AgMc » 543 Eu não gosto
 (a1cM3n1PH1AgMc » 544 Os alunos não respeitam
 (a1cM3n1PH1AgMc » 545 Eu não sei
 (a1pM3n1TM2C1Mc » 546 minha mãe não
 (a1cM3n1TM2C1Mc » 547 não muito
 (a1cM3n1TM2C1Mc » 548 não me atrain
 (a1cM3n1TM2C1Mc » 549 não muito
 (a3cO1n1TM2C1Mc » 550 através da conscientização pode
 (a1cM3n1TM2C1Mc » 551 pessoas que não vão
 (a1cM5n1TM2C1Mc » 552 vão mais precisar
 (a1cM5n1TM2C1Mc » 553 elas são mortas
 (a1cM3n1TM2C1Mc » 554 nao vão
 (a1cM5n1TM2C1Mc » 555 vão mais usar
 (a2vO5n1TM2C1Mc » 556 Elas estão abandonadas
 (a2cO5n1TM2C1Mc » 557 tao sem ninguém
 (a1cM5n1TM2C1Mc » 558 Elas vão fazer
 (a1cM5n1TM2C1Mc » 559 vão comecar
 (a1cM5n1TM2C1Mc » 560 vão procurar um jeito
 (a2cO5n1TM2C1Mc » 561 tão sempre ignoradas
 (a1cM3n1TM2C1Mc » 562 Ela não
 (a1vM3n1TM2C1Mc » 563 não adotaria
 (a1vM3n1TM2C1Mc » 564 Eu não acredito
 (a1cM3n1TM2C1Mc » 565 tem dias que não não
 (a1cM3n1TM2C1Mc » 566 não tanto
 (a2cO5n1TM2C1Mc » 567 Esses problemas tão tão
 (a2cO5n1TM2C1Mc » 568 tão mais gritantes
 (a2cO5n1TM2C1Mc » 569 tão mais salientes
 (a3pO1n1TM2C1Mc » 570 a educação
 (a3vO1n1TM2C1Mc » 571 a educação e um caso
 (a1cM3n1TM2C1Mc » 572 não há
 (a3cO1n1TM2C1Mc » 573 valorização das pessoas
 (a1cM5n1TM2C1Mc » 574 que são da
 (a3pO1n1TM2C1Mc » 575 a educação
 (a2cO4n1TM2C1Mc » 576 então tem
 (a1cM3n1TM2C1Mc » 577 não sabemos
 (a2cO1n1TM2C1Mc » 578 a função que
 (a1vM3n1TM2C1Mc » 579 cidade grande não oferece
 (a1cM3n1TM2C1Mc » 580 não só brasileiro
 (a2cO1n1TM2C1Mc » 581 beber quentão

(a1pM3n1TM2C1Mc » 582 acredito não
 (a1cM5n1TM2C1Mc » 583 porque são bonitos
 (a1cM5n1TM2C1Mc » 584 são fartos
 (a1vM3n1TM2C1Mc » 585 eles são abandonados
 (a1cM3n1TM2C1Mc » 586 eles não têm
 (a1cM3n1TM2C1Mc » 587 não tem
 (a1cM3n1TM2C1Mc » 588 não tem um
 (a1cM3n1TM2C1Mc » 589 não tem um convívio
 (a1vM5n1TM2C1Mc » 590 são órfãos
 (a1pM3n1TM2C1Mc » 591 acho que não
 (a1cM3n1TM2C1Mc » 592 não sei
 (a1cM3n1TM2C1Mc » 593 eu não faria
 (a1pM3n1TM2C1Mc » 594 às vezes não
 (a1pM3n1TM2C1Mc » 595 você não
 (a1cM3n1TM2C1Mc » 596 não tá
 (a3cO1n1TM2C1Mc » 597 a educação hoje
 (a1cM3n1TM2C1Mc » 598 não paga
 (a2vO4n1TM2C1Mc » 599 então a gente
 (a3vO1n1TM2C1Mc » 600 boa educação e
 (a3pO1n1TM2C1Mc » 601 uma boa orientação
 (a1cM3n1TM2C1Mc » 602 a gente não recebendo
 (a3pO1n1SM1BmBp » 603 tem exposição
 (a1pM3n1SM1BmBp » 604 assim a noite não
 (a1cM*n1SM1BmBp » 605 tem o São João
 (a2cO2n1SM1BmBp » 606 João né
 (a1cM*n1SM1BmBp » 607 São Luiz
 (a1cM3n1SM1BmBp » 608 eu não sei
 (a3pO1n1SM1BmBp » 609 Maria algodão
 (a3pO1n1SM1BmBp » 610 aí do coração
 (a1cM3n1SM1BmBp » 611 não sei
 (a3cO1n1SM1BmBp » 612 num instituição né
 (a3vO1n1SM1BmBp » 613 a educação ela
 (a1cM3n1SM1BmBp » 614 Ela não tá
 (a1vM3n1SM1BmBp » 615 quase não ensinam
 (a3pO1n1SM1BmBp » 616 da mais atenção
 (a1cM3n1SM1BmPp » 617 não sou
 (a2vO4n1SM1BmPp » 618 então e assim
 (a3cO1n1SM1BmPp » 619 uma divulgação muito
 (a1cM5n1SM1BmPp » 620 são festas
 (a3pO1n1SM1BmPp » 621 pra população
 (a1cM*n1SM1BmPp » 622 São Luiz
 (a2vO4n1SM1BmPp » 623 então eu acho
 (a1pM5n1SM1BmPp » 624 são
 (a1cM3n1SM1BmPp » 625 nos não seríamos
 (a1pM3n1SM1BmPp » 626 não
 (a3vO1n1SM1BmPp » 627 assombração eu
 (a3cO1n1SM1BmPp » 628 imaginação das pessoas
 (a1vM3n1SM1BmPp » 629 não acredito
 (o1pM3n1SM1BmPp » 630 non

(a1pM3n1SM1BmPp » 631 as vezes não
 (a1vM3n1SM1BmPp » 632 porque não ajudar
 (a2cO5n1SM1BmPp » 633 tão na rua
 (a1vM5n1SM1BmPp » 634 são assim
 (o1cM3n1SM1BmPp » 635 non num
 (a3pO1n1SM1BmPp » 636 condição
 (a1cM3n1SM1BmPp » 637 não tiveram
 (a1cM3n1SM1BmPp » 638 não quiseram
 (a3vO1n1SM1BmPp » 639 condição assim
 (a1cM3n1SM1BmPp » 640 não tem
 (a1cM3n1SM1BmPp » 641 por não ter
 (a3pO1n1SM1BmPp » 642 a educação
 (a1vM3n1SM1BmPp » 643 não é
 (a3cO1n1SM1BmPp » 644 uma educação qualificada
 (a3cO1n1SM1BmPp » 645 a educação no Brasil
 (a1pM3n1SM1BmPp » 646 eu acho que não
 (a3vO1n1SM1BmPp » 647 não concordo
 (a3vO1n1SM1BmPp » 648 uma condição assim
 (a2pO1n1SH2CmBc » 649 quentão
 (a1cM*n1SH2CmBc » 650 São Pedro
 (a1vM3n1SH2CmBc » 651 não acende
 (a3pO1n1SH2CmBc » 652 acredito em assombração
 (a1cM3n1SH2CmBc » 653 não tem nada
 (a1vM5n1SH2CmBc » 654 são os meus
 (a1cM3n1SH2CmBc » 655 eu não sei
 (a2pP1n1SH2CmBc » 656 imediatamente um órgão
 (a3cO1n1SH2CmBc » 657 trabalho de conscientização
 (a3cO1n1SH2CmBc » 658 a educação hoje
 (a1vM3n1SH2CmBc » 659 não é segredo
 (a3vO1n1SH2CmBc » 660 aceleração é uma coisa
 (a1cM3n1SH2CmBc » 661 não quer saber
 (a1cM3n1SH2CmBc » 662 eu não tinha
 (a3cO1n1SH2CmBc » 663 presta atenção né
 (a2vO4n1SH2CmBc » 664 então esse e um
 (a3pO1n1SH2CmBc » 665 educação
 (a3pO1n1SH2CmBc » 666 educação
 (a3pO1n1SH2CmBc » 667 se existe educação
 (a1pM3n1PM1BdPp » 668 não
 (a3pO1n1PM1BdPp » 669 exposição
 (a1cO*n1PM1BdPp » 670 São Luis
 (a1pM3n1PM1BdPp » 671 não
 (a1cM3n1PM1BdPp » 672 não tem
 (a2pO1n1PM1BdPp » 673 quentão
 (a1cM3n1PM1BdPp » 674 não sei
 (a1cM3n1PM1BdPp » 675 não sei
 (a1pM3n1PM1BdPp » 676 não
 (a1pM3n1PM1BdPp » 677 não
 (a1cM3n1PM1BdPp » 678 não porque
 (a1cM5n1PM1BdPp » 679 elas são bonitas

(a1pM3n1PM1BdPp » 680 não
 (a1cM3n1PM1BdPp » 681 não todos
 (o1cM3n1PM1BdPp » 682 os que non tem
 (a1cM3n1PM1BdPp » 683 eu não sei
 (a1pM3n1PM1BdPp » 684 não
 (o1cM3n1PM1BdPp » 685 non sei
 (a1pM3n1PM1BdPp » 686 não
 (a3pO1n1PM1BdPp » 687 da educação
 (a1pM3n1PM1BdPp » 688 não
 (a1pM3n1PM1BdPp » 689 não
 (a1cM3n1PM1BdPp » 690 eu não sei
 (a3pO1n1PM1BdPp » 691 educação
 (a3pO1n1PM1BdPp » 692 alimentação
 (a1cM3n1SM1CmBp » 693 eu não me lembro
 (a2cO4n1SM1CmBp » 694 então num sei
 (a1cM*n1SM1CmBp » 695 e São João
 (a2cO2n1SM1CmBp » 696 João mesmo
 (a1cM*n1SM1CmBp » 697 São João
 (a2pO2n1SM1CmBp » 698 João
 (a1cM*n1SM1CmBp » 699 São Pedro
 (a1cM*n1SM1CmBp » 700 São João
 (a2pO2n1SM1CmBp » 701 João
 (a1cM*n1SM1CmBp » 702 São Pedro
 (a1cM3n1SM1CmBp » 703 não sei
 (a1cM3n1SM1CmBp » 704 não sei
 (a1cM*n1SM1CmBp » 705 São Luis
 (a1pM3n1SM1CmBp » 706 não
 (a1vM3n1SM1CmBp » 707 não acredito
 (a1pM3n1SM1CmBp » 708 não
 (a3pO1n1SM1CmBp » 709 de assombração
 (a3cO1n1SM1CmBp » 710 olha de assombração non
 (o1pM3n1SM1CmBp » 711 non
 (a1pO1n1SM1CmBp » 712 mito da religião
 (a3cO1n1SM1CmBp » 713 da região melhor dizendo
 (o2cO4n1SM1CmBp » 714 enton eu tive
 (o2cO4n1SM1CmBp » 715 enton de
 (o2cO4n1SM1CmBp » 716 enton quando apagava
 (o1cM3n1SM1CmBp » 717 verdade ou non mas
 (o1cM3n1SM1CmBp » 718 se non gostar
 (a3vO1n1SM1CmBp » 719 em relação a isso
 (a2pP1n1SM1CmBp » 720 pode doar algum órgão
 (a1vM3n1SM1CmBp » 721 a gente que não e
 (a3vO1n1SM1CmBp » 722 o coração e chega lá
 (o2vO4n1SM1CmBp » 723 enton eu acho
 (a1cO7n1SM1CmBp » 724 assin tão desumano
 (a1cM3n1SM1CmBp » 725 não sei
 (a1cM3n1SM1CmBp » 726 correto ou não mas
 (a2cO1n1SM1CmBp » 727 e uma questão que
 (a1cM3n1SM1CmBp » 728 não sei

(a1pM3n1SM1CmBp » 729 doaria ou não
 (a3vO1n1SM1CmBp » 730 em relação a isso
 (a3cO1n1SM1CmBp » 731 a falta de educação né
 (a3cO1n1SM1CmBp » 732 a educação dele
 (o3pO1n1SM1CmBp » 733 a desorganizaçon
 (a1cM3n1SM1CmBp » 734 não num seria correto
 (a1vM3n1SM1CmBp » 735 não é o correto
 (a2cP1n1SM1CmBp » 736 já o órfão não
 (a1pM3n1SM1CmBp » 737 não
 (a2pP1n1SM1CmBp » 738 um órfão sim
 (a1pM3n1SM1CmBp » 739 menor abandonado não
 (a2cP1n1SM1CmBp » 740 um órfão só pelo fato
 (a1cM3n1SM1CmBp » 741 não tem ninguém
 (a1cM3n1SM1CmBp » 742 não talvez
 (a1cM3n1SM1CmBp » 743 pelo fato de não ser
 (a1vM3n1SM1CmBp » 744 ele não aceita
 (a3cO1n1SM1CmBp » 745 a adoção dele
 (o3pO1n1SM1CmBp » 746 investir mais na educaçon
 (o3vO1n1SM1CmBp » 747 a educaçon envolve tudo
 (a3pO1n1SM1CmBp » 748 habitação
 (o3cO1n1SM1CmBp » 749 sem educacon voce sabe
 (a1cM3n1SM1CmBp » 750 mas não que
 (a1cM3n1SM1CmBp » 751 não facamos
 (a3cO1n1SM1CmBp » 752 melhor qualificação de
 (a1cM3n1SM1CmBp » 753 não todos
 (a3cO1n1SM1CmBp » 754 a educação vai correr bem
 (o2cO4n1SM1CmBp » 755 enton há muita interferencia
 (o3pO1n1SM1CmBp » 756 há na educaçon
 (o1cM3n1SM1CmBp » 757 acho que non só e
 (o3cO1n1SM1CmBp » 758 a educaçon vai
 (o2pO5n1SM1CmBp » 759 eles eston
 (a3pO1n1SM1CmBp » 760 investisse na educação
 (a3pO1n1SM1CmBp » 761 na habitação
 (a3cO1n1SM1CmBp » 762 a falta de atenção dos
 (a3pO1n1SM1CmBp » 763 a corrupção
 (a1vM3n1SM1CmBp » 764 não é café pequeno
 (a1vM5n1SM1CmBp » 765 são altos
 (a1cM5n1TM1DlBc » 766 também são cacerenses
 (a1cM5n1TM1DlBc » 767 são tradicionais
 (a1cM*n1TM1DlBc » 768 São Luiz
 (a3cO1n1TM1DlBc » 769 e minha opinião mas
 (a1pM3n1TM1DlBc » 770 acho que não
 (a2vO4n1TM1DlBc » 771 então eu
 (a1vM3n1TM1DlBc » 772 não acredito
 (a1pM3n1TM1DlBc » 773 não
 (a1pM5n1TM1DlBc » 774 outras histórias são
 (a1cM3n1TM1DlBc » 775 eu não gostar
 (a1cM5n1TM1DlBc » 776 elas são feitas
 (a3pO1n1TM1DlBc » 777 depende da situação

(a3cO1n1TM1DIBc » 778 uma questão que
 (a1pM3n1TM1DIBc » 779 doaria ou não
 (a3pO1n1TM1DIBc » 780 depende da situação
 (a1vM3n1TM1DIBc » 781 não existe mais
 (a3pO1n1TM1DIBc » 782 na minha opinião
 (a3cO1n1TM1DIBc » 783 sofrem uma situação que
 (a1cM3n1TM1DIBc » 784 elas não tem
 (a1vM5n1TM1DIBc » 785 são órfãos
 (a1cM3n1TM1DIBc » 786 não tem pais
 (a2pO4n1TM1DIBc » 787 então
 (a1vM5n1TM1DIBc » 788 são os meus
 (a3cO1n1TM1DIBc » 789 a educação pra mim
 (a3cO1n1TM1DIBc » 790 a educação caminha
 (a2vO4n1TM1DIBc » 791 então eu acho
 (a3cO1n1TM1DIBc » 792 a educação de maneira
 (a3cO1n1TM1DIBc » 793 a educação de Cáceres
 (a1cM3n1TM1DIBc » 794 não fica longe
 (a3cO1n1TM1DIBc » 795 a educação como
 (a1vM3n1TM1DIBc » 796 educar não é ensinar
 (a3cO1n1TM1DIBc » 797 é minha opinião né
 (a3cO1n1TM1DIBc » 798 minha sugestão seria
 (a3cO1n1TM1DIBc » 799 pela educação brasileira
 (o3cO1n1TM1DIBc » 800 numa situação que
 (o2cO4n1TM1DIBc » 801 então daí
 (a3cO1n1TM1DIBc » 802 da educação mesmo
 (a1cM3n1TM1DIBc » 803 não há
 (a3vO1n1TM1DIBc » 804 minha sugestão é
 (a3vO1n1TM1DIBc » 805 a valorização esta
 (a1cM3n1TM1DIBc » 806 não quero
 (a1pM3n1PM2AgBp » 807 minha mãe não
 (a1pM3n1PM2AgBp » 808 não
 (a1cM3n1PM2AgBp » 809 a gente não tem
 (a1cM3n1PM2AgBp » 810 não sou católica
 (a1cM3n1PM2AgBp » 811 não sei
 (a1pM3n1PM2AgBp » 812 não
 (a3pO1n1PM2AgBp » 813 uma impressão assim
 (a3pO1n1PM2AgBp » 814 o coração
 (a1cM3n1PM2AgBp » 815 não vou precisar
 (a2pP1n1PM2AgBp » 816 do órgão
 (a1cM3n1PM2AgBp » 817 não sabem cuidar
 (a1cM3n1PM2AgBp » 818 não tem respeito
 (a1vM3n1PM2AgBp » 819 não aprendeu
 (a2vO4n1PM2AgBp » 820 então até eu
 (a1cM3n1PM2AgBp » 821 não dar
 (a2pO4n1PM2AgBp » 822 então
 (a3cO1n1PM2AgBp » 823 educação muito boa
 (a1cM3n1PM2AgBp » 824 não tem
 (a3cO1n1PM2AgBp » 825 educação muito boa
 (a3cO1n1PM2AgBp » 826 boa educação hoje

(a2pO4n1PM2AgBp » 827 então
 (a3pO1n1PM2AgBp » 828 boa educação
 (a3pO1n1PM2AgBp » 829 educação grande
 (a3pO1n1PM2AgBp » 830 muito boa educação
 (a1cM3n1PM2AgBp » 831 não da
 (a1cM3n1PM2AgBp » 832 não na minha escola
 (a1cM3n1PM2AgBp » 833 não precisa
 (a1pM3n1PM2AgBp » 834 algumas escolas não
 (a1vM3n1PM2AgBp » 835 pra não entrar
 (a1vM3n1PM2AgBp » 836 pra não entrar
 (a1pM3n1PM2AgMc » 837 não
 (a1cM3n1PM2AgMc » 838 eu não sei
 (a1cM*n1PM2AgMc » 839 dia de São Luiz
 (a1cM*n1PM2AgMc » 840 festa de São João
 (a2pO2n1PM2AgMc » 841 João
 (a1cM*n1PM2AgMc » 842 São Luiz
 (a1cM3n1PM2AgMc » 843 não sei
 (a1cM3n1PM2AgMc » 844 não sei
 (a1cM3n1PM2AgMc » 845 não sei
 (a1pM3n1PM2AgMc » 846 não
 (a1cM3n1PM2AgMc » 847 não sei
 (a2pP1n1PM2AgMc » 848 todos os outros órgão
 (a2pP1n1PM2AgMc » 849 e que manda nos outros órgão
 (a3vO1n1PM2AgMc » 850 que a doação e seria
 (a1vM5n1PM2AgMc » 851 são abandonados pelos pais
 (a1vM5n1PM2AgMc » 852 são os órfãos que
 (a1cM5n1PM2AgMc » 853 eles são jogados na
 (a1cM5n1PM2AgMc » 854 órfãos que são mau
 (a3cO1n1PM2AgMc » 855 a educação nas
 (a3cO1n1PM2AgMc » 856 mas a educação nas
 (a1cM5n1PM2AgMc » 857 escolas particulares são boa
 (a1vM5n1PM2AgMc » 858 escolas publicas são os mesmos
 (a1cM3n1PM2AgMc » 859 só que eles já não
 (a1pM5n1PM2AgMc » 860 dão, tem professores
 (a1cM3n1PM2AgMc » 861 já não da aula
 (a1pM3n1PH2AgMc » 862 não, meu pai e goiano
 (a1pM3n1PH2AgMc » 863 não
 (a1cM3n1PH2AgMc » 864 que eu não gosto
 (a1pM3n1PH2AgMc » 865 não
 (a1pM3n1PH2AgMc » 866 não
 (a1cM*n1PH2AgMc » 867 São
 (a2pO2n1PH2AgMc » 868 João, eu acho
 (a1pM3n1PH2AgMc » 869 não
 (a1vM3n1PH2AgMc » 870 ah que não existe pessoas
 (a3pO1n1PH2AgMc » 871 mulher de algodão
 (a2vO1n1PH2AgMc » 872 futebol de salão e basquete
 (a1vM3n1PH2AgMc » 873 se você não estudar
 (a1cM3n1PH2AgMc » 874 não vai ser alguém
 (a3pO1n1PH2AgMc » 875 alimentação

(a1cM3n1PH2AgMc » 876 não pra mostrar
 (a3cO1n1PH2AgMc » 877 sem ter condição de
 (a1cM3n1PH2AgMc » 878 eu não tenho
 (a3pO1n1PH2AgMc » 879 opinião, porque a pessoa
 (a2pP1n1PH2AgMc » 880 o que faz do seu órgão
 (a2vP1n1PH2AgMc » 881 ah órfão e outro caso
 (a1vM3n1PH2AgMc » 882 não quiseram criar
 (a3cO1n1PH2AgMc » 883 tem coração pra cuidar
 (a1cM3n1PH2AgMc » 884 não teria
 (a1pM3n1PH2AgMc » 885 não
 (a1pM3n1PH2AgBc » 886 não
 (a1vM3n1PH2AgBc » 887 não e muito grande
 (a1pM3n1PH2AgBc » 888 nao
 (a1vM3n1PH2AgBc » 889 porque eu não acredito
 (a1cM*n1PH2AgBc » 890 São Luiz
 (a3pO1n1PH2AgBc » 891 com a nossa religião
 (a1pM3n1PH2AgBc » 892 não
 (a3cO1n1PH2AgBc » 893 do algodão também
 (a1pM3n1PH2AgBc » 894 não
 (a1cM3n1PH2AgBc » 895 ah que eu não sei nadar
 (a1cM3n1PH2AgBc » 896 e que eu não sei nadar assim
 (a1cM3n1PH2AgBc » 897 e também eu não gosto
 (a1pM3n1PH2AgBc » 898 não
 (a3pO1n1PH2AgBc » 899 as organização
 (a3pO1n1PH2AgBc » 900 alimentação
 (a1pM3n1PH2AgBc » 901 não
 (a2cO4n1PH2AgBc » 902 então por isso
 (a3pO1n1PH2AgBc » 903 ver tanto em televisão, rádio
 (a1cM3n1PH2AgBc » 904 a não ter mais
 (a1cM5n1PH2AgBc » 905 ah são pessoas
 (a2vO4n1PH2AgBc » 906 então acho
 (a1pM3n1PH2AgBc » 907 não
 (a1pM3n1PH2AgBc » 908 ah não
 (a3pO1n1PH2AgBc » 909 ta normal a educação
 (a1cM3n1PH2AgBc » 910 porque não tem
 (a2cO7n1PH2AgBc » 911 senão fica em pé
 (a1vM3n1PH2AgBc » 912 fazer sexo seguro não antes
 (a2vO4n1PH2AgBc » 913 então isso e uma coisa
 (a2vO4n1PH2AgBc » 914 então eles têm que
 (a1pM3n1PH2AmBp » 915 não
 (a1cM3n1PH2AmBp » 916 como não poderia
 (a1pM3n1PH2AmBp » 917 muito não
 (a1pM3n1PH2AmBp » 918 porque ah não
 (a1vM3n1PH2AmBp » 919 não é bom
 (a1cM3n1PH2AmBp » 920 não
 (a1pM3n1PH2AmBp » 921 não
 (a1pM3n1PH2AmBp » 922 não
 (a1cM3n1PH2AmBp » 923 porque não
 (a1vM3n1PH2AmBp » 924 não acredito em santos

(a1pM3n1PH2AmBp » 925 não
 (a1cM3n1PH2AmBp » 926 isso não gosto
 (a1cM*n1PH2AmBp » 927 São Luiz
 (a1cM*n1PH2AmBp » 928 São Pedro
 (a1pM3n1PH2AmBp » 929 não
 (a1vM3n1PH2AmBp » 930 eu sei que isso não existe
 (a3pO1n1PH2AmBp » 931 assombração
 (a1vM3n1PH2AmBp » 932 não existe
 (a1cM3n1PH2AmBp » 933 não
 (a1pM3n1PH2AmBp » 934 não
 (a1cM3n1PH2AmBp » 935 não lembro
 (a1pM3n1PH2AmBp » 936 não
 (a1cM3n1PH2AmBp » 937 ah não sei
 (a1pM3n1PH2AmBp » 938 não
 (a1pM3n1PH2AmBp » 939 não, é muito perigoso
 (a3pO1n1PH2AmBp » 940 alimentação
 (a1cM3n1PH2AmBp » 941 não sei também
 (a1pM5n1PH2AmBp » 942 muitos são
 (a1cM3n1PH2AmBp » 943 ah que não pensa em estudar
 (a2cP1n1PH2AmBp » 944 órfão que fica na rua
 (a1cM3n1PH2AmBp » 945 porque não tem os seus pais
 (a1cM3n1PH2AmBp » 946 pra eles não ficarem na rua
 (a1vM3n1PH2AmBp » 947 ah não está
 (a1vM3n1PH2AmBp » 948 não está muito boa
 (a1vM3n1PH2AmBp » 949 não está
 (a1vM3n1PH2AmBp » 950 acho que não está
 (a1cM3n1PH2AmBp » 951 não se previnem
 (a1cM3n1PH2AmBp » 952 não se previnem
 (a1pM3n1PH2AgMc » 953 não, meu pai e goiano
 (a1pM3n1PH2AgMc » 954 ainda não, mas
 (a1cM*n1PH2AgMc » 955 por na festa de São
 (a2pO2n1PH2AgMc » 956 João
 (a1pM3n1PH2AgMc » 957 não
 (a3pO1n1PH2AgMc » 958 isso até é inventação
 (a3vO1n1PH2AgMc » 959 e assombração a noite
 (a1vM3n1PH2AgMc » 960 também não acho
 (a1vM3n1PH2AgMc » 961 não é
 (a3pO1n1PH2AgMc » 962 assombração isso aí
 (a1pM3n1PH2AgMc » 963 não
 (a1vM3n1PH2AgMc » 964 eu acho que não é bem
 (a3pO1n1PH2AgMc » 965 do minhocão
 (a3vO1n1PH2AgMc » 966 do minhocão aqui em Cáceres
 (a3pO1n1PH2AgMc » 967 o minhocão diz que aparece
 (a2vO4n1PH2AgMc » 968 então eu me concientizo
 (a1vM3n1PH2AgMc » 969 isso aí não é nada bom
 (a2pP1n1PH2AgMc » 970 você tem um órgão
 (a3pO1n1PH2AgMc » 971 está funcionando o coração
 (a1cM3n1PH2AgMc » 972 num é legal não doar
 (a2pP1n1PH2AgMc » 973 um órgão

(a1pM3n1PH2AgMc » 974 po porque não
 (a2pP1n1PH2AgMc » 975 doa um órgão
 (a1cM3n1PH2AgMc » 976 não tem
 (a2pP1n1PH2AgMc » 977 nem órgão
 (a1cM3n1PH2AgMc » 978 tem outros que não
 (a1pM5n1PH2AgMc » 979 são
 (a1pM3n1PH2AgMc » 980 que não
 (a1cM5n1PH2AgMc » 981 vão poder
 (a1pM5n1PH2AgMc » 982 também são
 (a1pM5n1PH2AgMc » 983 parece assim que são
 (a1cM5n1PH2AgMc » 984 que dão medo
 (a1pM3n1PH2AgMc » 985 uns não
 (a1pM5n1PH2AgMc » 986 eles que dão
 (a1cM3n1PH2AgMc » 987 se eles não têm
 (a1cM3n1PH2AgMc » 988 do que não ter nada
 (a3pO1n1PH2AgMc » 989 a educação depende
 (a3cO1n1PH2AgMc » 990 a educação também
 (a1cM3n1PH2AgMc » 991 não tá boa
 (a3pO1n1PH2AgMc » 992 que tem que ser pra educação
 (a1vM3n1PH2AgMc » 993 isso aí não é bom
 (a1cM3n1PH2AgMc » 994 só porque não recebeu
 (a1cM3n1PH2AgMc » 995 isso aí não num vale
 (a1pM3n1PH2AgMc » 996 escola particular não
 (a3cO1n1PH2AgMc » 997 ajuda na formação da criança
 (a1cM3n1PH2AgMc » 998 as professoras não precisavam
 (a1cM3n1PH2AgMc » 999 isso aí não pode acontecer
 (a1cM5n1PH2AgMc » 1000 todos são pior
 (a1vM5n1PH2AgMc » 1001 o aborto e a aids são os piores
 (a1cM3n1PH2AgMc » 1002 não quer ter o filho
 (a2cO5n1PH2AgMc » 1003 tão
 (a2pO5n1PH2AgMc » 1004 tão aí
 (a2cO5n1PH2AgMc » 1005 tão mortos
 (a2cO5n1PH2AgMc » 1006 tão morrendo
 (a1vM3n1PH2AgMc » 1007 isso aí não é bom também
 (a1vM5n1PH2AgMc » 1008 os cantores são o cultura
 (a1pM3n1PH1AgBp » 1009 não
 (a1vM3n1PH1AgBp » 1010 não é com
 (a1vM3n1PH1AgBp » 1011 o ar é puro não é como lá
 (a1cM*n1PH1AgBp » 1012 festa de São
 (a2pO2n1PH1AgBp » 1013 João
 (a3pO1n1PH1AgBp » 1014 na minha opinião
 (a1cM*n1PH1AgBp » 1015 São Luiz de Cáceres
 (a1pM3n1PH1AgBp » 1016 não
 (a1pM3n1PH1AgBp » 1017 num lembro agora não
 (a2pO1n1PH1AgBp » 1018 meu pulmão
 (a3pO1n1PH1AgBp » 1019 preservação
 (a3cO1n1PH1AgBp » 1020 porque a preservação cuida
 (a2cO5n1PH1AgBp » 1021 tão morrendo
 (a1cM3n1PH1AgBp » 1022 pessoas que não o

(a1vM5n1PH1AgBp » 1023 dão os seus órgãos
 (a1vM3n1PH1AgBp » 1024 essas pessoas não acreditam
 (a1vM3n1PH1AgBp » 1025 até não aguentar mais
 (a1pM5n1PH1AgBp » 1026 eles são assim
 (a1cM5n1PH1AgBp » 1027 os pais deles são foram
 (a1pM3n1PH1AgBp » 1028 eu não
 (a3cO1n1PH1AgBp » 1029 a educação no Brasil
 (a1vM3n1PH1AgBp » 1030 fazer um acordo e não uma
 (a1cM3n1PH1AgBp » 1031 pra não ter mais greve
 (a1pM3n1PH2AgBc » 1032 não
 (a1pM3n1PH2AgBc » 1033 não
 (o1cM3n1PH2AgBc » 1034 non festas muito
 (a1pM3n1PH2AgBc » 1035 não
 (a1vM3n1PH2AgBc » 1036 nos não guardamos
 (a1cM*n1PH2AgBc » 1037 São Luiz e
 (a1pM3n1PH2AgBc » 1038 nao
 (a3cO1n1PH2AgBc » 1039 porque assombração nun
 (a1vM3n1PH2AgBc » 1040 num não e real
 (a3cO1n1PH2AgBc » 1041 era assombração que
 (a1vM3n1PH2AgBc » 1042 mas eu nao acredito
 (a3vO1n1PH2AgBc » 1043 religião e
 (a3cOyn1PH2AgBc » 1044 Educação Física
 (a3cO1n1PH2AgBc » 1045 porque religião nós aprende
 (a3cOyn1PH2AgBc » 1046 e Educação Física
 (a3pO1n1PH2AgBc » 1047 habitação
 (a1cM3n1PH2AgBc » 1048 a maioria das pessoas não tem
 (a1cM5n1PH2AgBc » 1049 eles são obrigados
 (a2vP1n1PH2AgBc » 1050 ta precisando de um órgão e
 (a1cM5n1PH2AgBc » 1051 e vão pra
 (a1cM3n1PH2AgBc » 1052 muitos não porque
 (a1cM3n1PH2AgBc » 1053 os pais não deveria abandonar
 (a1cM5n1PH2AgBc » 1054 eles vão ficar muito
 (a1cM3n1PH2AgBc » 1055 o filho e perigoso não querer
 (a3pO1n1PH2AgBc » 1056 a educação
 (a3cO1n1PH2AgBc » 1057 a educação da escola
 (a1cM3n1PH2AgBc » 1058 assim eu não sei responder

